



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEDC) CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE (PPGEDUC 1)



Luciana Pereira de Oliveira Cruz

Um olhar sobre as Ciências Sociais na Bahia:
história de um campo em formação

**Salvador,
Agosto, 2019**

Luciana Pereira de Oliveira Cruz

Um olhar sobre as Ciências Sociais na Bahia:
história de um campo em formação

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no âmbito da Linha de Pesquisa I - Processos Civilizatórios: Educação, Memória, Pluralidade Cultural, vinculada ao Grupo de Pesquisa Pensamento e Contemporaneidade, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação e Contemporaneidade

Orientadora: Dra. Sueli Ribeiro da Mota Souza

Salvador,

Agosto, 2019

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

Dados fornecidos pelo autor

C957u

Cruz, Luciana Pereira de Oliveira

Um olhar sobre as Ciências Sociais na Bahia: história de um campo em formação/ Luciana Pereira de Oliveira Cruz—Salvador, 2019
181 fls: il

Orientador (o) a: Profa. Dra. Sueli Ribeiro da Mota Sousa
Inclui referências.

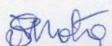
Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Campus I. 2019

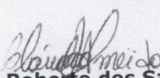
1. Formação. 2. História. 3. Ciências Sociais 4. Bahia.

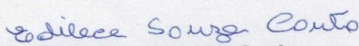
CDD:370

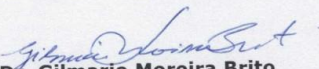
FOLHA DE APROVAÇÃO**UM OLHAR SOBRE AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA BAHIA: HISTÓRIA DE
UM CAMPO EM FORMAÇÃO****LUCIANA PEREIRA DE OLIVEIRA CRUZ**

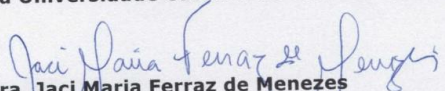
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 20 de agosto de 2019, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:

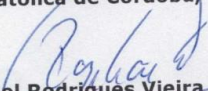

Profa. Dra. Sueli Ribeiro Mota Souza
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil


Prof. Dr. Claudio Roberto dos Santos de Almeida
Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF
Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil


Profa. Dra. Edilece Souza Couto
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em História
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil


Prof. Dr. Gilmar Moreira Brito
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em História
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, Brasil


Profa. Dra. Jaci Maria Ferraz de Menezes
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Ciências de La Educación
Universidade Católica de Córdoba, UCC, Argentina


Prof. Dr. Raphael Rodrigues Vieira Filho
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em História do Brasil
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil

Dedicatória

*A Henrique e Márcio que sempre
estiveram ao meu lado dando a maior força.*

Agradecimento

A Deus, e todas as forças positivas do universo que possibilitou chegar até aqui. A realização desta pesquisa se deu com a colaboração de muitas pessoas, por isso um agradecimento especial.

A minha família, meus pais Almiro de Oliveira Cruz e Maria Aurea Pereira Cruz, pelo amor, carinho e atenção dedicada a cada um de nós. Meus irmãos Almir, Aurelita (Bebe),Alaide, Analice, Aurinha, Zelita e Alex, ao meus sobrinhos, em especial Ícaro e Arthur, pela força constante.

À meu marido/amigo/companheiro Marcilone de Jesus (Marcio) e meu precioso filho Henrique de Oliveira, pelo carinho de sempre.

À Professora Sueli Mota, que além de orientadora e amiga, sempre acreditou no desafio de realizar esta pesquisa. A cada encontro para orientação era lançado um novo desafio sobre a pesquisa, você sabia que teria fôlego para responder.

A Família Carvalho Elisa, Gildete (Gil), Janete e Ginalva (Gina), irmãs que a vida me deu e sempre cuidaram da minha estadia em Salvador.

Ao meu querido amigo André Pedreira, que abriu as portas de sua casa para me receber com todo carinho, presente da UNEB para a vida toda.

Aos amigos da turma de 2015: Adelson, Patrícia, Cássia, Fatima Beraldo, Hanilton, Leonardo Lins, Lilian, Fatima Frazão, Valnice, Marcos Paulo, Andrea, Jesse, Max, Thyara, em especial, a Leidinalva (Leidi) e Leo Silveira, gente da melhor qualidade.

Aos amigos que fiz no PPGEduc professores, funcionário e técnicos deste programa.

Aos professores Jaci Meneses e Gilmário Brito, pela disposição de dialogar comigo.

Ao grupo de pesquisa Pensamento e Contemporaneidade com fecundas discussões sobre a realidade que vivemos dia a dia.

À Fundação de Amparo à Pesquisa na Bahia (FAPESB), pelo apoio financeiro para realização do trabalho.

Por onde passei encontrei muito apoio, nas visitas aos arquivos sempre encontrei gente disposta a me ajudar. No Arquivo do Departamento de Ciências Sociais da UFBA, no Museu Pedagógico da UESB, na UNEB, no Arquivo Central de Salvador, na Biblioteca dos Barris.

À minha Universidade do Estado da Bahia, lugar que acredito fazer toda diferença na vida das pessoas e na educação desse Estado.

Obrigado

“E nesse passo fomos nos inteirando das representações e hierarquizações com que também os cientistas sociais buscam (re) construir o passado de seus antecessores como parte de seu presente[...], num trabalho sistemático de ordenamento e racionalização que cada geração de produtores procura recosturar, como que tentando moldar a sua própria posição e firmar o valor da sua contribuição para a história intelectual de que se sentem e se vêm com participantes.”

Sergio MICELI (2001, p.14)

CRUZ, Luciana Pereira de Oliveira. **Um olhar sobre as Ciências Sociais na Bahia: histórias de um campo em formação.** Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc. Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Salvador, 2019.181 fls.

Resumo

Esta tese analisa a História das Ciências Sociais na Bahia, desde a origem dos primeiros registros de estudos sobre temas sociais até a formação dos cursos na atualidade. Tendo como objetivo principal fazer uma reflexão sobre a trajetória de vida e experiências de sujeitos envolvidos com o tema em diferentes períodos históricos e contextos. Trata de discutir a presença dos primeiros pesquisadores brasileiros e estrangeiros que estudaram temas sociais na Bahia; as influências de diferentes áreas de conhecimento (medicina, direito e engenharia), para formação dos primeiros grupos de interpretes da sociedade baiana e os estudos de comunidade. Entre estes interpretes estão: Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Teodoro Sampaio, Manuel Quirino, Gilberto Freyre, Donald Pierson, Charles Waghey. Apresenta a formação das primeiras instituições de ensino superior do Estado; da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade da Bahia. Destaca a criação do curso de Ciências Sociais na UFBA, com a participação de Isaias Alves, Anísio Teixeira, Thales de Azevedo, Luiz Aguiar Costa Pinto, Guerreiro Ramos e Vivaldo Costa Lima; as Escolas de Sociologia e Política de Salvador e Vitória da Conquista. Além de destacar a presença feminina de professoras e pesquisadoras como Ruth Landes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Edith Mendes da Gama de Abreu, Zahidé Machado Neto, Maria Davis de Azevedo Brandão, Consuelo Pondé de Sena e Josildeth Consorte que desenvolveram estudos sobre temas sociais na Bahia. É uma pesquisa histórico e documental realizada nos Arquivos do Departamento de Ciências Sociais da UFBA; nos Arquivos do Museu Pedagógico de Vitória da Conquista (UESB); nos Arquivos de Teses Raras da Biblioteca dos Barris em Salvador-BA; no Arquivo Municipal de Salvador. Baseado na análise de teóricos como E.P.Thompson, Sergio Miceli, Thales de Azevedo, Lucia Luppi de Oliveira, Enrique Dussel, investiga como ocorreu a formação em Ciências Sociais no Estado. Por último, analisa a construção do curso na UFBA, UESB e UNEB a partir da matriz curricular em cada instituição e quais os desdobramentos para produção de conhecimento na Contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVES: Formação, História, Ciências Sociais, Bahia.

CRUZ, Luciana Pereira de Oliveira. **A look at the Social Sciences in Bahia: stories of a field in formation.** Thesis (Doctorate Degree). Postgraduate Program in Education and Contemporaneity - PPGEduc. Department of Education. University of the State of Bahia - UNEB, Salvador, 2019.181 fls.

ABSTRACT

This thesis analyzes the History of Social Sciences in Bahia, from the origin of the first records of studies about social topics to the formation of courses in the present time. Its main objective is to reflect on the life trajectory and experiences of subjects involved with the theme in different historical periods and contexts. It is discuss the presence of the first researchers Brazilian and foreign researchers who studied social issues in Bahia; the influences from different areas of knowledge (medicine, law and engineering), to form the first groups of interpreters of society Bahia and community studies. Among these interpreters are: Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Teodoro Sampaio, Manuel Quirino, Gilberto Freyre, Donald Pierson, Charles Waghey. It presents the formation of the first institutions of higher education of the state; the Faculty of Philosophy, Sciences and Letters of the University of Bahia. The creation of the Social Sciences course at UFBA, with the participation of Isaias Alves, Anísio Teixeira, Thales de Azevedo, Luiz Aguiar Costa Pinto, Guerreiro Ramos, Vivaldo Costa Lima, the Schools of Sociology and Politics of Salvador and Vitória da Conquista. In addition to highlighting the female presence of teachers and researchers such as Ruth Landes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Edith Mendes da Gama de Abreu, Zahidé Machado Neto, Maria Davis de Azevedo Brandão, Consuelo Pondé de Sena and Josildeth Consorte who developed studies on social issues in Bahia. It is a historical and documentary research carried out in the Archives of the Department of Social Sciences of UFBA; in the Archives of the Pedagogical Museum of Vitória da Conquista (UESB); in the Rare Theses Archives of the Barris Library in Salvador, Bahia; in the Municipal Archive of Salvador. Based on the analysis of the theorists as E.P.Thompson, Sergio Miceli, Thales de Azevedo, Lucia Luppi de Oliveira, Enrique Dussel, investigates how the formation in Social Sciences in the State happened. Finally, it analyzes the construction of the course in UFBA, UESB and UNEB from the curricular matrix in each institution and what are the developments for the production of knowledge in Contemporaneity.

KEY WORDS: Formation, History, Social Sciences, Bahia.

CRUZ, Luciana Pereira de Oliveira. **Regard sur les sciences sociales à Bahia: histoires d'un champ en formation.** Thèse (Doctorat). Programme en Master dans Education et contemporaine - PPGEduc. Département de l'éducation. Université de l'État de Bahia - UNEB, Salvador, 2019.181 f.

RÉSUMÉ

Cette analyse a été inscrite dans les registres de la société civile de Bahia, depuis le début de la période d'enregistrement des droits d'inscription dans les différentes sociétés, ainsi que dans les formalités de formation des cours. Résultats de recherche principaux objectifs et réflexions sur un trajet en temps réel et des expériences sur les envois de rechange pour le traitement de différents types de données et leur contexte. Il tente de discuter de la présence des premiers chercheurs brésiliens et étrangers qui ont étudié les questions sociales à Bahia; a influencé de différentes zones de conformation (médecine, droit et ingénierie), par le biais des groupes d'interprètes de la société, ainsi que de l'évaluation de la composition. Entre interprètes: Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Teodoro Sampaio, Manuel Quirino, Gilberto Freyre, Donald Pierson, Charles Waghey. Liste de contrôle des institutions institutionnelles du supérieur hiérarchique; La Faculté de la filière, les universités et les universités de la Bahia. Informations sur les sociétés partenaires, participations, investisseurs similaires, Anísio Teixeira, Thales de Azevedo, Luiz Aguiar Costa Pinto, Guerrier Ramos et Vivaldo Costa Lima; en tant qu'écoles de sociologie et politique du Salvador et de la culture de la conquête. En savoir plus sur les professeurs et les enseignantes dont Ruth Landes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Edith Mendes de Gama de Abreu, Zahidé Machado Neto, Maria Davis de Azevedo Brandão, Consuelo Pondé de Sena et Josildeth. Équité pesante historique et documentaire réalisé nos archives du Département des affaires sociales de UFBA; nos archives du musée pédagogique de la science de Vitória da Conquista (UESB); nos archives de mémoires de bibliothèque de Barris – Salvador - BA; et Dossier Comté du Salvador. À propos des artistes comme E.P.Thompson, Sergio Miceli, Thales de Azevedo, Lucia Luppi de Oliveira, Enrique Dussel, enquêté à ce sujet dans les médias sociaux. En savoir plus sur les constructions et les programmes UFBA, UESB et UNEB dans le cadre de programmes scolaires et institutionnels et qui sont maintenant décrits dans le guide de référence.

MOTS-CLÉS: Formation, Histoire, Sciences sociales, Bahia.

Lista de Imagens

Imagem1: Terreiro de Jesus.....	31
Imagem 2: Prédio da Faculdade de Medicina na atualidade.....	33
Imagem 3: Nina Rodrigues.....	39
Imagem 4: Folha de rosto da Tese de José Botelho Benjamin.....	45
Imagem 5: Teodoro Sampaio.....	49
Imagem 6: Manuel Quirino.....	50
Imagem 7: Folha de rosto do Livro Bahia de Outrora.....	51
Imagem 8: Frans Uri Boas.....	53
Imagem 9: Gilberto Freyre.....	54
Imagem 10: Donald Pierson.....	56
Imagem 11: Ruth Landes.....	59
Imagem12: Edson Carneiro.....	59
Imagem13: Reunião para Inauguração da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia (1940).....	67
Imagem14: Anísio Teixeira.....	70
Imagem 15: Isaías Alves.....	72
Imagem16: Luiz Aguiar Costa Pinto.....	74
Imagem17: Thales de Azevedo.....	75
Imagem18: Primeira edição do livro Povoamento da Cidade de Salvador-1949 ...	76
Imagem 19: Alberto Guerreiro Ramos.....	77
Imagem 20: Regimento do Ginásio da Bahia.....	79
Imagem 21: Livro de frequência dos alunos de Ciências Sociais.....	80
Imagem 22: Livro de Matrícula da Faculdade de Filosofia em 1946.....	81
Imagem 23: Relatório de primeira publicação da pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia.....	85
Imagem 24: Primeira publicação do livro de 1966.....	86
Imagem 25: Vivaldo da Costa Lima.....	87
Imagem 26: Registro da Escola de Sociologia e Política de Salvador.....	91
Imagem 27: Alunos e Professores da Faculdade de Sociologia e Política de Vitória da Conquista.....	93
Imagem 28: Registro de matrícula da Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista.....	94

Imagem 29: Alunos da Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista- BA em 1965.....	95
Imagem 30: Martiniano Eliseu do Bomfim e Ruth Landes.....	106
Imagem 31: Martiniano Eliseu do Bomfim.....	107
Imagem 32: Maria Isaura Pereira de Queiros.....	108
Imagem 33: Edith Mendes da Gama e Abreu.....	111
Imagem 34 Posse de Edith Mendes da Gama e Abreu na Academia Baiana de Letras em 1938.....	111
Imagem 35: Dossiê de Edith Mendes da Gama e Abreu.....	112
Imagem 36: Zahidé Maria Machado Neto.....	114
Imagem 37: Capa do livro Sociologia Básica de Zahidé M.M Neto.....	115
Imagem 38: Maria David de Azevedo Rebouças Brandão.....	117
Imagem 39: Capa do Livro Thales de Azevedo. Memórias do Saber.....	118
Imagem 40: Capa do dossiê de Consuelo Pondé de Sena.....	119
Imagem 42: Consuelo Pondé de Sena.....	120
Imagem 43: Josildeth Gomes Consorte.....	121
Imagem 44: Capa do Religião Política Identidade.....	122
Imagem 45 Josildeth G.Consorte. Homenagem com o título de Doutora Honoris Causa.- UESB.....	122
Imagem 46: Casarão do Prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas UFBA.....	126
Figura 47: Registro sobre histórico e fundação da Faculdade de Filosofia-UFBA.....	127
Imagem 48: Registro do Livro 1 de 1943 sobre Formação, objetivos e conceitos sobre Ciências Sociais.....	128
Imagem 49: Registro sobre o Método de pesquisa do curso de Ciências Sociais - UBa.....	131
Imagem 50: Registro do Programa do curso de Ciências Sociais em 1944 – UBa.....	134
Imagem 51: Prédio do Museu Pedagógico de Vitoria da Conquista.....	143

Lista de Quadros

Quadro 1: Quadro de formação dos primeiros estudos relacionados as Ciências Sociais e os estudos realizados na Faculdade de Medicina da Bahia.....	35
Quadro 2: Alunos do 1º ano do curso de Ciências Sociais da Universidade da Bahia em 1943.....	80
Quadro 3: Na Universidade da Federal da Bahia estava agrupada as seguintes escolas.....	88
Quadro 4: Escolas vinculadas a Universidade Católica da Bahia.....	88
Quadro 5: Estabelecimentos de ensino Superior da Bahia em 1966.....	89
Quadro 6: Escolas particulares de ensino superior em Salvador 1966.....	89
Quadro 7: Faculdade particular de ensino superior no interior da Bahia 1966.....	90

Lista de Abreviaturas e Siglas

BA-Bahia

CPDOC- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

FNFi-Faculdade Nacional de Filosofia

MEC- Ministério da Educação e Cultura

PPP- Projeto Político Pedagógico

UB-Universidade do Brasil

UBa- Universidade da Bahia

UFBA-Universidade Federal da Bahia

UNEB-Universidade do Estado da Bahia

UESB- Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UDF-Universidade do Distrito Federal no Rio de Janeiro

UEBAs- Universidade Estaduais da Bahia

UEFS-Universidade Estadual de Feira de Santana

USP-Universidade de São Paulo

Sumário

INTRODUÇÃO

CAPITULO 1 – OS PRIMEIROS ESTUDOS E IMPRESSÕES SOBRE AS BAHIA

1.1 ENTRE REGISTROS E VIVÊNCIAS: NOVOS OLHARES.....	21
1.2 UM OLHAR SOBRE OS TRÓPICOS À LUZ DO POSITIVISMO: SOBRE A TEORIA E AS PRÁTICAS.....	21
1.2.1-Entre Médicos, Jurista, Engenheiro e Literatos: os primeiros interpretes.....	30
1.2.2-Os médicos e a interpretação social.....	37
1.2.3-Os Juristas E as doutrinas evolucionistas.....	47
1.2.4- Engenheiros, jornalista, geógrafos, historiadores e as descrições sobre a realidade.....	49
1.2.5 Das Artes e ofício à valorização da cultura negra: Manuel Querino.....	49
1.3- O ENCONTRO DE PESQUISADORES ESTRANGEIROS E BRASILEIROS PARA ESTUDAR AS RELAÇÕES RACIAIS NA BAHIA.....	64

CAPITULO 2-O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CIENCIAS SOCIAIS

2.1-A conjunção das primeiras instituições de ensino superior da Bahia.....	64
2.2-Intelectuais baianos e a criação da Universidade da Bahia.....	70
2.3-Criação do Curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras–UB.....	78
2.3.1- O Departamento de Pesquisa Sociais do Estado da Bahia.....	82
2.3.2-Escola de Sociologia e Política da Bahia.....	88
2.3.3- Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista.....	90

CAPITULO 3- A PRESENÇA FEMININA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS DA BAHIA

3.1 OS DESAFIOS DO FAZER ACADÊMICO E O PAPEL DAS MULHERES NAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA PERSPECTIVA DE ENRIQUE DUSSEL.....	104
--	-----

3.2 DO OLHAR FEMININO À FORMAÇÃO DE NOVAS BASES: A PRESENÇA NORTE-AMERICANA E PAULISTA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS DA BAHIA.....	106
3.2.1 Ruth Landes: Entre relações inter-raciais e crenças religiosas.....	106
3.2.2 Maria Isaura Pereira de Queiroz: Um estudo sobre a tradição rural e os movimentos messiânicos na Bahia.....	107
3.3.1 Da formação em Direito aos estudos feministas: Zahidé Machado Neto.....	109
3.3.2. As crenças populares nos estudos de Maria Azevedo Brandão.....	112
3.3.3 Consuelo Pondé de Sena e a Antropologia do Agreste Baiano.....	113
3.3.4 Josildeth Gomes Consorte e as Manifestações Religiosas Brasileira.....	121
CAPITULO 4- O ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS BAIANAS	
4.1- Formação em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia (UFBA).....	125
4.1.2 A Reforma Universitária de 1968 e as mudanças na formação no ensino superior Federal da Bahia.....	139
4.2- Formação em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).....	143
4.3- Formação em Ciências Sociais na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).....	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
REFERÊNCIAS.....	167
ANEXO	

INTRODUÇÃO

Refletir sobre as Ciências Sociais na Bahia foi um desafio ambicioso e, ao mesmo tempo, instigador, porque provocou não só a ideia de construção, desconstrução e reconstrução de pensamento, mas também um novo olhar sobre o passado, o presente e as possibilidades futuras. A reflexão sobre as Ciências Sociais tem sido, nos últimos sessenta anos, contemplada nos estudos de autores como Cândido (1957), Azevedo (1964), Micele (2001), Oliveira (2003). Contudo, por razões diversas, a abrangência sobre o tema ainda é muito tímida e essas razões precisam ser reconhecidas e analisadas. Portanto, com a ideia de construir um olhar mais formativo sobre a história das Ciências Sociais baianas, realizei a pesquisa com o objetivo de indagar sobre esta área de conhecimento que, desde a sua origem, caracteriza-se como campo em formação.

As Ciências Sociais, enquanto campo de conhecimento, surgiram no Século XIX, na Europa, a partir de ramificações das Ciências Humanas. Seu objeto é a análise das questões sociais nas suas diferentes nuances, ou seja, as questões que envolvem as ações de pessoas vivendo em grupo, em diferentes lugares ou formas de organização. Seu objetivo é analisar a sociedade com base nos quadros ou nos modelos que se formam ao longo da existência humana, desde o passado até o mundo avançado das novas tecnologias.

Elaborada pelo próprio nascimento do que foi considerado sociedade moderna, na visão eurocêntrica, as Ciências Sociais ainda é um campo em formação. Como todo conhecimento pertencente às Ciências Humanas, não está pronto, nem acabado, permanecendo em um constante estágio de reelaboração. Desde a sua origem, passa pela necessidade de se retroalimentar de novos elementos sociais para não deixar de existir. Ou seja, é um campo de conhecimento que tem como base a existência humana vivendo em grupo.

As Ciências Sociais são formadas pelas disciplinas Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas. Este campo de conhecimento foi se moldando com a contribuição de outras áreas, a exemplo da Filosofia e da História que, segundo Hochman (1994), são campos de conhecimento complementares entre si, porque buscam, nas ações humanas, elementos condutores para a produção de conhecimento.

Para a realização da pesquisa feita para esta tese, busquei estudos e documentos que pudessem evidenciar o que tem sido produzido com relação à história das Ciências Sociais no Brasil e na Bahia. A busca por esses documentos se deu porque eles podem ser descritos como instrumentos de análise de conteúdo, os quais apontam como o *corpus* de uma determinada área de conhecimento está registrada.

Apesar desse registro, estamos vivendo um momento em que o ensino de Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas está deixando de fazer parte do currículo dos cursos de ensino médio (neste caso a Sociologia) e do ensino superior do País, para tornarem-se temas transversais em alguns Projetos Político-Pedagógicos, em outros estão sendo extintos. Por isso, a necessidade da produção de novos conhecimentos sobre esta temática.

Neste sentido, trazer as Ciências Sociais como objeto para a compreensão da realidade é contribuir, de forma específica, para as leituras sobre a educação na contemporaneidade baiana. E antes de tudo, buscar estabelecer uma relação direta entre os fatores de estruturação do pensamento social, da educação e da dinâmica da sociedade, em diferentes momentos da História.

Por essa razão, compreender os significados e os significantes dos resultados da pesquisa realizada, constitui conhecer melhor como os fundamentos sobre História serviram de alicerce para este estudo. O primeiro aspecto a ser tratado parte do olhar de *Le Goff* (2003, p.18), que apresenta uma reflexão sobre a palavra história. *A palavra “história” (em todas as línguas românicas e em inglês) vem do grego historie, o sentido de “aquele que vê”. Historie significa, pois, procurar. É este o sentido da palavra de Heródoto, no início de suas Histórias, que são “investigações”, “procura”.*

Nesse sentido, busquei desenvolver o presente estudo à procura de uma história que está ao mesmo tempo presente e invisível. Isso foi possível a partir de conhecer a história da formação em Ciências Sociais na presença dos sujeitos que contribuíram para o desenvolvimento dessa área de estudo na Bahia. Dessa maneira, procuro mostrar que o tempo pressupõe a possibilidade de se investigar um campo de conhecimento que está registrado nos arquivos, nos documentos, mas também está presente na memória.

Por isso, é preciso considerar que a História é ação, é movimento. Penso que são objetos móveis que pulsam de forma dinâmica na própria condição humana. Daí a necessidade de ir além. Interrogar os documentos, suas origens: Quem os produziu? Que tipo de informações trazem? Quem os guardou? Qual a sua contribuição? Foram produzidos para que ou quem? Em que lugar estavam guardados? Na investigação feita para este estudo, os documentos foram as principais fontes de informação.

Dessa forma, busquei caminhos para refletir sobre a História enquanto ciência que estuda o desenvolvimento humano, no transcorrer do tempo. Isso significa trazer para o debate embasamentos que serviram de suporte para as questões gerais da realidade que envolvem o objeto. Nessa perspectiva, o pensamento do historiador inglês E.P. Thompson (1924-1993), inspira-me a pensar sobre a História e quais são as contribuições teórico-metodológicas que este campo de conhecimento traz para outras ciências, como as Ciências Sociais, por exemplo.

E. P. Thompson parte do princípio da dialética marxista para entender a história de si e assim relacioná-la com os fenômenos sociais. Compreender como é concebida a história de si é dar sentido aos processos que envolvem a produção de novos conhecimentos. A partir deste aspecto, é possível estabelecer os caminhos que compreendem as relações entre os sujeitos, suas produções no mundo do trabalho e suas concepções sobre a vida em sociedade.

O pensamento de Thompson trata de discutir a História e as relações entre o mundo real e a produção, enquanto elemento de uma mesma realidade. Essa realidade é o principal elemento para se compreender a formação de um campo de conhecimento, estabelecido a partir das estruturas que compõem a sociedade. Por esta razão, seu estudo torna-se pertinente por se tratar de aproximar o debate entre as condições em que se encontra a realidade cotidiana e a ação do sujeito, nos mais variados contextos sociais.

Isso implica destacar a concepção dialética marxista para desenvolver a ideia de que a História é a *práxis* e a *práxis* é o mundo real. O mundo real é a ação humana, definida a partir do reconhecimento da *práxis* como uma conduta do ser social. Essa conduta é palpável a partir do produto e da produção humana.

O mundo real é o mundo em que as coisas, as relações e os significados são considerados produtos de um mesmo fenômeno — a sociedade.

Na pesquisa efetuada, o campo são as Ciências Sociais; as relações de produção, os caminhos percorridos por diferentes sujeitos para a formação e produção do conhecimento científico social na Bahia; a experiência são as histórias de si, vividas por homens e mulheres sujeitos de um determinado momento histórico, que possuem um elo comum: interpretar a sociedade a partir do conhecimento científico.

As condições para essa interpretação são determinadas pelos fenômenos sociais e as experiências provadas pelos sujeitos na condução do agir e do pensar, na relação sujeito e objeto, na produção e no produto condicionados pelo mundo do conhecimento e a apreensão da realidade.

Essa apreensão, com base na epistemologia thompsoniana, abre um campo de possibilidade para as interpretações histórico-sociais como critérios possíveis para a compreensão da realidade. Seus estudos são pertinentes e apropriados, pois tratam de forma mais avançada o entendimento sobre a sociedade, as ciências e a história. Thompson parte da dialética marxista da historicidade e totalidade dos fenômenos sociais, que devem ser analisados dentro de uma realidade estruturada como fatos racionais e compreensivos. Por isso, a História é concebida como processo da vida real dos homens e das mulheres, das relações que estabelecem entre si, entre si e a natureza, por meio do trabalho e da produção do conhecimento.

Martins (2006, p.116, apud Kosik, 1995, p. 44) esclarece que totalidade não significa todos os fatos, mas significa “realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido”.

Ao discutir a dialética marxista, Thompson rompeu com um padrão até então estabelecido para os estudos sobre a sociedade, trazendo para o centro da discussão a ideia de experiência como principal aspecto, ao se considerar um estudo sobre as condições de existências dos sujeitos e do conhecimento na sociedade. Estes aspectos são fundamentais para o entendimento dos modelos

de formação na contemporaneidade que, na sua essência, precisam ser percebidos como algo dinâmico e inacabado.

Assim como Thompson, outros teóricos são referências fundamentais para o desenvolvimento do tema em questão, como os trabalhos realizados por Sérgio Miceli (2001), que estuda a *História das Ciências Sociais no Brasil* desde o nascimento como campo de conhecimento, passando pela formação dos primeiros grupos de intelectuais genuinamente brasileiros, até as instituições de onde emergiram importantes sociólogos para o cenário nacional e internacional. Miceli trata de indagar o lugar social ocupado pelos primeiros cientistas sociais brasileiros, profissionalmente habilitados, para desenvolverem ações em diferentes partes do País. Essa profissionalização está diretamente relacionada com a formação de intelectuais na Bahia, conseqüentemente, alguns desses profissionais participaram ativamente da consolidação dessa formação no Estado.

Além dessas referências, o pensamento de Enrique Dussel (1934), filósofo argentino, ajuda a compreender por que a contribuição e o trabalho das mulheres são pouco destacados no campo das ciências, tendo em vista que ele toma a questão do encobrimento do outro como forma de dominação.

Outros trabalhos de pesquisa são considerados importantes para esta tese, como os estudos do médico, escritor, professor de etnografia Thales de Azevedo (1904-1995), cujos registros são fundamentais para se compreender quais os caminhos trilhados pela Ciências Sociais no estado. Os arquivos deixados por Azevedo são de imensa riqueza como fonte de pesquisa, com destaque para o livro *As Ciências Sociais na Bahia*, publicado pela Fundação Cultural da Bahia, em 1964, o qual serviu de aporte teórico para descrever os primeiros anos de estudos sócio-antropológicos realizados na Bahia.

A pesquisa histórico-documental foi a metodologia norteadora, sustentada em dois eixos: o primeiro, baseado diretamente nos documentos originais com registros sobre a formação do campo, e o segundo, baseado na produção e nas experiências vivenciadas pelos sujeitos que contribuíram para a formação do curso de Ciências Sociais na Bahia.

A seleção dos documentos veio de uma exaustiva pesquisa nos Arquivos do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, nos Arquivos do Museu Pedagógico Padre Palmeira, de Vitória da Conquista (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), nos Arquivos de Teses Raras da Biblioteca dos Barris e no Arquivo Municipal da Cidade de Salvador. Além dos arquivos dos colegiados dos cursos de Ciências Sociais da UESB, UNEB e do Programa de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR).

Como requisito metodológico, foram catalogados mais de trezentos documentos, como relatórios de pesquisa, dossiês com registros acadêmicos, livros de matrícula, fotografias, projetos de curso que se encontram digitalizados em meu acervo pessoal.

Ao realizar este estudo, foi possível observar as lacunas existentes sobre o tema e, por isso, a necessidade da realização de uma pesquisa documental, que tivesse como objetivo analisar documentos que trouxessem indícios sobre os primórdios das Ciências Sociais da Bahia.

As pesquisas de campo foram apontando novas possibilidades para a compreensão do objeto. Ao tratar da história de um campo de conhecimento, faz-se necessário saber de suas origens, neste caso, a Bahia, *lócus* da pesquisa, berço da sociedade brasileira, cenário para os primeiros passos de análise da dinâmica social no Brasil, como será descrito no decorrer deste trabalho.

Para isso, é necessário apresentar os caminhos trilhados por essa área de conhecimento na capital e no interior do estado. Como parte do levantamento de dados, foram estudados os registros dos primeiros trabalhos sobre temas sociais na Faculdade de Medicina da Bahia, com seus principais representantes; documentos sobre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade da Bahia (UBA), que posteriormente recebeu o nome de Universidade Federal da Bahia (UFBA); registros do Departamento de Estudos Sociais do Estado da Bahia e da Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista, Projeto Político-Pedagógico dos cursos de Ciências Sociais da UFBA, da UESB e UNEB. Vale ressaltar que a escolha por essas instituições ocorreu de acordo com a documentação encontrada sobre o tema.

Nesse sentido, é preciso destacar que, em abril de 1943, foi criado o primeiro curso de Ciências Sociais da Bahia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade da Bahia. Mas a história sobre os estudos sociais baianos já havia começado bem antes, com a fundação da primeira escola de ensino superior do Brasil, a Escola de Cirurgia da Bahia, em 1808, na cidade de Salvador. Os estudos realizados nesta escola deram origem aos primeiros registros baseados nos temas sociais estudados no País, os quais serão tratados neste estudo.

Construí esta tese percorrendo o seguinte caminho:

No primeiro capítulo, intitulado *Os primeiros estudos sociais e impressões sobre a Bahia*, apresento os registros iniciais sobre a dinâmica social na Bahia, a partir do olhar de pesquisadores estrangeiros e os primeiros passos dados pelos estudiosos para analisarem a sociedade brasileira. Entre estes pesquisadores, estavam médicos, juristas, literatos e engenheiros, considerados os primeiros intérpretes sociais.

No segundo capítulo, denominado *O processo de institucionalização das Ciências Sociais na Bahia*, será tratado o processo de estabelecimento das primeiras instituições de ensino superior do estado e a criação do curso de Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Universidade da Bahia, que fica como marco histórico. Porém, temas que envolviam o conhecimento científico social estavam presentes nos registros de estudos realizados anteriormente no estado.

Os acontecimentos e os fatos cotidianos foram tratados como assuntos recorrente dessa história. Por isso, fez-se necessário considerar as análises descritivas, que começaram a ser destaque a partir do processo de modernização, desenvolvimento e urbanização do estado baiano, como marco de formação desse campo de estudos.

No terceiro capítulo, cujo título é *A presença feminina nas Ciências Sociais baiana*, estão descritas a presença de pesquisadoras e professoras que trabalharam com temas diretamente relacionados à Bahia. Esses registros foram feitos a partir da visita da norte-americana Ruth Landes à cidade de Salvador, em 1938; da paulista Maria Isaura Pereira de Queiroz, que pesquisou a cidade

de Santa Bárbara, no interior baiano, em 1955; das professoras Edith Mendes da Gama e Abreu, primeira professora de Didática do curso de Ciências Sociais da UFBA; de Maria David de Azevedo Rebouças Brandão, filha e colaboradora da equipe do médico e antropólogo Thales de Azevedo; de Consuelo Pondé, historiadora e antropóloga presidente do IGHB; de Josildeth Gomes Consorte, que foi a primeira pesquisadora do Programa de Pesquisas Sociais na Bahia, professora de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP).

No quarto capítulo, será tratada a questão do *Ensino de Ciências Sociais nas Universidades públicas baianas*, em diferentes períodos, começando com a Universidade Federal da Bahia (UFBA), por ser o curso mais antigo implantado no estado. A partir daí, serão discutidos quais os desdobramentos dessa formação na contemporaneidade baiana. Também será apresentado a formação na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) por ter, desde o início de suas origens, a influência direta da Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista e, por último, a formação na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que formou, em 2015, suas primeiras turmas do curso regular de Ciências Sociais e de Sociologia do PARFOR.

Por fim, serão apresentadas algumas diretrizes, aqui entendidas como síntese. Uma síntese ainda incompleta, impossível de abarcar a totalidade do tema, ainda mais diante do cenário atual, no qual os estudos sobre as disciplinas de humanidades estão sendo excluídos e a formação de novos profissionais deixada de lado. É necessário, então, conhecer mais e mais sobre este campo para subsidiar a produção de novos conhecimentos. Nessa perspectiva, os documentos demonstram que há ainda muito a pesquisar e mergulhar neste universo de informações.

CAPÍTULO 1: OS PRIMEIROS ESTUDOS SOCIAIS E AS IMPRESSÕES SOBRE A BAHIA

Thales de Azevedo (1964)¹ já escrevia, há mais de cinquenta anos, a respeito da falta, ou mesmo da invisibilidade, dos estudos e pesquisas sobre as Ciências Sociais na Bahia. Até os dias atuais, poucos são os trabalhos de referência dessa área de conhecimento que, desde o século passado, constituiu-se em prática de reflexão sobre a nossa existência social.

Azevedo chama a atenção para essa área de conhecimento porque, durante muito tempo, ela ficou esquecida nas gavetas e nos gabinetes dos governantes e de instituições baianas. Pesquisas e trabalhos sobre as questões sociais sempre foram realizadas, mas uma parte considerável deste material ainda hoje é desconhecida, por falta de divulgação e de uma exposição dos assuntos estudados aqui na Bahia. Foi justamente a falta de publicações, para dar maior visibilidade aos estudos sociais na Bahia, levou a esta pesquisa².

Neste primeiro capítulo, serão apresentados os primeiros estudos realizados por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que fizeram o registro dos primeiros passos da dinâmica social, no Brasil e na Bahia. Muitos dos trabalhos são documentos de instituições que descrevem o cotidiano do início da formação da sociedade brasileira. Entre essas instituições, está a Fundação Cultural da Bahia³.

1.1 ENTRE REGISTROS E VIVÊNCIAS: NOVOS OLHARES

Para refletir sobre o desenvolvimento dos estudos das Ciências Sociais na Bahia, é preciso saber: qual a origem dos registros e pesquisas sociais no Brasil? Quem os fazia? Como eram feitos e qual a finalidade? Na realidade, mesmo sendo a Bahia o berço do Brasil, só depois de muitos anos vamos

¹ Nascido em Salvador, Thales de Azevedo foi um médico, antropólogo, historiador, jornalista, professor e escritor brasileiro, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com mais de dez livros e de série de artigos publicados em diferentes jornais do Brasil. Sua obra e seu trabalho serão tratados no capítulo (2) desta tese.

² A investigação proposta nesta pesquisa parte dos arquivos de Thales de Azevedo, encontrados na Biblioteca Pública, que recebe o seu nome, na cidade de Salvador/BA.

³ A Fundação Cultural da Bahia foi criada para desenvolver e fomentar o desenvolvimento artístico e cultural do Estado, em 1950.

encontrar trabalhos sobre a produção de registros referentes as análises das Ciências Sociais baianas, tendo em vista que a dinâmica de organização da sociedade, as condições de vida e os estudos sobre a realidade brasileira passaram a ser mais comuns a partir do século XIX. Os estudos realizados pelo médico e pesquisador baiano Thales de Azevedo (1904-1995) chamam atenção para a pequena divulgação dos registros sobre o tema, como é afirmado na Nota da 2ª Edição de seu livro *As Ciências Sociais na Bahia*:

Uma primeira consideração é sobre a desproporção entre o vulto da produção, que é justiça subliminar particularmente de monografias universitárias, e o número de livros editados e acessíveis aos estudiosos e ao público em geral. Padece a Bahia da falta, pelo menos há cerca de meio século, de editores com recursos e programas que acolham tudo ou muito do que se escreve, como de órgãos públicos como um Instituto Estadual do Livro, que supra razoavelmente essa carência. (AZEVEDO, 1964, p.9).

Os estudos realizados por Thales de Azevedo podem, sim, ser considerados um importante registro sobre a história da pesquisa social, na Bahia, até os anos de 1990. A sua contribuição foi ímpar para o conhecimento na área, tornando-se uma grande referência para compreendermos como os estudos relacionados às Ciências Sociais ocorreram na capital e no interior do estado.

Nesse sentido, podemos afirmar que o número de trabalhos produzidos na Bahia sobre as relações sociais aqui existentes é grande, porém parte da produção está esquecida, na atualidade. Isso porque, muitos trabalhos de pesquisa ficaram guardados, ao longo dos anos, em arquivo públicos, bibliotecas e nos acervos pessoais de alguns pesquisadores. Talvez seja por isso que a falta de conhecimento da produção desses trabalhos possa ser considerada um dos motivos que levou a uma menor visibilidade de trabalhos das Ciências Sociais baianas, se compararmos ao que é produzido em outros centros de produção de conhecimento do país como, por exemplo, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

O volume de pesquisas realizados aqui na Bahia e sobre a Bahia desde o século XVI, é tão expressivo quanto o volume de trabalhos produzido em todo o país, mas muitos desses estudos não são divulgados, deixando uma lacuna sobre a formação e a evolução das Ciências Sociais na Bahia.

É possível mensurar este fato quando observo que muitos pesquisadores baianos são reconhecidos e estudados mais fora do que aqui dentro do estado. Faço referência a isso por ter vivenciado, no decorrer do processo da pesquisa, a dificuldade em encontrar citações em outros levantamentos e publicações sobre o tema. Tal situação justifica, de certa maneira, a necessidade de investigações sobre o estabelecimento dos estudos sociais baianos, para que outros estudiosos tenham acesso a esse conhecimento e, também para que se possa divulgar a importância da constituição da história das Ciências Sociais na Bahia. Como afirma Thales de Azevedo (1964, p. 40):

Na história dos estudos sociais relativos à Bahia ou nesta realizados não existe o hiato entre os séculos XVI e XIX que, de ordinário, encontra nas análises do desenvolvimento da etnografia no Brasil. Durante todo o período colonial e não apenas na fase inicial daquele, a nossa província, se não teve mais as crônicas missionárias e os documentos históricos, aliás existentes em manuscritos nos arquivos municipais e estatal da Cidade do Salvador, interessados particularmente ao conhecimento dos aborígenes, em compensação contou com a pena de visitantes estrangeiros e historiadores locais que enchem toda a era com suas observações sobre a sociedade luso-brasileira da cidade e das fazendas e vilas dos arredores.

Diante desse quadro, foi possível observar como os estudos relacionados à vida social brasileira e baiana ficaram esquecidos por aqueles que deveriam se interessar pelo registro dos acontecimentos sob uma perspectiva científica e racional de análise da realidade coletiva. A materialização dos estudos sociais vai acontecer, então, com pesquisadores de outras áreas de conhecimento — Medicina, Direito e Engenharia — e quando pesquisadores estrangeiros começam a fazer descrições mais detalhadas sobre as condições de existência e da forma de organização social brasileira.

Vale destacar que os estudos sociais e a formação do pensamento social desenvolveram uma compreensão da sociedade brasileira baseada na influência positivista. A formação dos primeiros profissionais para atuarem no país foi de influência absoluta das escolas europeias, e a Medicina, o Direito e a Engenharia formaram a tríade para a interpretação do conhecimento produzido nas pesquisas então realizadas.

As principais áreas de conhecimento, na época, estavam baseadas nessa tríade, porque os primeiros estudiosos e escritores sobre a formação social do país não eram especializados em analisar o pensamento da sociedade. Por isso, eles buscavam referências no desenvolvimento do pensamento de correntes científicas, que surgiram na Europa nos séculos XVII, XVIII, XIX.

As teorias sobre a evolução social e o Positivismo⁴ começavam a desfrutar de uma maior visibilidade, no início do século XX em todo o mundo. E o Brasil era um importante lugar para isso, justamente porque estava nascendo uma nova Nação, com um arranjo social formado por povos de diferentes lugares do mundo, com diferentes características culturais da miscigenação.

De acordo com Gustavo B. de Lacerda, no seu artigo intitulado *Augusto Comte e o Positivismo* (2009), o pensamento de Comte foi fundamental para o avanço científico, no que diz respeito à interpretação social:

[...]Comte foi um dos pensadores do século XIX que, impressionado com o desenvolvimento das ciências naturais em sua época, decidiu adotar os procedimentos dessas mesmas ciências para estudar a sociedade; essa proposta, além disso, seria movida por um desejo similar de aplicação prática dos conhecimentos científicos, resumido na fórmula “prévoir pour pouvoir” (“prever para poder”). A metodologia por assim dizer “naturalística” seria caracterizada pela busca de leis naturais (sociais) e foi posteriormente retomada e formulada na regra durkheimiana de “conceber os fatos sociais como coisas”.(LACERDA,2009,p.319)

Enquanto teoria, o Positivismo era uma corrente filosófica que apresentava um avanço na época de seu surgimento, porque trazia, nas suas bases, uma interpretação sobre a realidade com estrutura orgânica, precisão e cientificamente comprovada. A necessidade de ter uma teoria que ajudasse a descrever a identidade de uma nação que estava nascendo, era fundamental naquele momento em que o mundo buscava, no campo científico, explicações

⁴ Positivismo: corrente de pensamento filosófico, sociológico e político que surgiu em meados do século XIX, na França. A principal ideia do Positivismo era a de que o conhecimento científico devia ser reconhecido como o único conhecimento verdadeiro. O principal idealizador do movimento positivista foi o pensador francês Auguste Comte (1798-1857), ganhando destaque internacional entre metade do século XIX e começo do XX.

para os fenômenos que vinham acontecendo na sociedade. A fecundidade de interesses para descrever a dinâmica da sociedade que estava surgindo era muito grande.

À medida que avançava o crescimento da sociedade brasileira, os estudos sobre a organização social surgiam como relatos de viagens, experiências do cotidiano, observações sobre a vida em grupo e sistematização de conhecimento, todos respaldados no método positivista, na teoria que surgiu a partir da expansão da sociedade moderna. Por esse motivo, o interesse para analisar os fatos sociais tomou maior visibilidade quando brasileiros e estrangeiros começaram a estreitar relações para estudar o país, formado por uma diversidade de povos e cultura bem peculiar para o mundo ocidental.

A influência do pensamento positivista nas Ciências Sociais vem, justamente, do desenvolvimento da pesquisa empírica. O embasamento metodológico é uma prática que tem como finalidade compreender as características definidas com regularidade e invariabilidade nos fatos ou fenômenos sociais. Por isso, a importância do método como fonte para a realização de pesquisas.

Vale destacar que o Positivismo era a teoria de grande influência que estava surgindo com o nascimento da modernidade. Nela, a interferência do método sobre o processo, e vice-versa, foi moldando, em cada lugar, características próprias sem perder de vista a capacidade de analisar os fenômenos sociais sob a ótica do olhar científico.

1.2 UM OLHAR SOBRE OS TRÓPICOS À LUZ DO POSITIVISMO: SOBRE A TEORIA E AS PRÁTICAS

A influência do pensamento positivista para a formação do pensamento social brasileiro é bastante eloquente. Desde a formação dos primeiros estudos sociais referentes ao Brasil, o pensamento positivista esteve presente, primeiro com a vinda de estudiosos estrangeiros para o registro da dinâmica social aqui existente, depois com a formação de intelectuais brasileiros que foram para a Europa estudar.

Em meados do século XIX, o contato direto entre intelectuais estrangeiros e brasileiros promoveu o diálogo sobre as teorias que estavam surgindo. Como corrente filosófica, o Positivismo baseava-se na história da humanidade a partir da história da Europa. Como método, vinha acompanhado de ideias e diretrizes que traziam, em sua bagagem, uma história da humanidade idealizada num padrão construído a partir do modelo europeu. Por isso era questionado por alguns intérpretes sociais, mas concebido por outros como um caminho para interpretar a sociedade que estava se formando no Brasil, no mesmo período.

Diante desse modelo, o Positivismo tomou forma no Brasil como uma concepção social que se baseava na ideia de ordem e progresso. Este paradigma se instalou como meio de interpretação e organização da sociedade, mas foi, ao longo do tempo, buscando as suas próprias características. Lacerda (2009, p. 230) analisa que

[...] a influência exercida pelo “Positivismo” “filosófico” no Brasil foi enorme: basta pensar na constante referência ao lema da bandeira nacional, o “Ordem e Progresso”. Ora, passar de uma influência tal que permitiu a inscrição no pavilhão nacional do lema do “Positivismo” “filosófico” para a confusão corrente e a subsunção dessa “variedade” de “Positivismo” ao “intelectual” revela muito não apenas dos hábitos intelectuais brasileiros quanto indica os descaminhos da história das Ciências Sociais e da História das Idéias, de modo geral, ao longo do século XX. (LACERDA, 2009 p.230)

Esse caminho levou ao que chamo aqui de Positivismo tropical, cuja característica é a possibilidade de observações mais flexíveis sobre as interpretações sociais, sem perder a objetividade como uma de suas funções. Vale ressaltar que, nos trópicos, não podemos considerar o mesmo modelo de unidade social e histórica da Europa, exigindo-se, então, a necessidade de adequações.

LACERDA (2009) ainda salienta que é preciso falar de *Positivismos*, como uma possibilidade de construção do método e do modelo ideológico de estudo. Os impactos do contexto aparecem com clareza quando os registros da dinâmica social estavam baseados nas interpretações de observações, na experimentação e na formulação de leis, que tinham como finalidade uma interpretação sobre a formação social nos trópicos.

A ideia de universalização dos fenômenos sociais não era um modelo que cabia para analisar a sociedade brasileira. Isso vai aparecendo na medida em que os pesquisadores encontram uma dinâmica social própria, diversificada, diferente dos padrões europeus.

O Brasil foi formado por um processo de miscigenação, e este era um tema importante para a interpretação dos fenômenos sociais, no momento em que teorias como o Positivismo e o Darwinismo⁵ tomavam espaço no mundo. Por isso mesmo, um modelo de análise positivista estruturado apenas nos padrões europeus não correspondia à realidade social brasileira, tornando-se necessárias algumas adequações para a utilização do método na análise da dinâmica social existente nos trópicos.

O Positivismo tropical segue como corrente filosófica que admite a diversidade dos fenômenos sociais como base de organização da sociedade. Isso significa que não pode ser definido apenas como um modelo de organização e universalização dos fenômenos. A ótica de observação dos fenômenos sociais admite a possibilidade de variações, no conjunto da sociedade, que não tem a mesma organicidade do modelo e padrões do Positivismo europeu.

Os estudiosos que começaram a registrar a formação da sociedade brasileira, já compreendiam a diversidade em que se constituía esse país, e por isso não poderia ter o mesmo padrão rígido do Positivismo implementado na Europa, que se baseava numa história comum a toda humanidade.

Existia, sim, uma gama de peculiaridades na concepção de interpretação da realidade que se revelava conforme se avançava na análise

⁵ Darwinismo: é um pensamento sociológico que surgiu no final do século XIX e começo do XX, que tentava explicar a evolução da sociedade humana baseando-se na teoria da evolução proposta por Charles Darwin. Para Heloísa Maria Bertol Domingues e Magali Romero Sá, no livro *A recepção do darwinismo no Brasil*, pode-se dizer que se tornou um paradigma 'kuhniano', e tem servido para classificar diferentes linhas teóricas que, muitas vezes, são apenas 'evolucionistas'. De certa forma, o livro retrata a contradição que consagrou o conceito, ao mesmo tempo em que busca avançar no sentido de chamar a atenção para o fato. O adjetivo darwinista, confundido com evolucionismo, serviu, sob múltiplos aspectos, de argumento ideológico aos mais diversos campos do saber: das ciências naturais ao campo jurídico, social, etc.. A ideia tem sido operada sob diferentes abordagens. A tendência, mais geral, de confundir darwinismo e evolucionismo tem minimizado a oposição a Darwin, levando a classificar opositores da teoria da seleção das espécies de darwinistas, como mostram os trabalhos.

sobre a sociedade brasileira. À medida que o modelo ideológico aparece na interpretação dos intelectuais sobre o Brasil, desenvolveram-se características próprias que envolviam a ruptura com um padrão estabelecido pelo Positivismo, enquanto padrão de análise. Este padrão passa a ser um mecanismo utilizado como propósito do Positivismo à brasileira.

Para isso, alguns critérios passaram a ser admitidos como características do modelo de organização da sociedade brasileira e do método de análise aqui implantado. Primeiro, com a compreensão da diversidade cultural que rompe com o padrão estabelecido com a existência e reconhecimento de crenças, valores e normas diversificados; segundo, o processo de modernização existente no Brasil não era um espelho para o padrão que era definido na Europa.

Na prática, isso ficou evidente com os registros dos estudos realizados sobre a ótica de análise dos fenômenos sociais, no Brasil e na Bahia, a partir da interpretação de médicos, engenheiros, juristas e literatos.

1.2.1 Entre médicos, juristas, engenheiros e literatos: os primeiros intérpretes

O século XIX é marcado pelos primeiros grupos de intelectuais que se preocuparam com um modo de pensar e analisar os problemas sociais brasileiros. A partir das teorias que estavam se desenvolvendo na Europa, eles passaram a utilizá-las como referências de seus estudos no país. Os registros eram feitos, em sua maioria, por médicos que passaram a atuar como estudiosos formados aqui no Brasil. Em 1808, foi criada a *Escola de Cirurgia da Bahia*, a primeira escola de ensino superior do país, considerada a primeira instituição de caráter científico para a formação de médicos e pesquisadores brasileiros.

Imagem 1: Terreiro de Jesus⁶



Fonte: Guia Geográfico Salvador Antiga Foto de Camilo Vedani

A Escola de Cirurgia da Bahia⁷ foi uma instituição fundada pela Coroa Portuguesa para formar médicos/cirurgiões, para assistir à população que começava a crescer com a vinda de muitos estrangeiros para o Brasil. Com a chegada dos novos habitantes, e o contato com um novo clima, muitas doenças começaram a aparecer, e surgiu a necessidade de estudiosos para atender a demanda emergente.

O clima tropical e o surgimento de novas vilas e cidades provocaram o aparecimento de muitas doenças, que chegaram a causar epidemias no país. Como os médicos eram os principais profissionais em contato direto com a população, a emergência de explicações para os problemas que acometiam a sociedade vinha deles. Diante dos fatos, os profissionais começaram a fazer de seus estudos um instrumento de interpretação social.

Por isso, a importância de se estudar as doenças enquanto fenômenos sociológicos, porque muitas explicações para os fatos que aconteciam na sociedade vinham dessas investigações. Sobre a influência dos métodos e investigações realizados na Europa, os profissionais utilizavam as teorias como

⁶ Fotografia de 1862, de Camillo Vedani, mostra o Terreiro de Jesus e as antigas instalações dos jesuítas. A igreja tornou-se a Catedral Basílica e o Colégio dos Jesuítas, à direita, é a Faculdade de Medicina, fundada em 1808, pelo Príncipe Regente Dom João.

⁷ Fontes originais sobre esses registros são os Documentos históricos do Arquivo Municipal da Bahia (Atos da câmara e outros), Documentos históricos da Biblioteca Nacional, as ordens Regias, os Anais do Arquivo Público da Bahia e os Anais da Assembleia Legislativa Provincial. Estes documentos estão nos arquivos públicos de Salvador.

referências para a interpretação dos fenômenos sociais, como é o caso das teorias positivistas.

Azevedo (1964, p. 27) destaca a influência do Positivismo para os primeiros estudos sociais como fonte de investigação que envolvia a saúde e a dinâmica social baiana:

[...]a introdução do pensamento positivista no Brasil coubera, ao médico baiano Justiniano da Silva Gomes, se não pela filosofia e teoria do social ao menos como método de interpretação da realidade. Essa é a orientação, já expressa, do Plano e Método de um curso de Fisiologia, que em 1844, ainda em pleno período de formação do pensamento positivista, apresentou a Faculdade de Medicina da Bahia como tese para seu ingresso na instituição.

A partir dos seus escritos, vamos encontrar uma evidente confirmação de que começou, na Faculdade de Medicina da Bahia,⁸ os registros sobre os estudos sociais no Brasil. Apesar de ter diferentes descrições, os estudos realizados na instituição tiveram grande importância para a institucionalização dos estudos científicos sociais, uma vez que

A preocupação com os problemas da formação do homem, das raças, da origem e dos condicionantes bio-sociais da cultura e até com questões políticas, filosóficas, jurídicas e sociais correlatas teve, nos primeiros decênios do século XIX, um foco poderoso na Faculdade de Medicina. Aquelas teses de doutoramento testemunham-no perfeitamente, e, mais que as mencionadas de Domingos Guedes Cabral, de 1875, sobre Funções do cérebro, calcada no Positivismo e no evolucionismo, por isso, mesmo rejeitadas pela Faculdade como ímpia, mas publicada pelos colegas de turma do Autor. Evidência daquela preocupação foi, ademais dos estudos os mais atuais no campo da Medicina e da Biologia humana, a monografia de Luiz Anselmo da Fonseca. A escravidão, o clero do abolicionismo, de 1887, em que toma atitude sobre candentes problemas políticos e sociais da época, problemas que nada tinham de médicos ou de estritamente filosóficos, mas relativos a discutida posição do clero ante a escravatura no país. [...], contestando a parcialidade desta abordagem “a partir do povo”. (AZEVEDO. 1964, p,50).

A Faculdade de Medicina da Bahia teve um papel central para o desenvolvimento do pensamento social baiano. Por ser uma instituição que tinha como finalidade desenvolver a ciência, possuía um grande acervo que era

⁸ A Faculdade de Medicina recebeu vários nomes desde a sua criação: Escola de Cirurgia da Bahia (1808–1816); Faculdade de Medicina da Bahia (1832–1891); Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia (1891–1901); Faculdade de Medicina da Bahia (1901–1946); Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia (1946–1965); Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (1965–2000). Desde 2008, recebe o nome de Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia.

referência para muitas pesquisas, além de ter muitos professores que foram estudar na Europa, quando o Positivismo começou a surgir nos meios acadêmicos da época. Nesse contexto, muitos estudos realizados na Europa vão influenciar os estudiosos brasileiros.

Imagem 2 : Prédio da Faculdade de Medicina na atualidade⁹



Fonte: Guia Geográfico Salvador Antiga

Rodolfo dos Santos Teixeira, médico e pesquisador, ao escrever o livro *Memória histórica da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus* (1943-1995), publicado em 2001, faz a seguinte afirmação: “O meio e as suas características; a economia; o perfil demográfico e étnico; os aspectos sociais; a política; a história; o civismo; a índole da população – muito significaram para o que a Faculdade de Medicina foi e é.”

As reflexões eram fundamentadas por fatores biológicos e de referencial evolucionista, influenciadas pelos estudos realizados na Europa. Segundo Oliveira,

No primeiro período, de 1870/80 a 1930, encontram-se intelectuais não especializados e com forte preocupação em interpretar de forma global a sociedade brasileira. Além disso, não desenvolveram ensino nem pesquisa empírica na área sociológica. Dessa forma, neste momento, os porta-vozes da visão social do Brasil eram, sobretudo, os juristas, os médicos e os engenheiros, formando, assim, “a tríade da inteligência brasileira”. (1998, p.278)

⁹ No prédio da Faculdade de Medicina da Bahia também funciona o Museu de Arqueologia e Etnografia da Universidade Federal da Bahia.

Nesse período, o predomínio dos intelectuais médicos para interpretar a realidade esteve diretamente relacionado às teorias biológicas, as quais buscavam, a partir das Ciências Naturais, interpretar as questões sociais. Na teoria positivista, estava presente a interpretação e correlação entre o cientificismo biológico e a interpretação das estruturas sociais, porque

A existência de uma reflexão científica sobre a sociedade supõe ser possível tanto a elaboração de teorias que coloquem em evidência a relação entre singulares, como a confirmação dessas teorias através da observação sistemática. Assim, a consciência da relativa autonomia do objeto de estudo é considerada uma pré-condição para a existência da Sociologia como reflexão científica, e isso só aconteceu no Brasil a partir do final do século XIX e início do século XX. (AZEVEDO, 1964.p, 56)

Os fatores sociais predominavam como tema de muitas pesquisas realizadas na Faculdade de Medicina, influenciados pelo pensamento europeu. Na Europa, existia uma preocupação com a questão racial, pois os avanços científicos da época traziam um discurso relevante sobre as hierarquias e os problemas sociais. A formação de um pensamento que tivesse como fundamentação as diversidades raciais, servia de referência como forma de poder. Isso, conseqüentemente, possibilitou a justificativa para muitos estudos sobre raça e dominação. Sob essa influência, muitos jovens foram estudar na Europa.

A movimentação de jovens baianos que foram estudar na Europa era considerada grande, e isso favoreceu o contato dos estudantes com as teorias que avançavam na Europa. Naquele período, a teoria positivista tomou uma proporção maior de seguidores, e o método de análise social passou a influenciar diretamente os estudos da Faculdade de Medicina. O exemplo dado por Thales de Azevedo confirma o que foi encontrado nos arquivos da Faculdade:

Um dos baianos que se fizeram portadores dos desenvolvimentos filosóficos e científicos que na Europa se operavam de fins do século XVIII para o começo do século XIX sob a influência do enciclopedismo foi Antônio Ferrão Muniz, o qual depois de longo período de estudos das humanidades na Inglaterra, foi o primeiro discípulo de Augusto Comte, o primeiro brasileiro, segundo Clovis Bevilacqua, a ouvir em Paris as conferências e cursos do fundador da escola positivista. (AZEVEDO, 1964.p, 57)

Em muitos trabalhos da Faculdade de Medicina da Bahia, daquela época, as condições biossociais aparecem como justificativa para explicar a

dinâmica social, tendo como referência as teorias humanísticas. Isso pode ser demonstrado no Quadro 1, no qual estão listados os títulos dos trabalhos defendidos por alunos da Faculdade, então diretamente relacionados às questões de interesse das Ciências Sociais. É relevante destacar como as características das pesquisas estavam relacionadas aos modos de interpretação, os quais revelavam como os estudantes buscavam, na teoria positivista, compreender as questões sociais daquele momento.

QUADRO 1: Quadro de formação dos primeiros estudos relacionados às Ciências Sociais e os estudos realizados na Faculdade de Medicina da Bahia.

AUTOR	ANO	TEMA ESTUDADO
Justiniano da Silva Gomes	1840	Teoria social e método de indagação da realidade
José de Góes Silveira	1844	A civilização tem concorrido para o melhoramento da saúde pública?
José Antônio de Freitas Junior	1853	Proposições sobre a influência social na produção de moléstias.
José Marcelino de Mesquita	1854	Os efeitos que o luxo produz sobre o físico, quer na moral do homem. Comparações sobre a vida no campo e na cidade.
Manuel Bernardino Bolívar	1854	Breves considerações sobre a lei da prancha ou da chibata
Tomas do Bomfim Espínola	1854	Da influência progressista da civilização sobre o homem
Luiz Anselmo da Fonseca	1887	A escravidão, o clero e o abolicionismo

FONTE: Livro Memória da Medicina, Universidade Federal da Bahia de Thales de Azevedo.

Desde meados do século XIX, muitos estudos realizados na Faculdade de Medicina da Bahia favoreceram à consolidação de um vasto campo de conhecimento sobre saúde, relações sociais e a dinâmica da sociedade baiana. Eram os primeiros estudos científicos que traziam, em suas teorias, a relação entre condicionantes sociais e temas relacionados às áreas específicas, como a Medicina.

Nota-se a influência do Positivismo de Augusto Comte na formação dos estudiosos da época, com métodos de investigação que tinham, na teoria comtiana, um caminho para explicação e indagação da realidade. Isso tornou favorável a expansão dos estudos sociais na Bahia, haja vista que

[...] o número apreciável de baianos que se iam diplomar em cânones, em direito, em letras na Universidade de Coimbra, depois na medicina nas Universidades de Montpellier, de Paris, de Edinburgh, de Bolonha, a fundação de Academias, [...] graças à abertura de portos, a Bahia vem estreitar relações com os países da Europa. (AZEVEDO, 1964.p, 59)

O fluxo de estudantes baianos que foi estudar na Europa resultou na formação de médicos com grande influência para as teorias sociais. Seus estudos deram origem a teses sobre o desenvolvimento da sociedade baiana, as tradições e os problemas sociais aqui existentes.

A evidência da importância desses estudos é justamente o tipo de pesquisa realizada por aqueles médicos recém-formados em terras europeias: as relações raciais e a convivência de diferentes grupos sociais; a formação da população baseada na diversidade e as doenças; a relação entre determinados comportamentos e a saúde dos grupos raciais, dentre outros. Esses são exemplos de como os estudos de Comte estavam presentes no pensamento dos médicos baianos que iam estudar na Europa e traziam, em sua bagagem, a essência da teoria.

A relação entre a biologia e as teorias sociais era tema de pesquisa porque o crescimento da população provocou uma mudança na sociedade. Isso tem a ver com a liberdade de pensamento que surgia com a expansão da ciência, de uma maneira geral, com o lugar que cada conhecimento começava a ocupar e com novos interesses para se definir a sociedade. É lógico que não foi apenas a medicina que começou a se destacar, mas aqui na Bahia ela foi fundamental para se estudar a sociedade.

Vamireh Chacon (2008), no livro *Formação das Ciências Sociais no Brasil – Da escola de Recife ao Código Civil*, destaca a chegada do século XX como período bastante produtivo para médicos, professores e estudantes da Faculdade de Medicina, na Bahia. Estudos relacionando teoria social e formação da sociedade estavam presentes nos trabalhos do médico Júlio

Oscar de Novais Carvalho, em 1904, que escreveu uma tese sobre a *“Teoria Filosófica do Cérebro e suas localizações segundo Augusto Comte”*. O estudo teve como objetivo discutir a teoria de Comte e a problemática da natureza humana.

Dentre os estudos desenvolvidos, estão os realizados pelo médico maranhense Nina Rodrigues que, depois de assumir uma cadeira como Professor da Faculdade de Medicina da Bahia, em 1891, desenvolveu pesquisas relacionadas raça e criminalidade, seus estudos se tornaram destaque sobre as teorias sociais que explicavam as relações sociais naquele período.

1.2.2 Os médicos e a interpretação social.

Giralda Seyferth (1996) destaca que o debate sobre a formação social já estava presente no processo histórico de construção da sociedade brasileira, desde 1860, e que os registros tinham por finalidade construir uma referência sobre a questão racial e a identidade nacional. Segundo ela,

O Brasil já possuía uma ciência das raças, gestada desde 1860, sob influência da obra de Paul Broca¹⁰, eminente anatomista e antropólogo francês - conforme periodização e referências em Castro Faria (1952). Até 1877 são trabalhos esparsos, realizados no âmbito das escolas de medicina, versando sobre as origens das raças humanas e temas próximos. (SEYFERTH, 1996.p,43)

Nesse contexto, a Escola de Medicina da Bahia era referência de estudos que tinha como finalidade construir um modelo de análise científica sobre a identidade nacional. Era nesse espaço que existia o debate sobre a questão da formação racial, comportamento da população, as causas e efeitos da organização da sociedade. O tema estava presente nas teses dos médicos e estudiosos da época, como correntes de pensamento que tinha como propósito explicar o modelo de pensamento idealizado no país, influenciados

¹⁰ Pierre Paul Broca (1824-1880) foi um cirurgião e antropólogo francês que nasceu em Sant-Foy-la-Grande, em 1824. Entrou na Escola de Medicina aos 17 anos, formando-se aos 20, quando a maioria de seus contemporâneos ainda estava iniciando seus estudos em medicina. Estudou medicina na Universidade de Paris, onde logo se tornou professor de patologia cirúrgica e um médico pesquisador notável. Também é um pioneiro em antropologia física. Ele fundou a Sociedade de Antropologia de Paris, em 1859, a *Revue d'Anthropologie*, em 1872 e a Escola de Antropologia, em Paris, em 1876. Outra área em que Broca se dedicou foi a anatomia comparativa dos primatas. Ele descreveu pela primeira vez trepanações que remontam ao Neolítico. Era muito interessado nas relações entre a anatomia do crânio e do cérebro e as habilidades mentais e inteligência.

pelas teorias raciais constituídas na Europa. Ainda de acordo com Seyferth (1996, p.48),

A idéia de raça construída sobre hierarquias denotando desigualdade dominou o pensamento social em muitos lugares, inclusive no Brasil. Foi respaldada, em parte, pela ciência, principalmente pela Antropologia Física empenhada em classificar a humanidade em tipos naturais, arbitrando certas características fenotípicas por suas freqüências em diferentes grupos humanos; mas, igualmente, por alguns estudiosos do campo das ciências sociais e humanas, que usaram e abusaram da metáfora darwinista da "sobrevivência dos mais aptos" e que inventaram a Eugenia para sugerir políticas públicas que, entre outras coisas, implicavam limpeza étnica. (SEYFERTH 1996, p.48)

Ao mesmo tempo em que estavam surgindo as escolas de medicina no Brasil, existia um grande debate sobre teorias raciais e nacionalismo na Europa, que influenciava, diretamente, os trabalhos realizados na Bahia. A busca por uma teoria capaz de dar conta da diversidade social brasileira era um grande desafio, porque existia toda uma definição de padrões raciais (brancos, negros, índios e mestiços) como questão da superioridade racial e, por muitas vezes, servia de justificativa da hierarquização social admitida por muitos estudiosos.

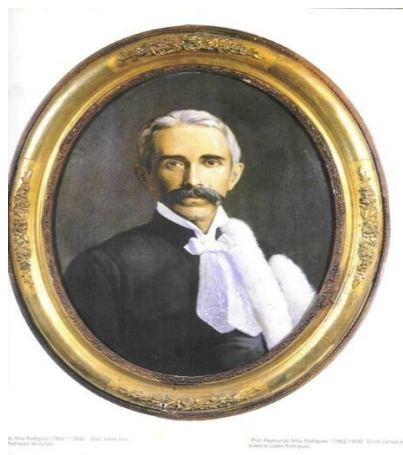
Marcos Chior Maio(1996) salienta que

[...] existia na Europa na segunda metade do século XIX, traduzida, principalmente, pela preocupação obsessiva com a formação de um *tipo nacional*, apesar do caráter mais ou menos técnico assumido ao longo de um texto que pressupõe na prática racionais de colonização (e, conseqüentemente, de povoamento) do território brasileiro. A concepção deste tipo nacional é a mesma encontrada em muitos outros autores que, em nome da ciência das raças, imaginaram a possibilidade do branqueamento da população, num processo seletivo que tinha no imigrante europeu a sua peça fundamental. (MAIO,1996.p,56)

Dentre os autores que defendiam a classificação das raças em superior e inferior, estava o médico e professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Nina Rodrigues. Os estudos realizados por Nina Rodrigues comungam teorias sociais e saúde, no final do século XIX e início do século XX, na Bahia. Ele publicou diversos trabalhos sobre o comportamento social e a criminalidade e sua tese *Os Africanos no Brasil*, de 1906, faz parte dos primeiros registros de investigação científica sobre os negros no Brasil. Seu trabalho é marcado

pelo determinismo social e as teorias do médico Cesare Lombroso¹¹ (1835-1909).

Imagem 3: Nina Rodrigues



FONTE: Site do Museu Afro Digital da Memória Africana e Afro-brasileira

O trabalho de Nina Rodrigues sobre raça e criminologia teve um grande destaque sobre a teoria das relações raciais no Brasil, ele utilizou seus conhecimentos da medicina legal para descrever as relações entre os povos de origem africana que viviam na Bahia e o crime na sociedade baiana. Seu conceito de formação racial consistia na descrição do comportamento a partir de sua origem étnica.

Assim, cada raça teria suas características próprias. No Brasil, haveria três raças consideradas puras: a branca, a negra e a indígena. A miscigenação,

¹¹ Cesare Lombroso(1835-1909) foi um professor universitário e criminologista italiano, nascido em Verona. Tornou-se mundialmente famoso por seus estudos e teorias no campo da caracterologia, ou a relação entre características físicas e mentais. A principal ideia de Lombroso foi parcialmente inspirada pelos estudos genéticos e evolutivos, do final do século IX, e propõe que certos criminosos têm evidências físicas de um "atavismo" (reaparição de características que foram apresentadas somente em ascendentes distantes) de tipo hereditário, reminiscente de estágios mais primitivos da evolução humana. Essas anomalias, denominadas de estigmas por Lombroso, poderiam ser expressadas em termos de formas anormais ou dimensões do crânio e mandíbula, assimetrias na face, etc., mas também de outras partes do corpo. Posteriormente, essas associações foram consideradas altamente inconsistentes ou completamente inexistentes e as teorias baseadas na causa ambiental da criminalidade se tornaram dominantes.

*Pintura atribuída a Lopes Rodrigues, retratando Raimundo Nina Rodrigues. Quadro exposto na Sala da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia (UFBA).

ou misturas dessas raças, daria origem a um outro tipo de raça que resultaria em uma forma de degenerescência. Segundo os conceitos de Nina Rodrigues, determinadas raças estariam mais expostas a cometer crimes que outras. Suas teorias eram baseadas na ideia de eugenia e nas teorias de Lombroso.

De acordo com Lilia Moritz Schwarcz, no livro *Um enigma chamado Brasil* (2009), a importância do médico para entender as questões sociais da época serviu de referência para outros trabalhos sobre grupos humanos e mestiçagem. Ela afirma que

O momento em que o médico Nina Rodrigues viveu, escreveu e pesquisou era dado a determinismo de toda ordem: raciais, biológica e sociais. Além do mais, em finais do século XIX a ciência era entendida quase como uma missão, tal a maneira como ela se vinculava ao Estado e às suas necessidades. (BOTELHO e SCHWARZ. 2009.p,92).

A ciência era entendida como missão porque, além de trazer um “diagnóstico” dos problemas sociais, também apresentava supostos caminhos para solucioná-los. Isso se deu a todo momento quando as teorias dialogavam com os interesses do Estado em conceber um futuro para os avanços propostos como processo civilizatório do país. Vinculado a este discurso civilizatório estava a questão racial.

Para Nina Rodrigues, o condicionamento social da conduta humana estava estreitamente relacionado à formação racial. Para ele, as teorias antropológicas destacadas analisavam e explicavam o que vinha acontecendo na sociedade em relação ao crime e à loucura.

Dentre as publicações de Nina Rodrigues, estão os livros *As raças humanas e a responsabilidade penal*, de 1894; *O animismo fetichista dos negros baianos*, de 1896; e muitos outros trabalhos que deram origem ao livro *As coletividades anormais*, coletânea publicada em 1939. Os cultos africanos também foram objeto de estudo de Nina, que foi considerado, por muitos pesquisadores, o fundador das investigações sobre os negros no Brasil e dos estudos das religiões afro-brasileira. Esse reconhecimento é destacado por Azevedo (1964, p. 54), para quem o maranhense é um

Nome de repercussão e prestígio internacional, Nina Rodrigues marcou com seus trabalhos originais e profundos, uma etapa das Ciências Sociais no Brasil. Esses trabalhos, como notaram os principais comentadores de sua obra, Oscar Freire, Afrânio Peixoto,

Homero Pires e sobretudo Arthur Ramos e Roger Bastide, não de ser lidos hoje com uma certa ressalva para com aquilo que podem parecer erro e preconceito [...]a visão realista dos Fatos em Nina Rodrigues, a quem não passavam despercebidos o condicionamento social da conduta humana e a dificuldade em explicar certos casos de delinquência e de psicose pelos dados somáticos e raciais.

Como afirma Azevedo (1964), Nina Rodrigues fez escola dentro e fora da Faculdade de Medicina, influenciando poderosamente o estudo de juristas e utilizando-se das teorias antropológicas para explicar a conduta de um determinado grupo social. As teorias desenvolvidas por ele, ainda hoje, estão presentes como modelo de interpretação social.

Também vamos encontrar a influência do pensamento de Nina Rodrigues nos escritos do médico e professor da Faculdade de Medicina, Oscar Freire de Carvalho, que publicou, em 1902, uma série de artigos sobre a *Etiologia das formas concretas da religiosidade no norte do Brasil*. Outro médico que buscou, nas teorias sociais entender a dinâmica social, foi João Batista de Sá Oliveira, que estudou a vida dos índios Camacan, em 1895, como afirma Azevedo (1964, p. 77).

Não se esgota aqui a contribuição dos médicos formados pela Faculdade de Medicina da Bahia, como o caso do médico Thales de Azevedo que, além de ser referência teórica para esta pesquisa, foi um importante divulgador científico dos estudos de grupos sociais dentro e fora do Brasil. Seu trabalho será destacado no segundo capítulo desta investigação, quando tratarei, especificamente, da institucionalização das Ciências Sociais na Bahia.

1.2.3 OS JURISTAS E A TEORIA EVOLUCIONISTA.

Os estudantes de Direito e Engenharia também saíam do Brasil para estudarem na Europa, e muitos deles voltavam marcados pelas teorias evolucionistas dos séculos XIX e XX. Conseqüentemente, passaram a utilizar-se das teorias sociológicas e antropológicas para analisar os problemas evidentes na sociedade, naquela época.

De acordo com Antônio Cândido (1918-2017), no artigo publicado em 1956, *A evolução das Ciências Sociais no Brasil*, os juristas foram os intérpretes, por excelência, da sociedade brasileira. Coube a eles o papel dominante de interpretar a vida econômica, a política e a criação de leis para

organizar a sociedade. Entre esses juristas está o sergipano Sílvio Romero (1851-1914), bacharel em Direito que, no final do século XIX e início do século XX, publicou a obra *Introdução da História da Literatura Brasileira* (1881), tornando-se um importante protagonista da formação do pensamento social brasileiro.

A marca do trabalho de Sílvio Romero está registrada numa série de debates realizados na Faculdade de Direito do Recife,¹² que repercutiu nos trabalhos de pesquisadores e juristas, aqui na Bahia. Em 1896, já se encontrava, na Faculdade de Direito de Salvador, trabalhos sobre Direito e doutrinas sociológicas dele.

Azevedo (1964) ressalta que, no final do século XIX, professores da Faculdade de Direito da Bahia¹³ também buscaram, nas teorias sociais, fundamentação para seus estudos de análise social a partir do Positivismo. Como exemplo, ele cita Felinto Bastos (1856-1939), Cornélio Ferreira França (1802-1878.), Pedro Vergne(1865-1945.), todos professores e magistrados baianos. Dentre eles, o autor destaca que Felinto Bastos “é o primeiro a explorar e criticar, em sua obra *Dos Crimes e dos Criminosos*, de 1896, as doutrinas penais e a sociologia criminal [...]”. (AZEVEDO,1964.pg.60). As teorias sociais e o método de análise estavam presentes nos trabalhos realizado por esses intérpretes.

Outro jurista que também buscava colocar-se diante das teorias sociais aqui na Bahia, foi o magistrado Aurelino Leal (1877-1924). Em 1896, ele

¹² Napolini Rodrigo Benedet: As primeiras faculdades de direito: São Paulo e Recife. As primeiras faculdades de Direito surgidas no Brasil foram institucionalizadas pela aprovação do projeto de 31 de agosto de 1826 – convertido em lei em 11 de agosto de 1827 – que primava pela instalação de dois centros dedicados ao estudo jurídico em nosso país. Desta forma, São Paulo e Olinda foram as localidades escolhidas para abrigar esta nova vanguarda no ensino, devido, principalmente, à situação geográfica – uma para atender o Sul e outra para suprir as necessidades dos habitantes do Norte do Brasil. A ideia de instalar, no país, institutos de educação superior em Direito veio, primordialmente, da lógica que marcou a independência do Brasil junto a Portugal, em 1822, de autonomia nacional, de construção de uma identidade como tal, e de formar aqui uma “intelligentsia” (p.141) própria. Em busca de nova lei e consciência, pretendia-se formar uma elite intelectual independente das escolas portuguesas e francesas.

¹³A Faculdade de Direito da Bahia foi fundada em 1891, então *Faculdade Livre de Direito da Bahia*. Foi uma das primeiras escolas de direito do Brasil e primeira do estado da Bahia. Em meados do século XX, passou a ser denominada Faculdade de Direito da Bahia.

escreveu a tese *Germens do Crime*, na qual encontrou, nas teorias positivistas, referenciais para respostas às suas indagações. Defendia o direito como “Um produto social que varia com o tempo, com o espaço, segundo as aptidões físico-psíquicas de todo grupo étnico em tal ou qual meio”. (AZEVEDO, 1964.p, 60).

O debate sobre o direito enquanto produto e fenômeno social é encontrado em outros trabalhos da Faculdade de Direito da Bahia, baseado nas teorias positivistas. O crime como fato real foi analisado e estudado pelos magistrados enquanto fruto de determinismos sociais.

De acordo com L. A Machado Neto¹⁴ (1930-1977), no ensaio sobre as Contribuições Baianas à Filosofia Jurídica e Sociologia do Direito, escrito em 1960,

Na "circunstância" provincial, essas novas ideias atuavam sob a forma espelhística, como um reflexo do reflexo, reproduzindo as influências dominantes nos centros mais evoluídos do País. O pensamento dominante, na Província, nos setores da filosofia e da sociologia do Direito não poderia ser outro senão o pensamento vigente nos grandes centros intelectuais do País, graças à importação das ideias dominantes na Europa, por certo que com algum retardo natural ao processo de transplantação cultural. (MACHADO NETO, 1960.p,171)

Segundo Machado Neto, o jurista Leovigildo Filgueiras (1856-1910) foi um dos primeiros intelectuais baianos a trazer, para o campo jurídico da Bahia, a formação do pensamento sociológico:

O primeiro nome a destacar num esforço histórico da meditação filosófica e sociológica acerca do Direito é o de LEOVIGILDO (IPIRANGA DO AMORIM) FILGUEIRAS. Um dos fundadores da Faculdade, foi o primeiro ocupante da cátedra de "Filosofia e História do Direito" Em seu livro Estudos de Filosofia do Direito, onde deixa patente a influência do evolucionismo spenceriano, não se logra perceber com nitidez a distinção existente entre filosofia do Direito e sociologia, malgrado os esforços, nesse sentido. Entendendo que a razão fundante da filosofia do Direito e o próprio título de sua diferenciação da "ciência geral da sociedade", a sociologia, é a "necessidade de uma disciplina que descubra, mediante o exame das suas formas mais simples e rudimentares, a origem do direito e, seguindo-lhe as fases históricas sucessivas, determine as leis que regulam a sua formação e o seu processo evolutivo", LEOVIGILDO

¹⁴ Machado Neto, L.A. *Contribuição baiana à filosofia jurídica e a sociologia do direito*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1966. (Separata da Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, ano 61, fax 1, 1966).

FILGUEIRAS não poderia apresentar melhor definição do que hoje se entende como o aspecto dinâmico ou histórico da sociologia jurídica. (MACHADO NETO, 1960.p,173)

Nesse sentido, o pensamento de Leovigildo Filgueiras, como um importante intérprete das questões sociais no campo jurídico, foi fundamental. Ele estudou na Faculdade de Direito do Recife e, logo depois da conclusão do curso, voltou para Salvador para exercer a função de delegado, jornalista e professor. Foi o primeiro professor de Sociologia Jurídica da Faculdade de Direito da Bahia, em 1891.

Tanto para Machado Neto quanto para Filgueiras, o Direito era apresentado como uma das Ciências Sociais, e deveria ser estudado como um fenômeno social, uma forma de vida comum, produzida pela convivência humana.

Vale destacar a contribuição da Faculdade de Direito do Recife para a formação de juristas baianos, devido à força do pensamento de Sílvio Romero para a construção da Sociologia no Brasil. Parte dessa contribuição veio, justamente, da ampla divulgação do seu pensamento entre os estudantes baianos da Faculdade recifense.

Sílvio Romero atuou, durante muito tempo, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, mas o seu pensamento enraizado na formação da Escola de Direito do Recife teve, em suas ideias, um lastro de sustentação que reverberou sobre os magistrados da Bahia.

Entre os estudos e as publicações referentes ao Direito e às Ciências Sociais, na Bahia, está a tese do magistrado José Botelho Benjamin (1858-1904), que escreveu sobre Sociologia, Antropologia e Direito, defendida em 1897, para ser admitido no Tribunal de Apelações e Revista da Bahia. Na tese, o autor apresenta noções sobre a Sociologia e a Antropologia com relação às leis da evolução social, presentes na essência dos estudos sociais da época.

Imagem 4: Folha de rosto da Tese de José Botelho Benjamin¹⁵

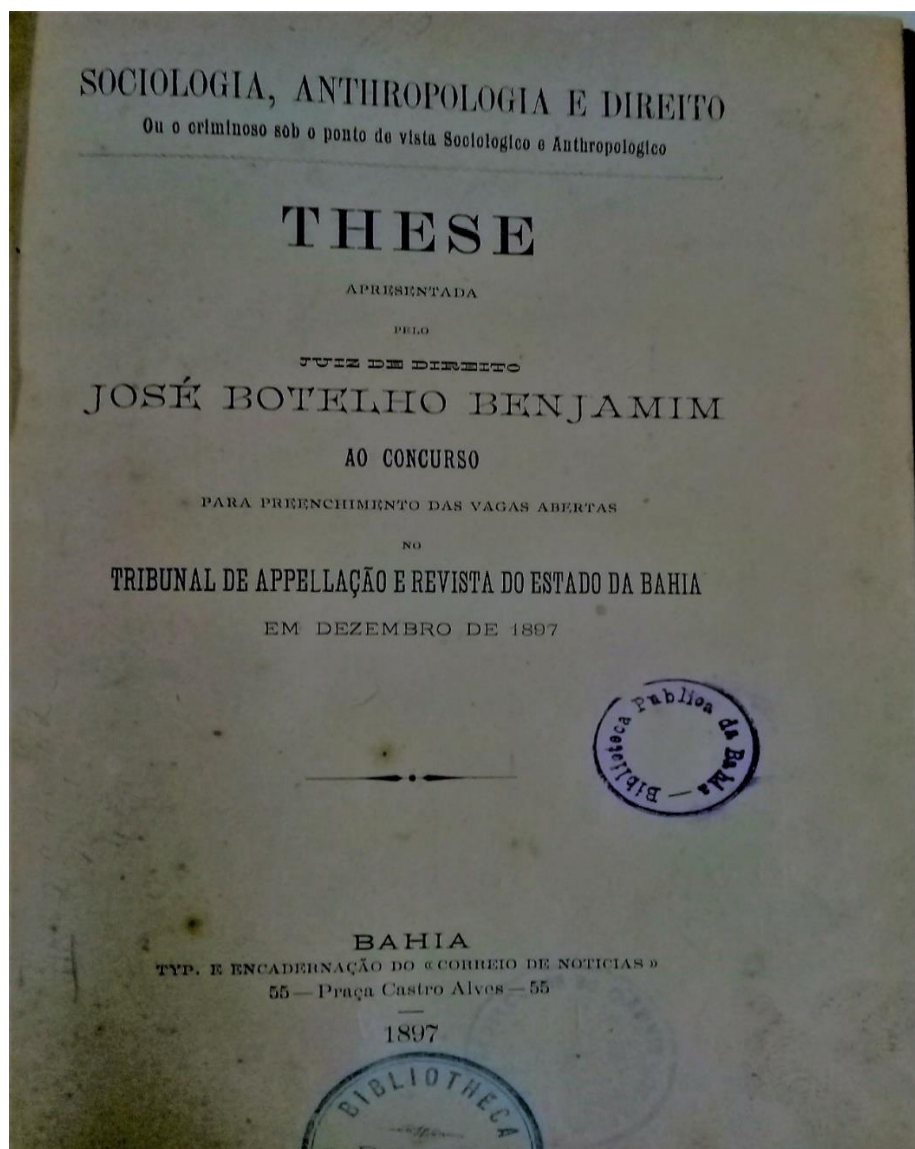


Foto: Luciana P.O.Cruz

Fonte: Arquivo de teses raras da Biblioteca dos Barris- Salvador

Botelho Benjamin estudou na Faculdade de Direito do Recife, por isso a sua influência em entender o Direito a partir das Ciências Sociais propagadas por Sívio Romero e, anos depois, por Tobias Barreto (1839-1889). Foi promotor público e Juiz de Direito da Comarca de Valença, no Recôncavo, e depois em

¹⁵ Imagem retirada do Arquivo de Teses Raras da Biblioteca dos Barris, Salvador, em outubro de 2017.

Salvador. Defendia a seguinte ideia a respeito das questões sociais e jurídicas, na tese de 1897, sobre evolução social:

A lei eterna da evolução que preside ao movimento e harmonia universal, produzindo as maravilhas da transformação progressiva, vai a todo o instante no campo da nossa visão intelectual deixado descortinar novos e mais extensos horizontes em todos os domínios da ciência e do saber humano. (BOTELHO BENJAMIN, 1897, p 8)

Na afirmação de Benjamin, a presença do conhecimento e da produção de argumentos comungam com a formação de um saber totalmente referendado pelos argumentos científicos, com base nas teorias sociológicas e antropológicas. Isso implica na confirmação de que, antes mesmo de ser institucionalizada no país, já existiam, na Bahia e no Recife, intelectuais que discutiam suas teses jurídicas norteados pela teoria científica do Positivismo.

A tese de Benjamin afirma a relevância da Sociologia e da Antropologia para o Direito e a natureza criadora do homem, inclusive para analisar a criminalidade. A partir dessa tese, a influência das Ciências Sociais começa, de fato, a aparecer nos estudos realizados, na Bahia, de forma mais sistemática.

Aloísio de Carvalho Filho (1901-1970), também professor da Faculdade de Direito da Bahia, defendeu a tese de que “as ciências do Direito não de basear-se na sociologia [...] baseado na sociologia de Durkheim para estudar os fenômenos sociais como coisa. ”

Merece destaque o trabalho de outros juristas baianos que fundamentaram seus trabalhos nos estudos sociais e antropológicos. Dentre os estudos realizados, está o de Virgílio Lemos, em 1900, que defendeu a tese intitulada *O Conceito da Soberania*, para ser professor da Faculdade de Direito da Bahia. Na tese, ele argumentava que a Sociologia era indispensável para se compreender o Direito e como esta disciplina tornara-se essencial para o saber jurídico.

Assim como Azevedo, faço referência também ao trabalho de Antônio Muniz Sodré de Aragão¹⁶, que escreveu, em 1907, o livro *As três escolas*

¹⁶ Antônio Muniz Sodré de Aragão (1881-1940) foi um jurista, jornalista, professor e político brasileiro, ex-governador do Estado da Bahia entre os anos de 1916-1920, durante a República Velha(1889-1930). Entre suas obras esta *A Bahia e o seu Papel Histórico na Evolução Política do Brasil*. Revista da Bahia, Bahia, n. 21, 15 de outubro de 1922.

penais: clássica, antropológica e crítica, no qual destaca a Antropologia e as relações jurídicas, defendendo que o crime ou a criminalidade é fruto do ambiente social.

O entendimento das questões que envolviam os fenômenos sociais e o Direito foram expressos, a todo momento, como mecanismo de interpretação social que tinha a finalidade de construir um modelo de organização da sociedade, a partir do conhecimento científico. As interpretações sociais baseadas no Positivismo eram a resposta científica para todo o processo que vinha acontecendo naquele momento, no país, principalmente porque buscavam, na herança racial e cultural, explicações para definir os padrões de comportamento dos indivíduos na sociedade, influenciado diretamente pelas escolas europeias.

Os estudos reafirmam a tendência e a riqueza da existência de uma produção de trabalhos baseados nas Ciências Sociais da Bahia, ligados diretamente ao Direito, porém poucos registros aparecem na história das Ciências Sociais, no Brasil, a partir dos registros baianos. Isso deixa claro o que provocou a invisibilidade de reconhecimento dos estudos realizados com base na Sociologia e na Antropologia dos séculos XIX e XX, na Bahia.

1.2.4 Engenheiros, jornalistas, geógrafos, historiadores e as descrições sobre a realidade

Os trabalhos de engenheiros também foram destaque na produção de conhecimento no lastro da análise sociológica e antropológica, como o registro feito por Euclides da Cunha (1866-1909) sobre a Guerra de Canudos¹⁷, em Monte Santo, no interior da Bahia. Euclides da Cunha era engenheiro civil e

¹⁷A chamada Guerra de Canudos, Revolução de Canudos ou Insurreição de Canudos, foi o confronto entre um movimento popular de fundo sócio religioso e o Exército da República, que durou de 1896 a 1897, na então comunidade de Canudos, no interior do estado da Bahia, no Brasil. O episódio foi fruto de uma série de fatores como a grave crise econômica e social em que encontrava a região à época, historicamente caracterizada pela presença de latifúndios improdutivos, situação essa agravada pela ocorrência de secas cíclicas, de desemprego crônico; pela crença numa salvação milagrosa que pouparia os humildes habitantes do sertão dos flagelos do clima e da exclusão econômica e social. *Site: Só História acesso em: 17Novembrede 2018.*

jornalista, veio para Bahia, em 1897, para relatar os acontecimentos da guerra e depois escreveu o livro *Os Sertões*, publicado em 1902.

Conforme Botelho e Schwarcz (2009), “muitas foram as correntes de pensamento que influenciaram Euclides da Cunha, entre elas o Positivismo. [...], as teorias deterministas europeias, com sua perspectiva sobre mestiçagem. Como consequência dessa influência, ele apresentou uma obra de análise e denúncia social com um arcabouço teórico baseado nos fundamentos das Ciências Sociais.

Para os referidos autores, a obra de Euclides da Cunha teve diferentes perspectivas e interesses, por isso influenciou diversas áreas do conhecimento, tendo em vista que

Do positivismo difuso do século XIX, com sua crença na ciência como instrumento de consolidação de um projeto nação, à vertente romântica expressa na busca do que seria autenticamente nacional, vários são as explicações preocupadas para entendê-la. (BOTELHO e SCHWARCZ, 2009, p.106.).

O seu livro *Os Sertões* buscou refletir sobre aspectos do Brasil pouco conhecido, a partir da História, da Geografia, da Antropologia e da Sociologia, sem deixar de lado o argumento literário. O texto até hoje é lido como perspectiva de construção do que significava o sertão para o resto do país, considerando o Nordeste como uma região que, apesar das enormes contradições e grandes problemas sociais, tinha uma identidade própria.

Em sua obra, os problemas sociais são tratados com olhar científico, influenciado pelas teorias positivistas. Principalmente por ter vivenciado de perto a guerra, descrevia com muita propriedade o que estava acontecendo naquele momento. Seu olhar provocou uma visão sobre a situação do homem sertanejo e as contradições que se impunham com a guerra e por conta dela. O significado disso foi uma leitura sobre os problemas sociais de forma mais realista.

Ainda de acordo com Botelho e Schwarcz, a publicação de *Os sertões* alcançou grande repercussão porque a sua arquitetura obedecia ao esquema proposto pela metodologia positivista, a partir da trilogia o meio, a raça e as

circunstâncias. É uma forma de interpretar os fatos históricos, propondo uma ideia de sociedade em transformação, a partir do olhar da ciência.

Além de Euclides da Cunha, outro engenheiro que buscou, nas Ciências Sociais e na História, analisar a dinâmica social de sua época foi Teodoro Sampaio (1855-1937).

O engenheiro Teodoro Sampaio era baiano, nascido na cidade de Santo Amaro, filho de uma escrava com um padre. Estudou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e, depois de sua formação, voltou para Bahia, onde estudou toda a região da Chapada Diamantina, publicando, em 1906, o livro *O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina*. Sua outra obra relacionada à Bahia é *História da fundação da cidade do Salvador*, publicada em 1938, um ano após a sua morte. Sua obra traz importantes contribuições para a Antropologia Cultural, com descrições sobre as relações sociais na Bahia.

Imagem 5: Teodoro Sampaio



Fonte: Site do Museu Afro Digital da Memória Africana e Afro-brasileira

O livro de Teodoro Sampaio era um diário de suas viagens pelo interior da Bahia, onde está registrado tanto a vida dos povos que viviam na Chapada Diamantina, como as tradições culturais da região baiana. Ao descrever sobre sua passagem pela chapada o que mais lhe chamou a atenção foi as relações de poder estabelecidas pelo coronelismo político e o cangaço.

1.2.5 Das Artes e ofício à valorização da cultura negra: Manuel Querino

Enquanto o desenvolvimento das Ciências Sociais acontecia mundo a fora, outro baiano, formado pelo Liceu de Belas Artes e Ofício, desenvolvia

pesquisas em terras baianas que envolviam a Antropologia. Era Manuel Raimundo Querino (1851-1923), um intelectual afrodescendente, aluno fundador do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia e da Escola de Belas Artes. Pintor, escritor, abolicionista e pioneiro nos registros antropológicos e na valorização da cultura africana na Bahia. Entre as suas obras estão *As artes na Bahia* (1909), *O colono preto como fator da civilização brasileira* (1918) e *A arte culinária na Bahia* (1928).

Imagem 6: Manuel Querino



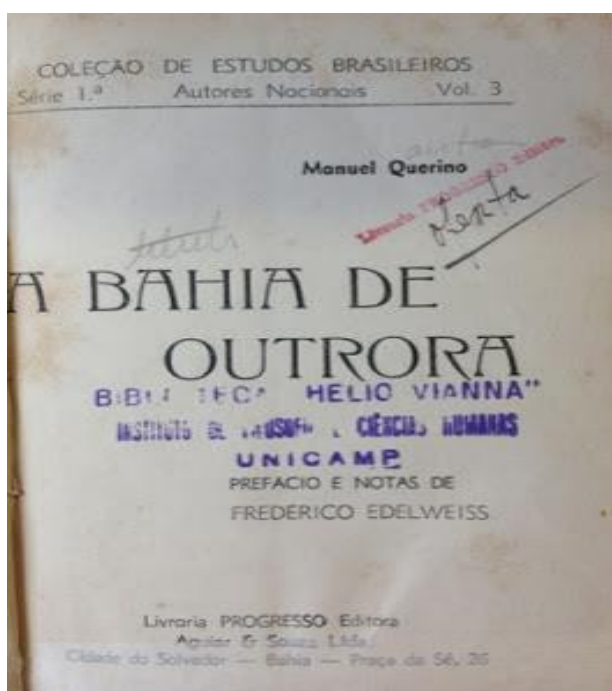
Fonte: Site do Museu Afro Digital da Memória Africana e Afro-brasileira

Querino era pesquisador dos costumes africanos, sendo autor de muitos ensaios sobre a sociedade baiana. Alguns de seus trabalhos foram publicados e ganharam destaque, como o intitulado *A raça africana e os seus costumes na Bahia*, apresentado no V Congresso Brasileiro de Geografia, em Salvador, em 1916. Foi um dos primeiros intelectuais baianos a reconhecer e divulgar a contribuição das culturas africanas para a formação da cultura brasileira.

Com o desenvolvimento do seu trabalho, a identidade cultural da população negra tomou uma maior visibilidade, tornando-se mais fortalecida. Isso porque, ele promoveu um debate bem diferenciado do de Nina Rodrigues e o discurso sobre o determinismo social. Ao levar suas concepções para o debate científico, rompeu com o padrão estabelecido pelos intelectuais de outras escolas, defendendo, arduamente, o reconhecimento do povo negro na história do Brasil.

Os escritos de Manuel Querino tinham como preocupação a valorização da cultura negra e seu trabalho se insurgia contra o pensamento dos intelectuais defensores do racismo científico, os quais afirmavam que os negros eram uma raça inferior. Querino foi num caminho contrário aos intelectuais que defendiam a herança cultural como forte implicação para o reconhecimento das teorias racistas como afirmação de identidade.

Imagem: 7 Folha de rosto do Livro Bahia de Outora



Fonte: Site do Museu Afro Digital da Memória Africana e Afro-brasileira

Eduardo Oliveira (1926-2012), na obra *Quem é quem na negritude brasileira* (1998), que mostra o mapa das produções dos intelectuais negros do Brasil, ressalta que,

Ao pesquisar e divulgar a contribuição dos povos africanos no Brasil, Manuel Querino demonstra a seus iguais a sua importância na construção do país e ao mesmo tempo alerta os descendentes brancos sobre a dívida histórica que possuíam. Querino foi um dos primeiros brasileiros a apresentar uma visão histórica do Brasil que leva em conta as contribuições dos africanos, fazendo-lhes justiça. (OLIVEIRA, 1998, p. 27)

Ao desenvolver suas pesquisas sobre o povo negro, Querino contribuiu para o debate sobre a formação social do Brasil, trazendo a oralidade como fonte de suas pesquisas e recuperando, a partir de seus escritos, os

costumes oriundos da presença africana na cultura brasileira. A sua contribuição para a formação das Ciências Sociais da Bahia vem, justamente, da ruptura com os padrões de análise da sociedade a partir dos meios acadêmicos, como era o caso da Faculdade de Medicina e de Direito.

Seu trabalho e sua escrita promoveram a valorização da cultura negra, levando o debate para as repartições públicas, enquanto representante político. Ele colaborou para criação de novos espaços que tinham como finalidade zelar pelo debate e valorização da cultura brasileira, e baiana em especial, como foi o caso do Instituto Geográfico e Histórico da Baía (IGHB), do qual foi um dos membros fundadores. Ao escrever sobre a Bahia, buscou estabelecer um diálogo no qual os temas sociais estivessem presentes como forma de afirmação de uma cultura de identidade negra de forma positiva.

Ao mesmo tempo em que surgiam, no cenário baiano, intelectuais preocupados em descrever as questões sociais, também vieram instituições com tal objetivo, como foi o caso do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGBH), fundado em 1894, que buscou promover o debate sobre as questões políticas, econômicas e sociais e salvaguardar a memória social baiana.

Assim descreve Aldo Morais (2009, p.17) sobre a fundação do IGBH e quais suas principais finalidades:

Nasceu assim o IGBH anunciando o propósito geral de identificar, organizar e guardar documentos relativos à História e à Geografia; produzir biografias; corresponder-se com instituições irmãs nacionais e estrangeiras; organizar bibliotecas, museus etnológicos e exposições temáticas; organizar expedições de estudo para o interior do estado, além de publicar trimestralmente um periódico e oferecer aos sócios cursos de geografia e história.

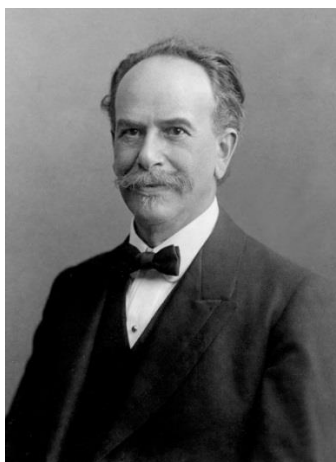
Durante décadas, o IGBH foi responsável por compilar as pesquisas desenvolvidas em todas as regiões do estado, tendo um papel fundamental para organização dos arquivos da documentação da História baiana. Com a consolidação do IGBH, o contato entre baianos e estrangeiros fortaleceu a vinda de pesquisadores do exterior — europeus e norte-americanos — com o objetivo de investigar as relações sociais na capital e no interior do estado. Os principais sócios do IGBH foram historiadores, geógrafos, advogados, engenheiros, políticos, pesquisadores e estudiosos sobre a Bahia.

1.3 O ENCONTRO DE PESQUISADORES ESTRANGEIROS E BRASILEIROS PARA ESTUDAR AS RELAÇÕES RACIAIS NA BAHIA

A vinda de pesquisadores estrangeiros para estudar as relações sociais na Bahia, dá início a um novo ciclo de estudos fundamentados nas Ciências Sociais, baseados nas teorias que envolviam estudos feitos por estudiosos europeus e americanos.

A influência dos estudos realizados pelo alemão, naturalizado norte-americano, Frans Boas (1858-1942), estava diretamente presente nas pesquisas dos estudantes norte-americanos que vieram realizar pesquisas de campo na Bahia. O método boasiano foi bastante inovador para a época, pois rompia com os estudos evolucionistas para analisar, de forma relativista, a condução das ações humanas. Conforme destaca o próprio Frans Boas, o objetivo almejado com o estudo da humanidade é a “tentativa de compreender os passos pelos quais o homem tornou-se aquilo que é biológica, psicológica e culturalmente”. (2009, p. 88).

Imagem 8: Frans Uri Boas



Fonte: Site do Museu Afro Digital da Memória Africana e Afro-brasileira

De acordo com o pensamento de Boas, para que os estudos sobre a humanidade alcançasse êxito, seria necessário recorrer à História ou ao Método Histórico, de modo que isso tornasse o relativismo metodológico um caminho ou fonte para análise e compreensão do desenvolvimento das ações humanas. Esse caminho estaria baseado em estudos e análises da cultura, que deveria ser estudada e analisada como única.

Nesse sentido, com a expansão do desenvolvimento da indústria, da valorização do comércio e do crescimento urbano, houve uma movimentação entre os pesquisadores estrangeiros para virem à Bahia, a partir de 1920. Os pesquisadores chegaram, principalmente, para estudar o processo de colonização, de escravização, da abolição da escravatura e do desenvolvimento da sociedade, naquele momento.

As mudanças culturais do início do século XX começavam, então, a aparecer diante dos olhos de muitos intelectuais que buscavam responder, a partir das teorias sociais, o processo de reorganização da sociedade. A questão cultural e étnica na formação da sociedade brasileira foi observada por intelectuais brasileiros que foram estudar fora do país, o que provocou novos olhares sobre a nossa diversidade.

Entre os intelectuais estava o pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) que, aos 17 anos, foi estudar nos Estados Unidos. Ele era bacharel em Letras, escrevia influenciado por diversas áreas do conhecimento, estudou artes liberais e especializou-se em Política e Sociologia. Depois fez pós-graduação na Universidade de Columbia, Nova Iorque, obtendo o grau de mestre com o trabalho *Vida social no Brasil em meados do século XIX*, em 1922. Foi aluno de Franz Boas e orientado por ele para o desenvolvimento de pesquisas no campo da Antropologia e da Sociologia.

Imagem 9: Gilberto Freyre



Fonte: Site do Museu Afro Digital da Memória Africana e Afro-brasileira

A temporada de estudos de Gilberto Freyre, nos Estados Unidos, e o contato com o antropólogo Franz Boas influenciaram, diretamente, na formação do pensamento social brasileiro no início do século XX. Isso porque, Boas trazia

o argumento de que “a autonomia relativa do fenômeno cultural, [está] rejeitando o determinismo e apresentando a influência do meio ambiente e fatores biológicos como influência na composição das sociedades” (MAIO,1999, p.27). De acordo com Luiz A. de C. Santos, *no livro O Pensamento Social no Brasil (2003, p 95)*, essas ideias contribuíram para a formação do pensamento de Freyre que, depois de terminar seus estudos, volta, em 1923, para o Brasil e escreve o livro *Casa Grande & Senzala*, publicado em 1933.

Em 1926, Gilberto Freyre vem pela primeira vez à Bahia e aqui encontra um celeiro para suas reflexões. Mas é no Recife que seus estudos tomam fôlego com diagnósticos sobre o processo civilizatório brasileiro e a formação da identidade nacional.

O contato de Gilberto Freyre com pesquisadores estrangeiros influenciou, diretamente, na vinda de pesquisadores norte-americanos para estudar as relações sociais brasileira, em especial a Bahia, lugar onde se considerava a diversidade cultural, étnico-racial e econômica “harmônica”, na perspectiva de estudiosos estrangeiros. A escolha do Nordeste para a realização de investigações está situada em dois aspectos: o primeiro, diz respeito ao desenvolvimento econômico da região, devido à produção da lavoura açucareira, no Recôncavo, e à extração de minérios na Chapada Diamantina; o segundo, refere-se à existência de uma interação racial julgada como singular e bem sucedida, tanto interna como externamente, pelos pesquisadores.

A questão étnico-racial era, nessa época, definida pelos estudiosos como relações entre pessoas de uma mesma origem, nesse caso, de uma mesma matriz cultural. Essa definição cabia perfeitamente à Bahia, onde se encontrava a maior população de origem africana, vivendo fora da África.

Neste mesmo período, o médico e antropólogo Arthur Ramos (1903-1949) começava a desenvolver estudos sobre o povo negro, de origem africana, que vivia na Bahia. Foi ele que recepcionou os pesquisadores estrangeiros quando chegaram aqui, no estado.

Dentre os pesquisadores norte-americanos, estava o sociólogo Donald Pierson (1900-1995) que, orientado pelo Professor Robert Park (1864-1944),¹⁸ da Universidade de Chicago, desenvolveu sua pesquisa de doutorado sobre as relações de contato racial. Pierson veio para a Bahia justamente por considerar a convivência entre pessoas de diferentes origens, neste caso os negros africanos, os brancos europeus e os indígenas, como povos que viviam em “harmonia”. Ele considerava essa “harmonia” diferente das relações entre os povos que viviam nos Estados Unidos, onde a separação entre negros e brancos era algo institucionalizado, na época.

Conforme analisa Fernanda Arês Peixoto, no artigo *Franceses e norte-americanos nas Ciências Sociais brasileiras (1930-1960)*, (MICELI, 2001, p. 518), Pierson “descobre” o Brasil na Universidade de Chicago. Ele considerava aqui um lugar privilegiado para o estudo do contato racial e cultural, por isso se firmou no país, depois de 1939, como pesquisador e professor.

Imagem10: Donald Pierson



Fonte: Site do Museu Afro Digital da Memória Africana e Afro-brasileira

Donald Pierson ficou, durante dois anos, em Salvador, entre 1937-1939, para desenvolver sua pesquisa de doutorado, cujo tema versou sobre as

¹⁸ Robert Park (1864-1944) foi um sociólogo norte-americano e um dos mais eminentes pensadores da Escola de Chicago. O trabalho de Park se destaca por seus estudos em relações de raça, migração, assimilação, movimentos sociais e desorganização social no espaço urbano. O sociólogo dedicou seus trabalhos à tentativa de fornecer um modelo para a compreensão dos processos de interação entre indivíduos e comunidades e seu ambiente urbano. Sua produção acadêmica é marcada por seu método de pesquisa empírica, influenciado em grande parte por sua experiência enquanto jornalista. Park sempre defendeu a necessidade de observar concretamente o comportamento humano e as relações entre indivíduos, no contexto urbano.

relações de raça e o contato entre grupos sociais de diferentes origens. Depois, se firmou como professor na Escola livre de Sociologia e Política de São Paulo.

A tese de Pierson deu origem ao livro *Branços e Pretos na Bahia (Estudo de contato racial)*, publicado em 1940, nos Estados Unidos, e em 1943, no Brasil, com prefácio da primeira edição do baiano Arthur Ramos (1903-1949). Ramos descreveu da seguinte forma a presença de Pierson, na Bahia:

Acompanhei com o maior interesse todos os passos de Donald Pierson, durante os vinte e dois meses de sua permanência na Bahia, entre os anos de 1935 e 1937, quando veio estudar, sob o auspício da Social Science Research Committee, da Universidade de Chicago, de que era assistente, e da Rosenwald Fund, as reações de raça num local, como a Bahia, que se apresentava como ponto ideal para essa classe de estudo. (RAMOS, 1922, 47).

Conforme descreveu Arthur Ramos, na 2ª edição do livro *Branços e pretos na Bahia* (1943), a Bahia era o lugar ideal para o desenvolvimento dos estudos, porque era considerada um verdadeiro “laboratório de civilização”. Isso porque, a relação entre brancos e pretos era bem diferente da que acontecia nos Estados Unidos. Nas terras baianas, a convivência entre os brasileiros negros e brancos era considerada harmoniosa, independente do julgamento das relações de raça e cultura.

Ainda de acordo com Arthur Ramos (1943, p,68), “Podemos, pois, afirmar que a obra de Pierson é a primeira tentativa científica que surge no Brasil de estudo sistematizado e objetivo das relações de raças”. Devemos considerar, sim, o trabalho de Pierson pioneiro, mas não deixando de reconhecer a importância dos trabalhos realizados pelos antecessores brasileiros, que já vinham realizando estudos sobre as relações sociais no Brasil. Tomo como exemplo os estudos de Gilberto Freire.

O trabalho de Pierson sobre *Branços e Pretos na Bahia* é uma referência para descrever as relações sociais na cidade de Salvador. Considero uma obra que, mais tarde, ajudou na sustentação do discurso sobre o mito da democracia racial no Brasil. Algo que sempre esteve presente no imaginário científico e social brasileiro, mas reforçado pelas teorias do início do século XX.

Nesse sentido, Jaci Menezes, no livro *História e Memória da Educação na Bahia* (2013), faz a seguinte consideração:

O trabalho de Donald Pierson sobre as relações sociais em Salvador, realizado na década de 1930, se vale de múltiplos instrumentos, que vão da observação participante, entrevistas com moradores, análise de documentos, uso de fotografia, como relatos escritos autobiográfico com membros da comunidade negra baiana. Seu livro, “Branços e Pretos na Bahia”, faz uma grande discussão final, falando da existência ou não de formas de preconceito e discriminação entre dois grupos. Os seus resultados são o ponto de partida para a discussão estabelecida pelo grupo da Columbia University na Bahia rural e, posteriormente, para o confronto com os estudos de Bastide e Fernandes em São Paulo, também sob o auspício da UNESCO. (MENEZES, 2012, p.34)

Nos seus estudos, Donald Pierson analisou as relações sociais em Salvador como um contexto bem específico, ao observar *in loco* a dinâmica da sociedade baiana. Assim, foi possível para ele descrever como os grupos sociais se organizavam de acordo com a classe social e as relações raciais. Nesse sentido, esse autor faz a seguinte afirmação:

Se quiséssemos encontrar no Brasil, uma “porta” pela qual pudéssemos, por assim dizer, entrar e examinar *in loco* a “situação racial” brasileira, nenhuma seria talvez mais indicada que o velho porto da Bahia, porque é ali que a acomodação racial se vem processando há séculos e com alto grau de persistência, envolvendo grande número de indivíduos de cada uma das três raças básicas, sendo os resultados delineados claramente. (PIERSON, 1943.p,91)

Nesse período, os estudos sobre religiosidade e cultura africana tiveram uma força ainda maior com a chegada de pesquisadores estrangeiros, que deram origem a uma característica bem peculiar sobre as Ciências Sociais na Bahia: as análises sociológicas e antropológicas do Candomblé e das demais religiões afro-brasileiras.

Sobre a influência de Donald Pierson, outros pesquisadores norte-americanos também vieram realizar seus estudos de doutoramento, dentre os quais estava a antropóloga Ruth Landes¹⁹ (1908 -1991) e o antropólogo Charles Wagley²⁰ (1913-1991).

A presença dos pesquisadores deu um impulso para a divulgação das pesquisas que eram realizadas no estado, com o reconhecimento da diversidade que constituía a sociedade baiana. Dessa forma, a pesquisa de Ruth Landes, realizada entre os anos de 1938 e 1939, sobre o papel das

¹⁹ Ruth Landes (1908-1991) foi uma etnóloga estadunidense radicada no Brasil. Formou-se pela Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Em 1938, ganhou um contrato de pesquisa para estudar as relações raciais no Brasil. Entre suas obras está o livro *A Cidade das Mulheres*.

²⁰ Charles Wagley(1913-1991)Antropólogo norte-americano, veio para Bahia desenvolver pesquisa na Comunidade de Rio de Contas em 1939.

mulheres nos candomblés da Bahia, foi fundamental para o fortalecimento dos estudos sobre a condição feminina no processo da matriarcalidade no Candomblé. Seus estudos deram origem ao livro *A Cidade das Mulheres*, que foi publicado em 1947, nos Estados Unidos. Junto com o baiano Edson Carneiro (1912-1972), Landes explorou a convivência nos terreiros de candomblé e pesquisou o cotidiano da cidade de Salvador.

Edison Carneiro (1912-1972) era jornalista e escritor baiano, especializado em temas afro-brasileiros. Foi considerado um dos maiores etnólogos brasileiros, comprometido com os estudos sobre a cultura afro-brasileira, tendo sido militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB),²¹ a partir da década de 1930. Fez todos seus estudos em Salvador, até diplomar-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1936 (turma de 1935). Entre as suas principais obras estão: *Religiões Negras* (1936), *Negros Bantos* (1937), *O Quilombo dos Palmares* (1947), *Castro Alves* (1947), *Candomblés da Bahia* (1948), *Antologia do Negro Brasileiro* (1950), *A Cidade do Salvador* (1954).

A sua aproximação com Ruth Landes ajudou no desenvolvimento das pesquisas que envolviam a comunidade de religião afro-brasileira, em Salvador. O registro desta aproximação está descrito no livro *A Cidade das Mulheres* da antropóloga norte-americana.

Imagem 11: Ruth Landes



Imagem 12: Edson Carneiro



Fonte: Site do Museu Afro Digital da Memória Africana e Afro-brasileira

²¹ Partido Comunista Brasileiro (PCB)^[6] é um partido político brasileiro que se define como um partido de militantes e quadros revolucionários que se formam na luta de classes, na organização do proletariado^[7] e no estudo teórico das obras de Karl Marx e Friedrich Engels.^[8] Sua base teórica para a ação prática é o marxismo-leninismo,

Regina Abreu (2002), no destaque sobre a publicação da segunda edição do livro no Brasil, assim escreveu sobre a antropóloga:

Ruth Landes chegou ao Brasil em 1938 para realizar uma “pesquisa antropológica sobre a vida dos negros” com o objetivo de completar seu doutorado em antropologia na Universidade de Columbia. Com uma perspectiva comparativa, a antropóloga nova-iorquina pretendia investigar as diferenças entre a situação inter-racial brasileira e a americana: “Ouvíramos contar que a grande população negra [no Brasil] vivia fácil e livremente em meio à população geral e queríamos saber de que forma a situação inter-racial diferia da nossa, nos Estados Unidos. [...] A pesquisa acabou tomando rumo completamente diverso do originalmente pretendido. Após uma breve estada no Rio de Janeiro, a antropóloga embarcou para a Bahia, onde permaneceu por alguns meses. Lá, com o auxílio de Édison Carneiro, Ruth Landes foi aos poucos penetrando o universo da cultura negra. (ABREU, 2002.p,89)

A presença de Ruth Landes é o primeiro registro de uma pesquisadora nas Ciências Sociais da Bahia. Conforme descrevemos até aqui, o campo da pesquisa era, predominantemente, masculino.

Ao mesmo tempo, outros pesquisadores estrangeiros também faziam seus registros sobre as relações sociais brasileira. Dentre eles, estava o francês Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e o norte-americano Marvin Harris (1927-2001), que desenvolveram pesquisas em São Paulo.

Nesse mesmo período, o interior da Bahia foi destino do antropólogo Charles Wagley, mais especificamente a Chapada Diamantina, onde estudou as relações comunitárias entre os moradores da região de Rio de Contas. O foco de sua pesquisa era o Brasil Rural, por isso ele escolheu a região para investigar as relações estabelecidas na região da Chapada, que eram bem definidas. Havia, ali, comunidade identificada como espaço de brancos e comunidade de negros. Como resultado dos estudos, vamos encontrar, posteriormente, o desenvolvimento do Projeto UNESCO, no Brasil, a partir dos anos de 1950.

É importante destacar outros pesquisadores estrangeiros que passaram pela Bahia para a realização de estudos sociais: os norte-americanos Melville J. Herskovits (1895-1963), E. Franklin Frazier (1894-1962), o francês Roger Bastide (1898-1974). Os pesquisadores tinham como foco de suas pesquisas as relações raciais, as crenças e os ritos de africanos e afro-brasileiros na Bahia.

A forma como foi se organizando a sociedade brasileira convergiu com o processo de avanço da modernidade. Tudo isso constituiu cenário para interpretações sociológicas e antropológicas, do final do século XIX e início do século XX.

Até aqui, os estudos sociais na Bahia não tinham uma formação específica e, por isso, não são descritos como parte do quadro de formação da história das Ciências Sociais. No Brasil, na literatura sobre o tema, o que é possível contestar é se essas são as linhas mestras que vão dar origem à formação do pensamento social brasileiro.

Foi no contexto exposto acima que o primeiro período dos estudos sociais, na Bahia, encontra-se definido como primeiro estágio de estudos com base nas teorias sociológicas e antropológicas. Portanto, à medida em que as análises avançaram, é possível sinalizar como período de origem dos primeiros estudos e a formação de intelectuais não especializados em Ciências Sociais no estado, exceto alguns estrangeiros, mas todos tinham, no seu labor intelectual, influências das teorias sociais de origem positivista.

Esta pode ser considerada a primeira fase das Ciências Sociais baiana, na qual as características das análises sobre as relações sociais estavam diretamente relacionadas com a antropogenia, ou seja, os estudos realizados estavam diretamente implicados pela natureza, pelas relações étnico-raciais e as condições de existência, convivência e resistência de cada grupo étnico presente na formação social baiana.

Enquanto aproximação teórico-metodológica, os estudos sociais tiveram, desde o início, a etnografia como base. A utilização deste método é uma característica marcante nas Ciências Sociais baiana.

Nesse contexto, destaco que, até 1930, os estudos sobre a formação de contato étnico-racial e os elementos culturais que compunham a sociedade baseados na mestiçagem, estavam entre os principais temas das pesquisas realizadas na Bahia. Depois do desenvolvimento das pesquisas, considero esta como a primeira fase dos estudos sociais baianos; a segunda, é definida pelo processo de institucionalização impulsionado pela fundação da Universidade

da Bahia, em 1940, e a criação do curso de Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1943.

Entre os principais aspectos a ser considerado sobre os primeiros passos dados pelas Ciências Sociais na Bahia, está o desenvolvimentos de pesquisas de caráter biossociais, vinculadas a Faculdade de Medicina da Bahia, influenciados pela presença de pesquisadores estrangeiros e da saída de brasileiros para estudar na Europa e Estados Unidos. Temas pertinentes as relações étnico raciais eram destaque neste período, que deram origem a formação de novas instituições e cursos de Ciências Sociais no estado, como será tratado no próximo capítulo desta tese.

1ª Fase: Temas sociais como fonte de estudo
1808 – Criação da Escola de Cirurgia da Bahia
1840 - Fundação da Escola de Medicina da Bahia
Médicos estudam temas sociais com bases na Biologia e nas Teorias Sociais
Justiniano da Silva Gomes: Teoria social e método de indagação da realidade
1844 - José de Góes Silveira: A civilização tem concorrido para o melhoramento da saúde pública?
1853 - José Antônio de Freitas Júnior: Proposições sobre a influência social na produção de moléstias.
1854 - José Marcelino de Mesquita: Os efeitos que o luxo produz sobre o físico, quer na moral do homem. Comparações sobre a vida no campo e na cidade
Comparações sobre a vida no campo e na cidade.
Manuel Bernardino Bolivar: - Breves considerações sobre a lei da prancha ou da chibata
Tomás do Bomfim Espínola: Da influência progressista da civilização sobre o homem
1881 -Sílvio Romero: Estudos Sociológicos na Faculdade de Direito do Recife
1887 - Luiz Anselmo da Fonseca: A escravidão, o clero e o abolicionismo

1891- Leovilgildo Filgueiras: ensina Sociologia Jurídica na Faculdade de Direito da Bahia
1894- Nina Rodrigues: Os animismos e fetichismo dos negros baianos
Juristas que estudavam o determinismo social:
<ul style="list-style-type: none"> • Felinto Bastos
<ul style="list-style-type: none"> • Cornélio Ferreira
<ul style="list-style-type: none"> • Pedro Verne
<ul style="list-style-type: none"> • Aurelino Leal
1895- Joao Batista de Sá: Índios de Camacan
1897- José Botelho Bartolomeu (jurista) : Sociologia, Antropologia e Direito
1900: Virgílio Lemos
1902: Euclides da Cunha publica os Sertões
1904: Oscar Ferreira de Carvalho
1906: Nina Rodrigues Africanos na Bahia (obra póstuma)
1907: Antonio Muniz Sodré de Aragão, As três escolas penais (clássica, antropológica e crítica)
1916- Manuel Querino: As Raças africanos os seus costumes na Bahia
1926: Gilberto Freire vem pela vez à Bahia
1927/28: Arthur Ramos estudos sobre os negros brasileiros
1930: Oferta da disciplina Sociologia na Faculdade de Direito do Recife
1933/34: Escola Livre de Sociologia de São Paulo
1935/37: Donald Pierson: Estudo de contato racial na Bahia
1937: Ruth Lande e Edson Carneiro: Estuda os candomblés da Bahia
Chales Wagley e Marvim Harris: Estudos na Chapada diamantina
Teodoro Sampaio: O Rio São Francisco e a Chapada diamantina
Criação do curso de Ciências Sociais no Rio de Janeiro

CAPÍTULO 2 O PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA BAHIA

O processo de institucionalização das Ciências Sociais na Bahia se desenvolveu a partir da implantação da Universidade da Bahia, em 1941, uma instituição pública criada com o objetivo de unir as principais escolas de ensino superior do estado. Por isso, é preciso destacar qual o significado da criação da Universidade para o desenvolvimento do curso de Ciências Sociais em Salvador. A criação de cursos de ensino superior tinha como finalidade a formação de profissionais qualificados para atuarem em diferentes setores da sociedade.

O que chama a atenção, no processo de criação dos cursos de Ciências Sociais, foi que, além da Universidade Federal, encontramos mais três cursos de Sociologia espalhados na Bahia: Faculdades de Sociologia e Política, na cidade de Salvador (1960); Escola de Sociologia e Política, de Vitória da Conquista e Escola de Sociologia e Política de Ilhéus. Outro espaço de desdobramentos do processo de institucionalização foi a criação do Departamento de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia.

2.1 A CONJUNÇÃO DAS PRIMEIRAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DA BAHIA

As mudanças que aconteceram com a reforma política, desde 1930, no Brasil, com o processo de modernização da sociedade, deram início a novas demandas sociais. Entre as demandas estavam a criação de instituições para produção de conhecimento, formação de profissionais qualificados para atuarem em diferentes setores sociais em desenvolvimento do país, implantação de universidades e centros de pesquisas. Essas foram algumas estratégias para atender às demandas sociais por modernização.

O processo de industrialização e urbanização, que havia começado em 1920, provocou uma série de mudanças no cenário político, econômico e educacional do país. Primeiro, com o rompimento do poder das oligarquias políticas, as classes emergentes buscaram o comando do país; depois, a economia passou por uma série de instabilidade provocada pela queda do

capital e a expansão de novas camadas sociais. A educação, então, passou a ser um instrumento fundamental de mudança de pensamento.

A recente modernização capitalista no Brasil, nos anos de 1930, trouxe a expansão de novas camadas sociais e abriu possibilidades de mobilidade social na estrutura de classes da sociedade brasileira, com a ampliação do mercado de trabalho e do mercado consumidor. Nesse contexto de expansão das forças produtivas, a educação escolar foi considerada um instrumento fundamental de inserção social, tanto por educadores, quanto para uma ampla parcela da população que almejava uma colocação nesse processo. Às aspirações republicanas sobre a educação como propulsora do progresso, soma-se a sua função de instrumento para a reconstrução nacional e a promoção social. (ANDREOTTI,2004,p.3)

Na Bahia, especificamente, a fundação de departamentos técnicos e de ensino fortaleceu o estado como centro de formação de profissionais com ensino superior. Isso só ocorreu com a reunião de uma unidade acadêmica que incorporou as escolas de Medicina (1808), Farmácia (1832), Ciências Agrônômicas (1860), Odontologia (1884), Belas Artes (1877), Direito (1891), Engenharia (1896), Economia e Comércio (1905), sendo, posteriormente, criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1940: a Universidade da Bahia, atual UFBA.

Segundo Edvaldo Boaventura (1933-2018), no artigo *Educação Superior na Bahia* (2009), para a junção dos cursos de ensino superior e a organização da Universidade da Bahia,

Depois da criação das unidades acadêmicas durante quase um século e meio, começou a convergência dessas faculdades, públicas e particulares, em direção à universidade. Esta aportou muito tarde no Brasil e, mais tarde ainda, na Bahia. Com tantas faculdades isoladas, chegou o momento de sua integração em universidade. A presença da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, [...], foi deveras importante. A Bahia não fugiu à regra das políticas federais. (BOAVENTURA,2009 p,117)

Ainda de acordo com o autor, o projeto de criação da instituição se deu a partir dos seguintes critérios:

O projeto que define a Universidade abrange o sistema escolar, determinado pelo Plano Nacional de Educação, e incluía os institutos superiores federais de ensino, ou oficializados, em funcionamento na capital do Estado. Faz referência expressa às faculdades de Medicina, Direito e Escola Politécnica. Na regulamentação da lei proposta, traçou os requisitos: manutenção dos estabelecimentos; constituição do patrimônio e organização do colégio universitário; ampliação do regime dos institutos de ensino secundário e técnico-profissional, como Faculdade de Ciências Econômicas, Escola Normal, Escola Agrícola, Instituto de Música, Escola de Belas Artes, Ginásio da Bahia; cursos

de extensão; autonomia universitária; planejamento da cidade universitária; e elaboração de uma cultura que reate as tradições humanistas, científicas, artísticas e literárias da Bahia. (BOAVENTURA,2009 p,121)

A organização das instituições deu origem à Universidade da Bahia (1940), uma instituição que tinha como função se tornar um centro acadêmico de excelência para o estado, e referência para o Nordeste, como afirma o artigo 1º de seu regimento:

Art. 1º. É criada a Universidade da Bahia abrangendo, num sistema escolar, determinado pelo Plano Nacional de Educação e pela regulamentação desta lei, os institutos de ensino superior federais ou oficializados que funcionam presentemente na capital daquele Estado (Faculdade de Medicina, Direito e Escola Politécnica). (BOAVENTURA,2009 p,121)

Como já destaquei no capítulo anterior, a vinda de pesquisadores estrangeiros para a Bahia foi um marco para o ensino superior no estado, como também a fundação de novas instituições ligadas a pesquisas. Além disso, um quadro qualificado de profissionais foi fundamental para a criação de novos cursos, a exemplo de Filosofia, Letras e Matemática e, mais tarde, o de Ciências Sociais.

Com o objetivo de fomentar a formação do ensino superior e a expansão de pesquisas em diversas áreas de conhecimento, a Universidade da Bahia foi um grande passo para o desenvolvimento das ciências, em geral, na cidade de Salvador. Isso evitou a saída de muitos jovens que antes iam para o Rio de Janeiro, São Paulo ou Recife e passaram a ter condições de estudar aqui no estado.

Para a implantação da Universidade da Bahia, existiam alguns critérios determinados pelo Plano Nacional de Educação, de 1930, o qual considerava fundamental a criação de uma instituição que tivesse a formação filosófica e a formação humanística presentes nos pilares dela. Assim, foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1941, cujo objetivo foi integrar as faculdades que existiam de forma isolada:

[...] em pleno Estado Novo, o educador Isaías Alves de Almeida reuniu um grupo de professores originários de diversas formações e criou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1940. Foi uma das exigências formais para que houvesse universidade, segundo o estatuto das universidades de 1931. (BOAVENTURA,2009 p,127)

A presença de pesquisadores e políticos, empenhados em promover a inovação científica, fortaleceu a fundação da Faculdade. Com isso, a junção das principais escolas de formação no ensino superior buscou sedimentar seu modelo de organização nos padrões europeus.

Para ilustrar a importância do momento, foi feito o registro com as autoridades presentes na inauguração. Sobre o *hall* da escadaria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras estavam personalidades importante para educação da Bahia, naquele período. Entre eles estavam Isaías Alves (1888-1968), Bernardo Catarino, Joaquim Baleeiro, Carlos de Aguiar Costa Pinto, Anísio Massorra, Carlos Joaquin de Carvalho, Guilherme Marback , Hugo de Luma Ferreira, Raul Malbouisson, Manuel Correia da Cunha, Joaquim Lopes Brandão, Artur Fraga, Bernardo Manso Martins, Agnelo Brito, Antônio Jorge Franco, Pomphilo de Carvalho, Arnaldo Wildberger, Joaquin Simões d' Oliveira, Raul da Costa Lino e Manuel E. F. da Cintra Monteiro.

Imagem 13: Membros da reunião para a inauguração da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia (1941)



Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais da UFBA.

A imagem acima é composta por homens brancos que representavam, então, o padrão da elite intelectual do estado, e não há registro da presença de mulheres na fundação da organização. Isso evidencia como a formação intelectual e a representação política, entre os anos de 1930 e 1940, estavam

centradas na figura masculina, sendo as narrativas sobre os acontecimentos sociais representadas pelos homens.

A partir de 1943, foram implantados outros cursos na Faculdade de Filosofia. Foram autorizados, para imediato funcionamento, os cursos de História, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras anglo-germânicas, Geografia, Química, Pedagogia e Ciências Sociais. Essa simultaneidade de criação de vários cursos foi uma das características marcantes da fundação da Faculdade de Filosofia, porque possibilitou a entrada de muitos alunos na Universidade, não só nos cursos considerados clássicos (Medicina, Direito e Engenharia), mas também naquela cuja formação em humanidades começou a tomar lugar de destaque. A chegada dos novos cursos representou a formação de uma nova elite intelectual e favoreceu o financiamento de pesquisas no estado, tema que tratarei mais adiante.

Sérgio Miceli (1995), no livro *História das Ciências Sociais no Brasil*, volume 2, considera o processo de institucionalização das Ciências Sociais²² a partir da seguinte perspectiva:

O Brasil talvez seja um dos únicos países latino americano (um dos poucos no Terceiro Mundo) a ter logrado êxito no processo de institucionalização das Ciências Sociais, quer no nível de sua inserção no ensino superior [...] em termos de sua incorporação ao sistema voltado para a investigação científica e tecnológica. (MICELI, 1995, p.9)

Esse processo foi reforçado, a partir de 1937, com a presença de pesquisadores e professores estrangeiros — Donald Pierson, Charles Wagley, Melville J. Herskovits — que atuavam na formação de novos quadros profissionais especializados. O reforço veio para os jovens que saíram para estudar em outros estados e depois voltaram, já qualificados e preparados, para a função docente. Essa movimentação foi tão favorável, que deu início a um movimento de expansão acadêmica na Bahia, onde existia um espaço para

²² O primeiro curso de Ciências Sociais criado no Brasil foi fundado em 1933, em São Paulo, na Escola Livre de Sociologia e Política, por iniciativa da sociedade civil, representada pela Federação das Indústrias de São Paulo. O curso pioneiro enfrentou uma série de dificuldades com a Reforma Capanema (1942-1946) e não foi reconhecido pelo MEC. Em 1935, foi criado o curso na Universidade de São Paulo, e em 1937, no Rio de Janeiro.

a consolidação de um padrão de carreira acadêmica, cujo objetivo era atender às elites sociais baianas.

De certo modo, a implantação dos cursos ajudou na qualificação de pessoal para atuar nos quadros do governo do estado, no desenvolvimento da educação e na produção de conhecimento para a inovação social. Isso só foi possível porque se tinha, naquele momento, um projeto político de âmbito nacional, cujo objetivo era a valorização e o reconhecimento da educação, com o intuito de modernizar as bases sociais do país: a Reforma Francisco Campos, de 1931.

A Reforma Francisco Campos foi a primeira reforma educacional de caráter nacional, realizada pelo então Ministro da Educação e Saúde, Francisco Luís da Silva Campos²³ (1891-1968). A Reforma deu uma estrutura orgânica ao ensino secundário, comercial e superior, com a criação de cursos para a formação desde o ensino secundário até o ensino superior no país.

Maria Lucia A. Fávero (2006) definiu as diretrizes da Reforma Francisco Campos a partir da seguinte análise:

Trata-se, sem dúvida, de adaptar a educação escolar a diretrizes que vão assumir formas bem definidas, tanto no campo político quanto no educacional, tendo como preocupação desenvolver um ensino mais adequado à modernização do país, com ênfase na formação de elite e na capacitação para o trabalho. (FÁVERO, 2006, p. 23),

As transformações ocorridas com a Reforma deram início à criação de novas instituições de ensino superior, como foi o caso da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro (UDF), que deve a sua implantação graças ao trabalho de Anísio Teixeira. A instituição funcionou em um período inferior a quatro anos, mas o trabalho desenvolvido pelo seu mentor está presente no sentido e função da educação e da Universidade até hoje.

No processo de criação da Universidade da Bahia, já existiam muitos baianos reconhecidos pelo trabalho e pesquisas dentro e fora do Brasil. Dentre eles, estavam: Anísio Teixeira, jurista e professor, um grande intelectual e pesquisador sobre a educação no Brasil; o também jurista e professor Isaías

²³ Francisco Luís da Silva Campos foi advogado, professor, jurista e político brasileiro, responsável, entre outras obras, pela redação da Constituição brasileira de 1937 e do AI-1 do golpe de 1964.

Alves que, antes de ser o primeiro diretor da Faculdade de Filosofia, foi diretor do Ginásio da Bahia; e Luiz Aguiar da Costa Pinto, sociólogo e professor. Depois vamos encontrar referências como Thales de Azevedo, médico e professor, que ajudou na consolidação do curso de Ciências Sociais.

2.2 INTELLECTUAIS BAIANOS E A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

Nesse cenário de inovação social, alguns intelectuais baianos tomaram lugar de destaque no quadro nacional e internacional, entre os anos de 1930 e 1950. O trabalho e empenho dos intelectuais interferiu, significativamente, na história da educação no Brasil e na implantação do curso de Ciências Sociais na Bahia.

Entre os baianos estava Anísio Teixeira que, entre os anos de 1920 e 1960, foi o idealizador de mudanças no campo educacional, sendo uma referência de suma importância para a educação brasileira, justamente por ter como proposta um modelo inovador. O modelo foi pautado no desenvolvimento e modernização do país, tendo a Universidade um papel central no processo de mudanças na educação. Enquanto intelectual, contribuiu para a criação da Universidade do Brasil e da Universidade da Bahia.

Imagem14: Anísio Teixeira



Fonte: Arquivo do CPDOC.

O trabalho de Anísio Teixeira como educador foi fundamental para a educação da Bahia, tendo em vista que suas ações estavam diretamente voltadas para o desenvolvimento social. Após a conclusão da sua graduação em Direito, no Rio de Janeiro, veio para seu estado de origem e ajudou na reforma educacional baiana, entre os anos de 1924 e 1928. Logo após, decidiu

aprofundar seus estudos nos Estados Unidos, onde matriculou-se na Universidade de Columbia.

Na Universidade de Columbia, ele passou a ter um contato direto com outros intelectuais brasileiros, entre eles Gilberto Freyre. Dessa convivência, passaram a dialogar sobre questões que envolviam a formação do povo brasileiro e a educação e, tempos depois, eles voltaram a se encontrar aqui na Bahia, quando Gilberto Freyre vem pela primeira vez ao estado, em 1926. Enquanto educador, Anísio Teixeira buscava, constantemente, novos métodos de ensino e de gestão que pudessem ser aplicados no Brasil. Sua principal inspiração era a Escola Nova, onde a escola seria um agente de transformação social dos indivíduos.

Entre as atividades desenvolvidas, foi Presidente da Associação Brasileira de Educação e um dos líderes do movimento pela renovação do sistema educacional do país. Anísio Teixeira foi signatário, em 1932, do manifesto intitulado *A reconstrução educacional no Brasil*, redigido por Fernando Azevedo e conhecido como *Manifesto dos pioneiros da educação nova*²⁴. Nele, propôs a adoção de um sistema escolar público, gratuito, obrigatório e laico.

Depois de viver e atuar no Rio de Janeiro, foi também secretário de Educação da Bahia, entre os anos de 1947 a 1950. Conforme Menezes (2013 p.22),

[...] Anísio Teixeira foi secretário de Educação na Bahia, na gestão de Otávio Mangabeira. Este, que havia se consagrado como o grande defensor da democracia e opositor ao Estado novo, foi eleito para o governo do estado por uma ampla coalizão política. Seu governo, voltado para a redemocratização, pretendia ampliar a ação do estado no social, em especial na educação, saúde e cultura, a cargo de Anísio Teixeira. Visando instalar uma relação forte entre pesquisa e planejamento, Anísio cria a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência, pretendendo que ela funcione como núcleo duro do desenvolvimento científico e tecnológico, e em convênio com a Universidade de Columbia, organiza pesquisas sobre a tensão modernidade e tradição em sete regiões ecológicas.

²⁴ O manifesto dos pioneiros pela escola nova foi um documento assinado por vários intelectuais brasileiros que tinha como finalidade a reivindicação e a implantação da escola única, laica e gratuita, baseado em um ensino unificado e comum a todos. Este sistema de ensino demandava também professores com formação unificada. O Manifesto foi um documento político que tratou de problemas pertinentes à formação docente e às necessidades deste “novo” educador para atuar na nova escola.

É desse contato direto que se vincula a figura de Anísio Teixeira e as Ciências Sociais da Bahia, e a importância de seu trabalho esteve diretamente ligada ao desenvolvimento de pesquisas que tinham como fundamento as questões sociais e a educação.

Outro intelectual importante para a formação das Ciências Sociais na Bahia foi o educador e jurista Isaías Alves (1888-1968). Secretário de Educação e Saúde da Bahia, entre os anos de 1938 a 1940, teve papel central na implantação da Universidade da Bahia e foi idealizador, diretor e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Fez mestrado na Universidade de Columbia/Estados Unidos, vindo dessa experiência o convite para atuar na Secretaria de Educação e Saúde, onde atou entre os anos de 1934 até 1940. Em 1941, tornou-se diretor da Faculdade de Filosofia, cujo curso tinha como finalidade qualificar professores e pesquisadores para atuarem no estado. Foi professor do Curso de Ciências Sociais, onde ministrava psicologia educacional e, como educador, defendia a formação mais específica para os professores do ensino secundário.

Segundo Ana Cristina Alves Rocha (2008, p. 250), Isaías Alves esperava que essa orientação “propiciaria a formação de uma ‘consciência profissional’ própria, mas que deveria ter o mesmo prestígio social de outras categorias profissionais liberais, como os médicos, advogados e engenheiros, por exemplo”.

Do seu trabalho e convivência com Anísio Teixeira, a proposta de inovação no campo da educação se concretizava com a implantação da Universidade, que seria o caminho para favorecer e modernizar as práticas educacionais e a sociedade.

Imagem 15: Isaías Alves



Fonte: Arquivo do CPDOC.

Entre as ideias de modernização do país, a implantação de universidades tinha como propósito desenvolver pesquisas que contribuíssem para ações que envolvessem a administração e a política dos estados. As pesquisas realizadas nas universidades e centros de estudo serviam de ferramentas para a compreensão do que seria o projeto de modernidade pretendido pelo poder estatal.

Ao mesmo tempo em que se buscavam caminhos para se modernizar a sociedade brasileira, figuras importantes também surgiram no cenário nacional contribuindo, significativamente, para a implantação dos novos cursos. Luiz Aguiar Costa Pinto (1920-2002) foi uma dessas figuras. Baiano nascido em Salvador, formou-se em Ciências Sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), na Universidade do Rio de Janeiro, antiga Universidade do Brasil (UB), tornando-se professor de Sociologia. Do seu contato com outros intelectuais baianos, ajudou na implantação do curso de Ciências Sociais, na Universidade da Bahia.

Marco Chior Maio e Gláucia Villas Bôas (1999, p. 24), acrescentam à biografia de Costa Pinto que ele nasceu em Salvador, Bahia, em 1920, descendente de tradicional família baiana, filho e neto de políticos importante, sendo um dos primeiros intelectuais baianos com formação em Ciência Sociais de destaque em nível internacional.

Costa Pinto desempenhou um papel primordial para o processo de institucionalização e reconhecimento das Ciências Sociais na Bahia. Como professor e precursor de ideias sobre modernidade, identidade, formação étnico-racial e capitalismo, suscitou um grande número de trabalhos sobre a Sociologia brasileira, a mobilidade social e as novas relações de classe, a partir da década de 1941. Era professor da Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, mas em contato direto com o Professor Isaías Alves, contribuiu para a implantação do curso de Ciências Sociais, em Salvador. Os estudos realizados por Costa Pinto tinham como tema central o negro e a escravidão nos estudos das relações raciais no Brasil.

Imagem 17: Luiz Aguiar Costa Pinto



Fonte: Arquivo do CPDOC.

Como observaram Maio e Villa Boas (1999, p. 23),

[...] Costa Pinto participou ativamente de instituições de ensino e pesquisa, de associações profissionais e foi autor de publicações relevantes sobre as Ciências Sociais. Seu desempenho intelectual merece registro pelo pioneirismo, pela versatilidade pelo estilo acadêmico impresso em seu trabalho, o que lhe garante lugar destacado na história da institucionalização da Ciências Sociais no Brasil.

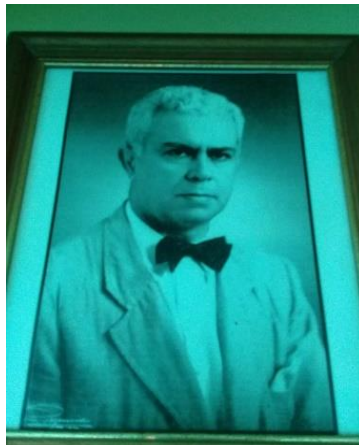
Da convivência de Costa Pinto com professores da Faculdade do Rio de Janeiro, deu-se o contato com Donald Pierson que, naquele período, lecionava na Faculdade Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Dessa aproximação, surgiu a contribuição de Pierson para a implantação do curso aqui na Bahia. O fato de Pierson ter realizado sua pesquisa de doutorado na Bahia, favoreceu a sua presença na criação do curso porque, também, estava realizando, em São Paulo, um projeto cuja característica era a formação de pesquisadores e profissionais para atuarem nas áreas de Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas.

Para a formação dos primeiros quadros de professores da faculdade, foi convidado para ministrar aulas no curso de Ciências Sociais Thales de Azevedo (1904-1995), o médico e professor de Antropologia da Faculdade de Medicina da Bahia. Ele foi professor da Faculdade desde a sua fundação até 1968, quando se aposentou.

Em 1943, quando Thales de Azevedo assumiu a primeira cadeira de Antropologia e Etnografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no curso de Ciências Sociais, fez do seu trabalho uma análise de antropologia social e, por isso, sua relevância para os estudos sociais baianos. Sua

abordagem sobre os fenômenos sociais sempre esteve na relação de convergência da Antropologia e da Medicina.

Imagem 18: Thales de Azevedo



Fonte: Biblioteca Thales de Azevedo

Para Maria David de Azevedo Brandão, filha e biógrafa de Thales de Azevedo, o professor-pesquisador compreendia o movimento interpretativo e operativo da realidade a partir da seguinte constatação:

A antropologia e a medicina, partindo de uma comum matriz epistemológica, buscam agora, sem perder sua identidade, se não uma unidade, certamente um esforço integrado de uma ordem à abordagens de problemas que não podem ser inteligidos de uma só perspectiva. Partindo do exame de diversificação e mesmo do distanciamento entre os dois saberes de uma única “ciência do homem”, compreender-se por que hoje procuram colaborar, trabalhar juntas, complementarmente, para atingirem seu objeto que é o homem. (BRANDAO, 2013, pag. 45).

O caminho percorrido pelo intelectual foi uma busca para entender o comportamento humano, a partir da perspectiva que era oferecida pelas Ciências Sociais, como uma ciência que, entre todas as outras, tinha um método de análise do homem sob diversas faces. Destas faces, a Etnografia foi a marca de seus trabalhos. O primeiro deles foi um estudo sobre o *Povoamento da Cidade de Salvador*, publicado em 1949, no qual descreve o contexto histórico, a formação social, os problemas e as sugestões para o beneficiamento da cidade. O estudo é não só um marco para a carreira de Azevedo, mas também uma referência para se analisar o processo de modernização da cidade de Salvador.

No mesmo período, Thales de Azevedo foi trabalhar com Anísio Teixeira, na Secretaria de Educação e Saúde, o que ensejou a iniciativa para a realização do Programa de Pesquisa Social do Estado da Bahia e a Universidade de Columbia (EUA), em 1950. A partir da implantação do Programa, as Ciências Sociais na Bahia tomaram novos rumos no campo da pesquisa e da educação.

Imagem19: Primeira edição do livro Povoamento da Cidade de Salvador - 1949

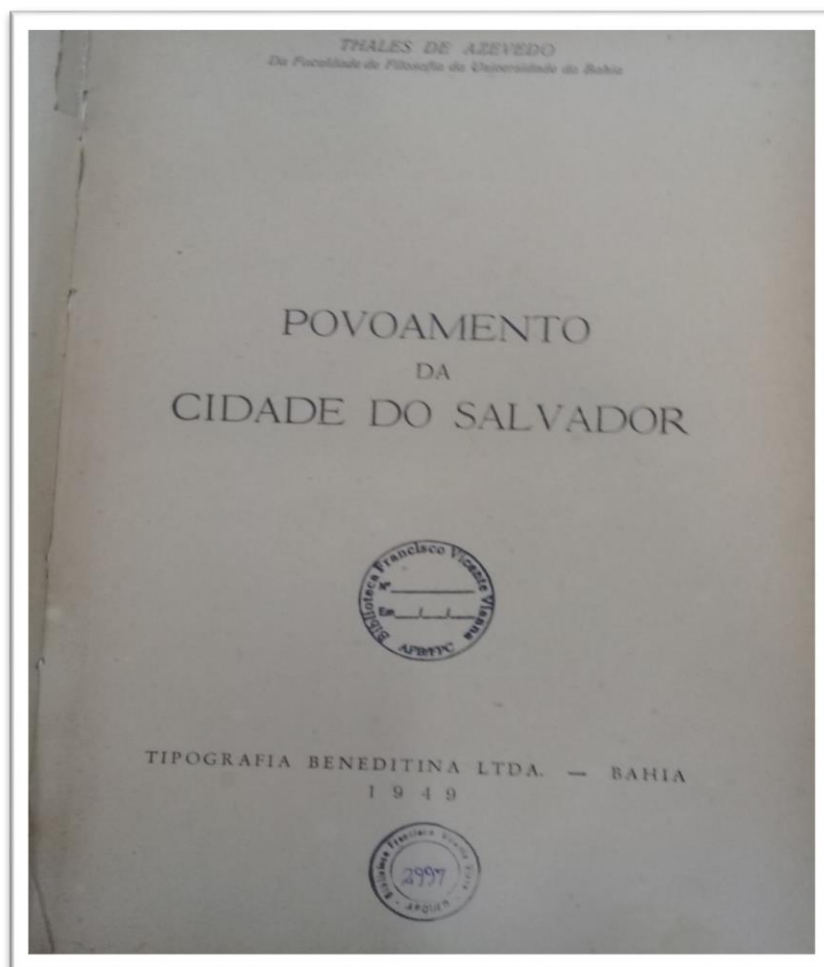


Foto: Luciana P. de O. Cruz

Fonte: Arquivo Municipal de Salvador

Outro pesquisador e professor que fez de seu trabalho uma marca para a Sociologia brasileira e baiana, foi Guerreiro Ramos (1915-1982). Nascido em Santo Amaro da Purificação, formou-se em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, do Rio de Janeiro, e bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Foi um dos criadores da Universidade da Bahia, ao lado de

Isaías Alves, e professor da Faculdade de Filosofia, tendo como temática de seus trabalhos a formação da política nacional. As populações negras foram o seu campo de pesquisa, motivando a fundação do Instituto Nacional do Negro, em 1944, e no mesmo ano, junto com Abdias do Nascimento, o Teatro Experimental do Negro. Dentre as suas publicações, duas se destacam para a Sociologia brasileira: *Cartilha brasileira para aprendiz de sociólogo* (1954) e *A redução da Sociologia* (1958).

Imagem 20: Alberto Guerreiro Ramos



Fonte: Arquivo do CPDOC

Do grupo de intelectuais, originou-se o trabalho coordenado por Thales de Azevedo, Charles Wagley e Luiz Aguiar da Costa Pinto denominado Projeto Unesco, cujo objetivo foi "determinar os fatores econômicos, sociais, políticos, culturais e psicológicos favoráveis ou desfavoráveis à existência de relações harmoniosas entre raças e grupos étnicos", na esteira das pesquisas sobre as relações raciais no Brasil patrocinadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco)²⁵. Com mais detalhes, falarei sobre o Projeto Unesco mais adiante.

O processo de institucionalização das Ciências Sociais se deu ao mesmo tempo em que foi criado o Departamento de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia. Simultaneamente, o curso se desenvolvia na Faculdade de Filosofia e no Departamento de Pesquisa do Estado da Bahia, com a aplicação

²⁵ Informação retirada do site

<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/SegundoGoverno/QuestaoRacial>. Acesso em abril/2019.

prática dos conhecimentos. Por isso, é necessário destacar a formação das primeiras turmas e o desenvolvimento do Departamento de forma paralela.

2.3 A CRIAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS NA FACULDADE DE FILOSOFIA.

O ponto de partida para a implantação do curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia — funcionou, inicialmente, nas antigas instalações da Escola Normal da Bahia — foi a organização de novos cursos para se atingir as demandas sociais, em 1943. Nesse sentido, o curso tinha como perspectiva atender à formação em Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas, não existindo separação destas áreas de conhecimento. O curso era definido pela formação conjunta nas três áreas, com destaque para o bacharelado e depois para a licenciatura.

Quando o curso de Ciências Sociais foi implantado na Universidade da Bahia, já existia a formação em São Paulo, na Escola Livre de Sociologia (1933), na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo (1934) e na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), do Rio de Janeiro, em 1937. Mas a disciplina Sociologia já era ofertada na Faculdade de Direito do Recife, desde 1930, sob a influência dos estudos realizados por Sívlio Romero e Gilberto Freyre.

Como destaca Maria Hermínia Tavares de Almeida (MICELI, 2001, p. 223):

O início da institucionalização das ciências sociais no país data dos anos 30 e está associado às grandes transformações políticas e a criação institucionais desencadeadas pela Revolução de 30. Em particular, de cursos de ciências sociais é contemporânea de profundas mudanças, de sentido modernizador, no sistema educacional do país.

O processo de modernização chegou à Bahia com o objetivo de promover mudanças no campo da educação e na gestão pública, influenciado pelas demandas da elite da época, que buscava novos conhecimentos para sua qualificação e inovação no campo do conhecimento científico.

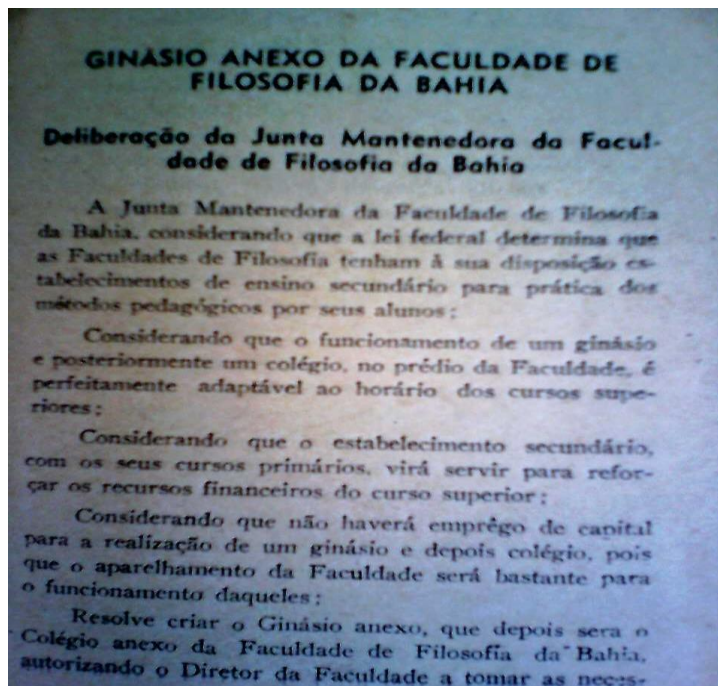
Naquele período, a pesquisa social na Bahia já tinha sedimentado grandes avanços. Os estudos sobre comunidade eram uma marca presente nas pesquisas. Primeiro, porque existia um grande número de pesquisas realizadas sobre as relações sociais baianas. Segundo, a presença de

pesquisadores estrangeiros acabara por influenciar novas demandas, pois alguns deles voltaram para seus países de origem e outros estabeleceram residência no Brasil, como foi o caso de Donald Pierson e Roger Bastide, que foram residir em São Paulo.

A qualificação de novos pesquisadores era necessária e se deu, justamente, pela criação do curso na Universidade da Bahia e no Departamento de Pesquisas Sociais do Estado, onde havia uma demanda por novos profissionais qualificados para atuarem tanto na capital como no interior, como pesquisadores e também professores do ensino secundário.

Junto ao funcionamento da Faculdade de Filosofia, funcionava o Ginásio da Bahia, criado em 1944, que, por Lei Federal, era considerado o estabelecimento à disposição da Faculdade para a prática de métodos pedagógicos. O Ginásio foi um estabelecimento destinado à educação de crianças e adolescentes e tinha como base a formação humanística, ao lado da cultura científica. Era um espaço utilizado por todos os cursos da Faculdade como espaço de formação para a prática da docência, inclusive para os alunos do curso de Ciências Sociais que se especializavam em licenciatura.

Imagem 21: Regimento do Ginásio da Bahia



Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais da UFBA

Nos primeiros anos de funcionamento da Faculdade, algumas disciplinas foram ofertadas de forma comum, ou seja, estudantes de diferentes cursos faziam parte da mesma turma. Assim, alunos matriculados nos cursos de Matemática, Filosofia ou Letras estudavam disciplinas ofertadas no curso de Ciências Sociais e os de Ciências Sociais faziam as disciplinas do chamado núcleo comum, o qual ofertava complementos de Matemática, Filosofia, Didática Geral e Didática Aplicada.

Imagem 22: Livro de frequência dos alunos de Ciências Sociais.



Foto: Luciana P. de O. Cruz

Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais da UFBA

Entre os matriculados no primeiro ano do curso constam o registro dos seguintes alunos:

QUADRO 2: Alunos do 1º ano do curso de Ciências Sociais da Universidade da Bahia, em 1943.

Alberto Leal Vita	José Newton Alves de Souza
Benedito José Alves	Lezenita de Oliveira Coelho
Cicero Pessoa da Silva	Lygia Vieira de Sant'Anna
Dalva de Matos	Maria Lessa Ribeiro
Joaquim Costa Pinto Neto	Mario Alves de Souza Vieira

Joao Batista Lima e Silva	Miriam Sampaio Tavares
José Acácio Ferreira	Sara Orenstein Ribeiro
José Maria Cardoso	Zózima Sophia Fonseca

Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais da UFBA

O curso era estruturado para formação em quatro anos, e ao longo dos períodos, foram encontrados os nomes relacionados acima, na sequência, até o quarto semestre. Depois, outros nomes passam a constar nos livros de matrícula, como demonstrado na Figura 23, abaixo.

Imagem 23: Livro de Matrícula da Faculdade de Filosofia, em 1946

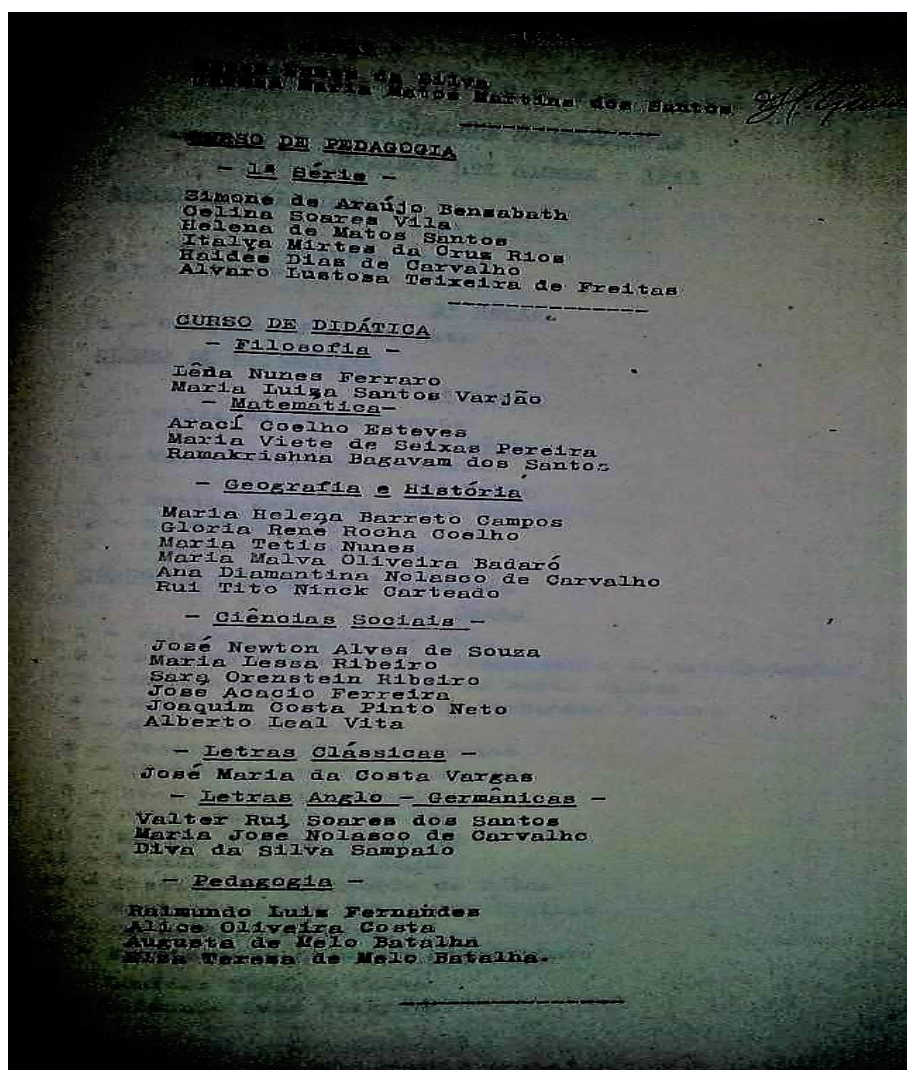


Foto: Luciana P. de O. Cruz

Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais da UFBA

No registro de matrícula, conta-se um número expressivo de mulheres na primeira turma — de dezesseis alunos, oito eram mulheres — o que me permite dizer que desde o início da formação, a presença feminina era bem significativa.

Abro um parêntese para analisar as ações concomitantes entre o desenvolvimento da formação da primeira turma de Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia, e o Programa de Pesquisa do Governo do Estado, porque é preciso considerar a relação de influência simultânea entre ambas ações.

2.3.1 O Departamento de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia

A criação do Programa de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia foi um projeto inovador do Governo de Otavio Mangabeira, entre os anos de 1947 a 1951, período em que era Secretário de Educação e Saúde Anísio Teixeira.

Anísio Teixeira implantou várias ações para o desenvolvimento da educação do estado, visando modernizá-la. O seu empenho foi desde o ensino infantil até o ensino secundário, sem deixar de integrar a Universidade como caminho para a interação social.

Maria A. Brandão descreve o que estava acontecendo na Bahia naquele momento:

A partir de 1946, a Bahia passa a viver um período de abertura democrática, de modernização administrativa e renovação cultural. Com Otavio Mangabeira no Governo da Bahia, tendo como secretários de estado intelectuais de sua geração e amizade, como Anísio Teixeira, que revolucionaria a educação e a cultura baiana, e Nestor Duarte, criador das primeiras colônias agrícolas e pesqueira do estado(...) o estado retomou ao crescimento. (BRANDÃO, 2013,p,97)

A função do Programa de Pesquisas Sociais foi criar ações continuadas para o desenvolvimento humano, tanto na capital como no interior do estado. A partir de ações estatais, foi realizado um convênio entre o governo da Bahia e a Universidade de Columbia, Nova York/EUA (1950/1953), viabilizando o projeto coordenado por Charles Wagley, representante da Universidade americana, e Thales de Azevedo e Luiz Aguiar da Costa Pinto, representantes estaduais. Todos exerciam a função de pesquisadores e professores universitários.

Com o propósito de fazer uma abordagem sócio-antropológica e realizar um mapeamento das zonas urbanas e rurais, o Projeto Columbia partiu dos estudos já realizados sobre comunidades, no estado, e de um projeto de implantação de um novo sistema de ensino para o estado, que foi integrado a um projeto ainda maior, o Projeto Unesco.

Edson Farias (2007) discorre, em linhas gerais, sobre as diretrizes do Projeto Unesco e quais as suas implicações para a Bahia como um projeto civilizatório:

[...] quando o etnólogo francês Alfred Matraux iniciou suas investigações sobre relações étnico-raciais na capital e áreas interioranas na Bahia, segundo as diretrizes do Projeto Unesco, um caminho já se ia pavimentando de acordo com o objetivo de formar quadros intelectuais nas áreas de antropologia, sociologia, geografia humana e história. Iguamente, estava clara a intenção na esfera do governo, naquele momento de recorrer aos préstimos das ciências sociais e outras disciplinas afins para dotar as políticas de insumos que de fato contribuíssem para o objeto de potencialização a ação governamental em favor do desenvolvimento estadual, isto é, de uma agenda reunindo estratégias de acumulação de capital [...]fixando linha de conduta no plano de produção e regulação. (FARIAS,2007. P,106)

Conforme destaca Farias, o que estava presente na proposta do Projeto Unesco era justamente um processo civilizatório, baseado nos campos de conhecimento que surgiram com a modernidade, como foi o caso da Sociologia e da Antropologia.

O Brasil era um país que vinha passando por um processo de transformação provocado pela ruptura entre um modelo de sociedade patriarcal e agrícola, para uma economia sustentada pela urbanização e industrialização. As tensões e as mudanças da estrutura social proporcionaram um grande espaço para investigações científicas. As relações Inter étnicas eram objeto de interesse para o desenvolvimento de ações no campo político e científico, vinculado aos interesses capitalistas.

O Projeto tinha por objetivo utilizar os conhecimentos sociológicos e antropológicos para promover ações de modernização em áreas diversas, estabelecidos nos modelos de análise sobre as comunidades estudadas, e seria aplicado em diferentes regiões do estado.

Maria A. Brandão descreve sobre a importância do Projeto para o conhecimento regional:

Se tivermos em mente o fato de que o Programa de pesquisas sociais do estado da Bahia- Columbia University foi organizado, por iniciativa de Anísio Teixeira, quando secretário de Educação, para a colheita de materiais que permitisse um conhecimento dos modos de vida típicos das variáveis regiões baianas, em ordem a um planejamento racional de educação, da administração fiscal, do saneamento, do planejamento econômico; e que o programa, além desses objetivos práticos, aspirava a compreensão de fenômenos culturais que não tivesse expressão apenas local ou regional***, mas que conduzissem “a uma melhor compreensão da estrutura e da dinâmica das relações humanas”, (BRANDÃO,2013. p,166)

A partir do desenvolvimento da pesquisa, é possível descrever as principais correntes teórico-metodológicas utilizadas nos estudos e pesquisas realizados na Faculdade de Filosofia. São estudos de caráter etnográfico, baseados nas teorias das relações étnico-raciais e mobilidade social.

Com parte do resultado das pesquisas, Thales de Azevedo publica *Uma pesquisa social sobre a vida social no Estado da Bahia*, em 1950. No livro, o autor descreve as relações cotidianas e a organização sociocultural em diferentes partes do Estado.

Dessa forma, os estudos de Azevedo são referências de pesquisa sobre as relações sociais no Brasil, obtendo uma grande divulgação dentro e fora do país, devido à Bahia sempre ter sido considerada um grande laboratório, onde existia uma interação social considerada singular e harmoniosa. Isso possibilitava que as relações de convivência fossem estudadas de forma acessível.

Conforme afirma Peixoto (2009, p.524) não “resta dúvida que em termos de presença estrangeira nas Ciências Sociais brasileiras, de 30 a 60, os norte-americanos representam a maioria.” Este fato está relacionado diretamente com os principais pontos da análise dos conteúdos estudados no curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, nos anos iniciais.

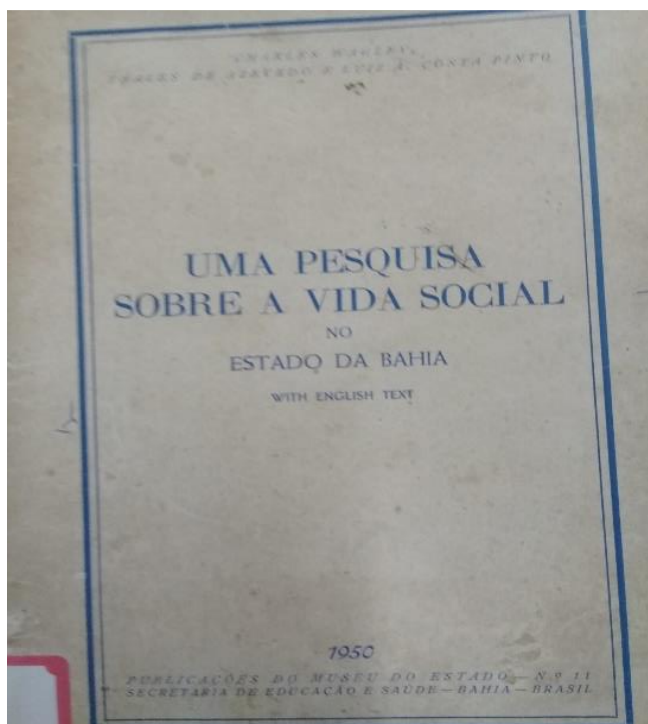
Imagem 24: Relatório de primeira publicação da pesquisa

Foto: Luciana P. de O. Cruz

Fonte: Arquivo Municipal de Salvador

Em 1961, foi criado o Instituto de Pesquisas Sociais da Faculdade de Filosofia da Bahia, vinculado ao governo do estado, tornando-se o catalisador de novas pesquisas sociais. Foi coordenado por Thales de Azevedo, cujo papel foi de receber pesquisadores estrangeiros, principalmente os norte-americanos, para a realização de suas pesquisas vinculadas ao Departamento de Ciências Sociais/Antropologia de Columbia.

A necessidade de um setor que cuidasse e coordenasse as investigações científicas e os estudos sociais na Bahia, fez do Instituto um centro de referência para as pesquisas sociais. Conforme descreve Azevedo (1964, p.84), a nova instituição tinha como função atender aos seguintes objetivos:

Objetivos permanentes:

1. Criar uma atitude particular em face do trabalho científico através de uma consciência das possibilidades e limitações do método das C.S e de senso de objetividade em face dos problemas sociais concretos.
2. Criar o hábito de trabalho em equipe, tanto entre professores como entre alunos, e entre ambos.
3. Equipar os alunos com os instrumentos mínimos que permitam o seu posterior aperfeiçoamento profissional num dos ramos específicos das C. Sociais.

4. Motivar alunos e professores para o estudo de problemas sociais no meio regional e para solução dos mesmos.

Objetivos imediatos:

1. Preparar pessoal técnico para pesquisa e ensino de C.S. na Universidade da Bahia.
2. Preparar estudantes para cursos de aperfeiçoamento fora da Universidade da Bahia.
3. Aperfeiçoar técnicos em C.S ou em disciplinas afins, atualmente pertencentes a serviços governamentais de atuação regional.

Com o intuito de concretizar os objetivos, foi realizada uma série de ações para o funcionamento do setor, que estão descritos nos relatórios de Thales de Azevedo sobre os serviços prestados pelo Instituto à Universidade e ao Programa de Pesquisas Sociais da Bahia.

Para o fortalecimento das funções da Universidade, Thales de Azevedo escreve o livro *As Funções da Faculdade de Filosofia*, em 1966, no qual relata o papel da instituição para a formação de novos pesquisadores, de professores qualificados nas áreas específicas e do fortalecimento de estudo para o desenvolvimento do Estado.

Imagem 25: Primeira publicação do livro de 1966

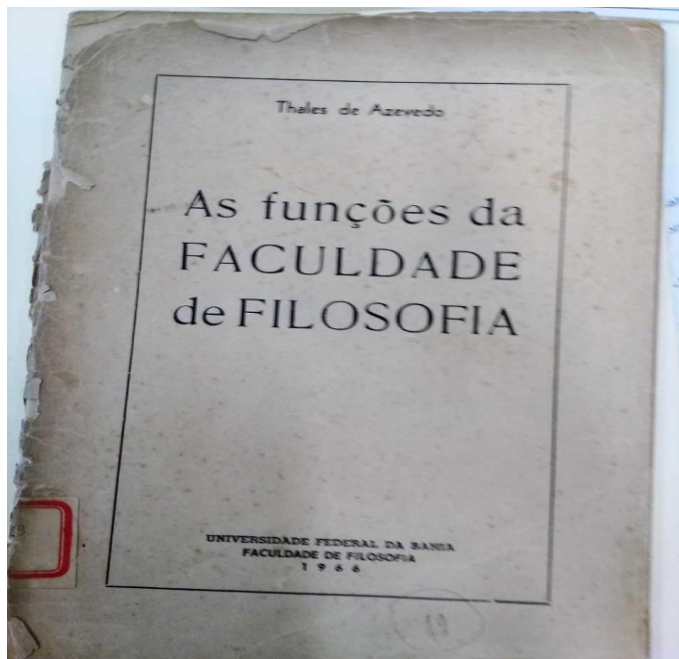


Foto: Luciana P. de O. Cruz

Fonte: Arquivo Municipal de Salvador

Em meio ao processo de expansão institucional das Ciências Sociais, surgiam novos profissionais para atuarem nos departamentos, órgãos públicos do governo do Estado e Municípios, como representantes qualificados para ocupar cargos e desenvolver projetos governamentais. Outro fator importante da expansão, foi a formação de licenciados para atender o ensino de Sociologia no ensino secundário.

A expansão do curso de Ciências Sociais, na UFBA, também provocou o surgimento de novos profissionais para atuarem no campo de ensino e pesquisa. Dentre os novos profissionais estava Vivaldo da Costa Lima (1925-2010), que assumiu a cadeira de Antropologia e Etnografia, ocupada por Thales de Azevedo, até 1977. Formado em Odontologia, Vivaldo da Costa Lima teve um papel importante para o desenvolvimento de pesquisas na área antropológica e estudos africanos na Bahia, a partir da década de 1970. Além de ser um dos fundadores do CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA em 1959.

Imagem 26: Vivaldo da Costa Lima²⁶



Fonte: Site Filhos Ilustres da Bahia

²⁶ Vivaldo da Costa Lima (1925-2010) era baiano, nascido em Feira de Santana. Em 1944, diplomou-se em Odontologia e tornou-se professor da UFBA, em 1957 e, em 1959, fundou o CEAO ao lado de George Agostino da Silva. Entre as principais obras publicadas estão os estudos sobre as religiões de matriz africana: *A família de Santo nos Candomblés Jeje-Nago da Bahia*, 1977; *Encontro de Nações do Candomblé, Ianamá/Ceao*, 1984; *Cartas de Edison Carneiro a Artur Ramos, 1936-1938*, 1997; *Cosme e Damião - O culto aos santos gêmeos no Brasil e na África*, 2005.

2.3.3 A formação de novas Escolas de Sociologia e Política na Bahia

Além do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e o do Departamento de Pesquisas Sociais do Estado, outras instituições se empenharam em estudar as relações sociais sobre o ponto de vista acadêmico, tendo sido encontrado os registros de escolas de Sociologia e Política em Salvador, em Vitória da Conquista e em Ilhéus, que funcionaram entre os anos de 1961 a 1965/6. Foram instituições privadas que, assim como em São Paulo e no Rio de Janeiro, buscavam, na formação acadêmica, pessoal para atuar nos quadros administrativos, mas que tivesse uma formação voltada para os estudos políticos.

Existia na Bahia, na década de 1960, 39 estabelecimentos de ensino superior, sendo que dezesseis estavam agrupados à Universidade Federal da Bahia e os outros treze seriam estabelecimentos particulares, distribuídos entre a capital e o interior.

Quadro 3) Escolas agrupadas à Universidade da Federal da Bahia

1. Escola de Administração	9. Escola de Dança
2. Escola de Belas Artes	10. Faculdade de Arquitetura
3. Escola de Biblioteconomia e Documentação	11. Faculdade de Ciências Econômicas
4. Escola de Enfermagem	12. Faculdade de Direito
5. Escola de Geologia	13. Faculdade de Farmácia
6. Escola de Nutricionistas	14. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; Departamento de Ciências Sociais
7. Escola Politécnica	15. Faculdade de Medicina
8. Escola de Teatro	16. Faculdade de Odontologia

Quadro 4) Escolas vinculadas à Universidade Católica da Bahia:

1. Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública
2. Escola de Serviço Social
3. Faculdade de Ciências Econômicas
4. Faculdade de Direito

5. Faculdade de Filosofia

Conforme consta nos arquivos da Secretaria de Educação, funcionavam mais dezoito estabelecimentos de ensino superior e três deles eram mantidos pelo Estado.

Quadro 5) Estabelecimentos de ensino Superior da Bahia, em 1966.

1. Faculdade Agrônômica da Bahia de Cruz das Almas
2. Faculdade de Medicina Veterinária da Bahia
3. Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco de Juazeiro

Além da Universidade Federal da Bahia, da Universidade Católica e das Faculdades mantidas pelo estado, existiam também dez estabelecimentos particulares de ensino superior em Salvador:

Quadro 6) Escolas particulares de ensino superior em Salvador - 1966

1. Escola de Estatística da Bahia (Fundação Visconde de Cairu)
2. Escola de Sociologia e Política da Bahia (Fundação Desembargador A.C. de Oliveira)
3. Escola de Serviço Social (Fundação Desembargador A.C. de Oliveira)
4. Escola de Bibliotecários e Documentalistas (Fundação Desembargador A.C. de Oliveira)
5. Curso Superior de Agrimensura (Escola de Engenharia Eletromecânica da Bahia)
6. Centro de Aperfeiçoamento e Pesquisa do Petróleo (Petrobras)
7. Seminário Central da Bahia (Arquidiocese)
8. Instituto de Música da Bahia

Com sede no interior do estado, foram encontrados os registros de cinco estabelecimentos:

Quadro 7) Faculdade particular de ensino superior no interior da Bahia - 1966

1. Faculdade Católica de Direito de Ilhéus
2. Faculdade de Sociologia e Política - Ilhéus
3. Faculdade de Filosofia de Itabuna
4. Faculdade de Ciências Econômicas de Itabuna
5. Faculdade de Sociologia e Política de Vitória da Conquista

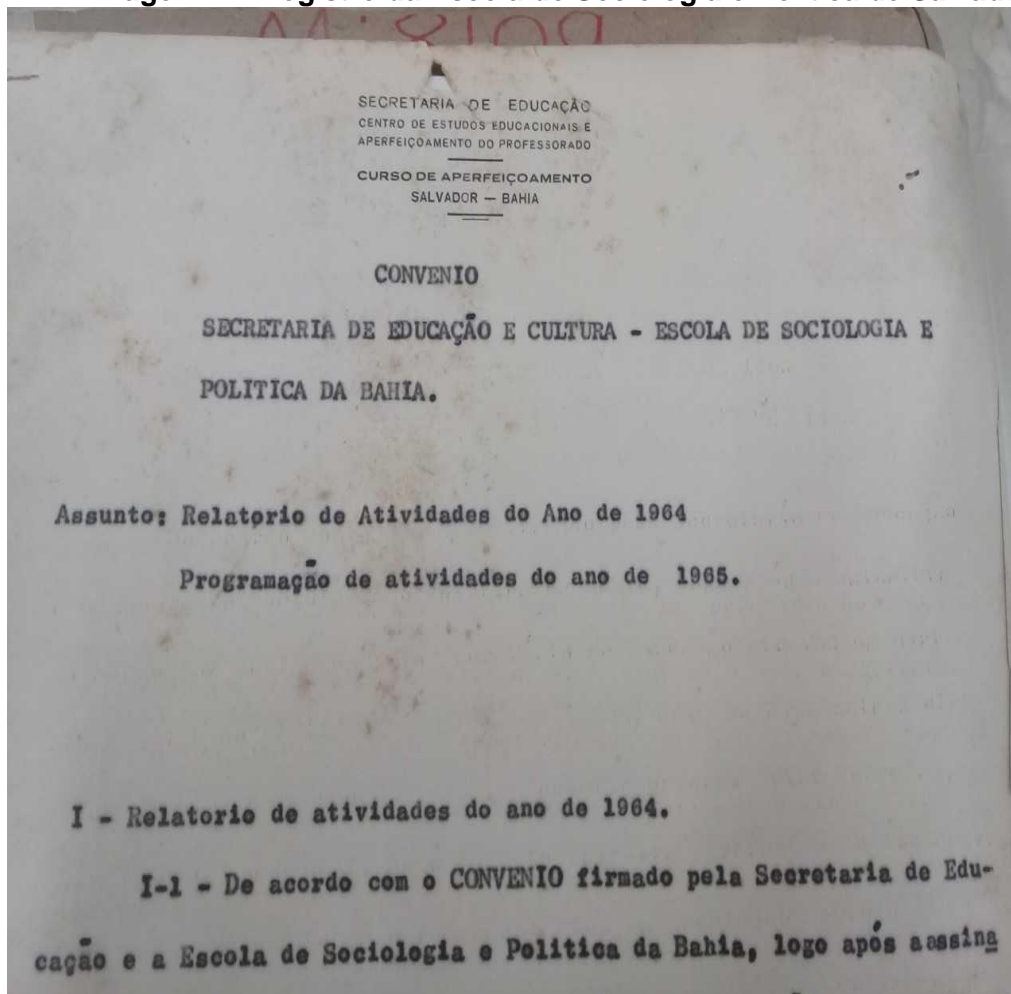
Todas as instituições eram reconhecidas pelo MEC. Em 1970, o Estado da Bahia criou cinco Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, respectivamente nas cidades de Feira de Santana, Ilhéus, Jequié, Caetité e Vitória da Conquista. Os estabelecimentos tinham como objetivo preparar professores para atuarem no ensino secundário, incrementarem as pesquisas científicas e difundirem a cultura universitária no interior do estado.

Com as mudanças nas leis estaduais, as instituições foram reconhecidas como Universidades e se tornaram as UEBA's — Universidades Estaduais da Bahia —, quais sejam: Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), de Vitória da Conquista, Itapetinga e Jequié; Universidade Estadual de Santa Cruz, de Ilhéus e Itabuna e Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que reuniu, inicialmente, os *campi* de Salvador, Alagoinhas, Serrinha, Juazeiro e Caetité e, atualmente, consta de 29 Departamentos em 24 *campi*.

2.3.4 A Escola de Sociologia e Política da Bahia

De acordo com o relatório de atividade da Secretaria de Educação do Estado, feito por Alexandre Leal Costa, em 1966, para o funcionamento da Escola de Sociologia e Política da Bahia foi firmado um convênio através da Portaria de n. 4.789, de 21/11/1964, com a finalidade de realizar aperfeiçoamento de pessoal dos quadros administrativos e dos professores do estado da Bahia. A escola tinha como mantenedora a Fundação Desembargador A.C. de Oliveira.

Imagem 27: Registro da Escola de Sociologia e Política de Salvador²⁷



Fonte: Arquivo Municipal de Salvador

A Escola de Sociologia e Política da Bahia funcionava na Rua Euclides da Cunha, 5^o andar nº 57 no Bairro da Graça, em Salvador. De acordo com o relatório, entre as atividades desenvolvidas estava a pesquisa como parte de suas ações de qualificação. Conforme descreve o relator, a contribuição da Instituição, no campo da pesquisa e da educação, viria a partir de três objetivos:

- 1º) Realizar levantamentos da cultura geral do povo, como requisito para dar o direito que todo homem deve ter de realizar o mínimo das suas virtualidades e de, através da educação, poder ascender aos mais altos postos da hierarquia social, independentemente de sua herança familiar e comunitária;
- 2º) A investigação científica em geral, e de modo especial relacionada com os problemas regionais, o desenvolvimento humano de acordo com as necessidades de cada área que envolva este conhecimento;

²⁷ Os documentos, no qual constam o registro sobre a Escola de Sociologia e Política da Bahia, encontram-se nos arquivos do período republicano do Arquivo Público de Salvador.

3º) A formação de cientistas e investigadores de alto nível técnico e profissionais qualificados, visando não somente ao atendimento de demandas existentes e imediata, como da prevista para o futuro.

O objetivo era, a partir dos dados disponíveis nas pesquisas e dos conteúdos estudados na escola, apresentar um planejamento integral sobre as demandas das populações em cada região do estado. A escola tinha um perfil de formação voltado para a pesquisa, com o objetivo de atender, de maneira técnica e prática, as necessidades de conhecimento para ação do governo estadual. Ainda de acordo com as descrições do relatório, o trabalho da Instituição era voltado para alcançar, de forma imediata, as demandas regionais.

A duração do curso era de três anos, sendo o número de vagas por turma, em média, de trinta alunos. Durante os dois primeiros anos, os alunos recebiam uma formação voltada para o bacharelado e, no terceiro, obtinham formação pedagógica para atuarem no magistério secundário.

Não foi possível, nesta investigação, levantar dados sobre o número total de alunos matriculados na Instituição e nem os resultados mais efetivos da escola, nem quantos alunos foram atuar nos quadros do governo.

Com a reforma política e universitária de 1968, boa parte dos documentos sobre educação foram dizimados e não encontramos mais informações sobre a Escola de Sociologia e Política da Bahia.

2.3.5 Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista

Em 1965, foi criada a Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista. Era uma instituição privada e foi resultado de uma ação conjunta, realizada pelo então prefeito da cidade, Orlando Leite (1964-1967), e o Padre Palmira, como aponta Luciana Canário Mendes:

[...], remontam a 1965, quando da criação da Faculdade de Sociologia e Política, de caráter independente e liberal, mantido por iniciativa privada, que foi constituída na gestão do prefeito Orlando Leite (1964-1967), e capitaneada pelo Padre José Luiz Soares Palmeira, então, Secretário de Educação e Cultura do Estado. A intenção destes e dos demais interessados era a de criar uma universidade, mas, por questões outras, o Padre Palmeira institui essa Faculdade em Vitória da Conquista, a exemplo de Ilhéus e Salvador.(MENDES, 2013, p. 56)

Como mencionado, a instituição também foi criada por iniciativa privada, com a oferta de curso com duração de três anos. Era um curso livre de Sociologia e Política e, assim como a Escola de Salvador, tinha como objetivo formar quadros de profissionais para atuarem nos setores da administração do município e cidades da região.

Durante o primeiro ano de seu funcionamento, foram utilizadas as instalações da extinta Escola São José, na Rua Góes Calmon e, no segundo ano, a sua sede foi transferida para o prédio do Colégio Batista Conquistense, na Rua Vivaldo Mendes, onde, anos depois, funcionou as instalações do Colégio Edvaldo Flores. A Escola de Sociologia só funcionou durante, aproximadamente, vinte meses, sendo extinta em 1967.

Imagem 28: Alunos e Professores da Faculdade de Sociologia e Política de Vitória da Conquista.



FONTE: Blog Taberna da História

Estão presentes, na imagem acima, professores, alunos e funcionários da Faculdade de Sociologia e Política de Vitória da Conquista/BA, em 1966, dentre os quais identificamos: Sebastião Costa (sentado, o primeiro da esquerda para a direita), ao seu lado, o ex-prefeito Nilton Gonçalves e o promotor público, Armindo Ferreira (sentado na extrema direita). Entre os alunos estão Durval Lemos Menezes (sentado ao lado de Armindo), Antônio José Nascimento (em pé, atrás de Durval) e Mozart Tanajura (ao lado de Durval).

A escola conquistense tinha, em seu quadro de professores, intelectuais formados por diferentes escolas do país, os quais se vincularam à Instituição com o objetivo de promover a qualificação profissional e o debate político na cidade.

Entre os registros dos professores, encontram-se os nomes dos médicos Artemísio Correia Leite, Luiz Barreto, Hugo de Castro Lima; dos advogados Orlando da Silva Leite, Nilton Gonçalves, Sebastião Teixeira e Cleomar Silva, além do promotor público Adílson Mehmeri e do juiz José Soares, dentre outros.

O setor administrativo era formado por Esther Augusta Gomes Silva (secretária), Alvinéia Matos e, na direção, Sebastião Teixeira Costa (advogado). Quanto ao corpo discente, a primeira turma, em 1965, foi composta por 34 alunos, sendo 24 mulheres. Já na segunda turma, houve apenas catorze matrículas, com apenas cinco mulheres matriculadas.

Imagem 29: Registro de matrícula da Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista

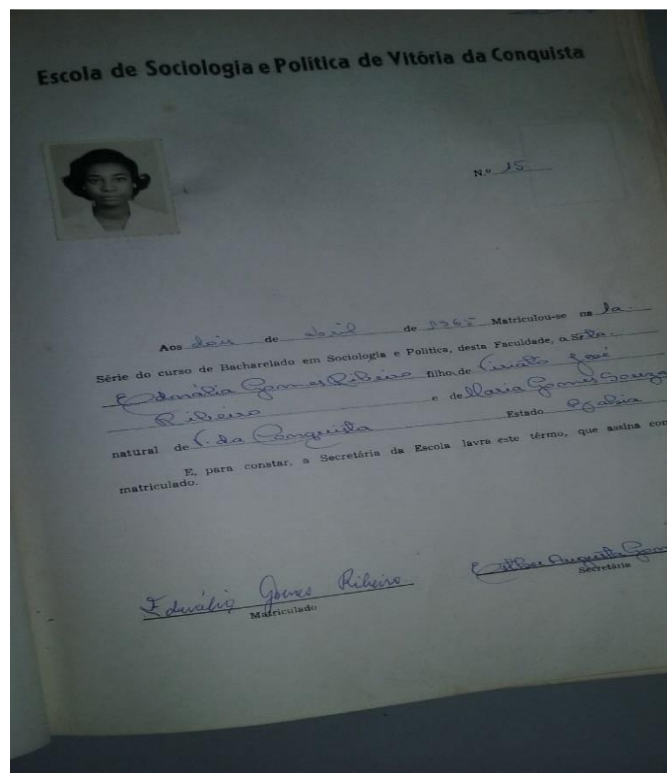


Foto: Luciana P.de O.Cruz

Fonte: Arquivo Museu Pedagógico Padre Palmeira de Vitória da Conquista.

A imagem acima é parte da ficha de matrícula da Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista – BA, com a folha de identificação da aluna Ednália Gomes Ribeiro, e sua foto 3x4 anexada na parte superior, como forma de reconhecê-la como aluna. Este era o modelo da ficha. Na maioria das páginas do livro de matrículas, estão fotos de identificação dos alunos, e Ednália é a única aluna negra entre os registros encontrados. Na grande maioria, são mulheres de origem branca e parda que estudavam na escola. Entre os homens, o registro também é de maioria brancos ou pardos, conforme consta nas fotografias dos matriculados.

De acordo com o livro de matrícula, as primeiras turmas foram constituídas por estudantes da região de Itapetinga, Boa Nova, Ibicuí, Jequié, Jaguaquara, Rio de Contas, dentre outras, como também de estudantes oriundos dos estados de Minas Gerais e Sergipe.

Imagem 30: Alunos da Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista- BA em 1965



Fonte: Taberna da História

Na foto estão: Osvaldo Ribeiro dos Santos, João Nascimento, Durval Lemos Menezes, Palmira Bittencourt Ferraz e Rozendo Ferreira Neto.

No processo de investigação a respeito da Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista, foram encontrados somente os livros de matrículas do 1º e 2º ano do curso, porque, pelo o que se conta nos registros

do Museu Pedagógico de Vitória da Conquista, os demais documentos foram queimados.

Apesar dos registros no relatório sobre a educação superior na Bahia, de 1966, constar o apontamento da Escola de Sociologia e Política de Ilhéus, não foi possível fazer o registro sobre a escola, devido à ausência de material para subsidiar a pesquisa.

Mas não resta dúvida de que todas as instituições tiveram um papel fundamental no processo de institucionalização das Ciências Sociais na Bahia. A consolidação desse campo de conhecimento se fez ao longo dos anos, num processo de formação contínua e que atendeu a uma grande demanda dos estudos sociais na Bahia. A origem dos cursos, por iniciativa pública ou privada, fortaleceu a base de educação no estado e, sob o ponto de vista de uma atividade intelectual, contribuiu para uma interpretação social mais apurada.

Como já foi dito, essa fase pode ser analisada como o segundo estágio de formação das Ciências Sociais da Bahia, considerando a configuração como uma forma cronológica de compreender o caminho traçado para a constituição desse campo de conhecimento. Os estágios foram definidos para agrupar, numa sequência lógica, os acontecimentos de cada período.

Ao mesmo tempo em que acontecia o processo de consolidação institucional das Ciências Sociais baiana, também crescia a presença feminina como pesquisadora e professora do ensino superior, merecendo destaque. Este é um tema importante para se conhecer um pouco mais dessa história, uma vez que as experiências vividas pelas mulheres são fundamentais para entendermos um pouco mais sobre a formação feminina na docência e na pesquisa. Por isso, a importância de mostrar o trabalho realizado por professoras e pesquisadoras para a formação da área no estado.

A necessidade de se trazer uma reflexão sobre a questão de gênero, vem da própria condição que a modernidade sugere. Ao mesmo tempo em que o processo de modernização da sociedade configura-se como um momento de mudança, a condição das mulheres, no campo científico, enquanto pesquisadoras, permaneceu por muito tempo encoberto. Isso porque, o discurso universal masculino, enraizado por padrões disciplinares, encobria o trabalho de muitas mulheres no campo acadêmico.

Esse encobrimento serviu, posteriormente, como contexto para a quebra de paradigmas e possibilitou o reconhecimento das pesquisadoras como figuras marcantes na condução de um novo olhar sobre as Ciências Sociais na Bahia.

A organização de novas instituições de ensino superior com a criação da Universidade da Bahia, favoreceu o desenvolvimento de estudos a partir da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, este evento impulsionou a criação do curso de Ciências Sociais na UBa, posteriormente dos Cursos de Sociologia e Política nas cidade de Salvador, Vitória da Conquista e Ilhéus, além dessas escolas foi criado o Departamento de Pesquisas Sociais do Estado da Bahia, fator que contribuiu para a participação de pesquisadoras e professoras na formação do pensamento científico social baiano, tema que será destacado no capítulo a seguir.

2ª Fase: Processo de Institucionalização das Ciências Sociais na Bahia
1940 – Isaías Alves:
Criação da Universidade da Bahia
Criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia (FFCL Bahia)
1941– Luiz Aguiar Costa Pinto: Estuda Ciências Sociais no Rio de Janeiro
1943 – Criação do curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia
Thales de Azevedo: assumia a 1ª cadeira de Antropologia e Etnografia da FFCL
1944 – Guerreiro Ramos: fundou o Instituto Nacional do Negro junto com Abdias do Nascimento
Criação do Ginásio da Bahia
1949 – Projeto Unesco na Bahia: Thales de Azevedo, Charles Wagley, Marvin Harris
1950 –Thales de Azevedo – Uma pesquisa sobre a vida social na Bahia
1956 – Departamento de Estudos Sociais da Bahia (Governo do Estado)
1961– Instituto de Ciências Sociais

1965 – Escolas Livre de Sociologia e Política da Bahia
Escola Livre de Sociologia e Política de Ilhéus
Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista
1966/67– Reforma Capanema: fechamento das Escolas de Sociologia e Política
1970 – Criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras
1971 – Departamentos de Estudos Sociais nas cidades de:
Vitória da Conquista
Caetité
Jequié
Ilhéus
Feira de Santana
Juazeiro (Escola de Agronomia)
Salvador (Ceteba)

CAPÍTULO 3 A PRESENÇA FEMININA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS DA BAHIA

Entre as tensões que envolvem os avanços na Modernidade, está a questão de gênero e seus impactos em diferentes campos sociais. De acordo com Maria Izilda de Matos (2002, p.238),

Nos últimos cinquenta anos, uma das mudanças mais marcantes na sociedade mundializada, talvez a maior delas, ocorreu nas relações entre homens e mulheres, cabendo destacar nesse processo o impacto do crescimento da presença – visibilidade das mulheres em múltiplos e diversificados setores: no trabalho, nas escolas e universidade, na política, nas artes e ciências. O olhar sobre o feminino frutificou no contexto da quebra de paradigmas que possibilitou a descoberta de “novos sujeitos sociais” e favoreceu a inclusão das mulheres nas pesquisas. (MATOS, 2002, p. 238)

Mesmo assim, o número de pesquisadoras e professoras que atuam na área das Ciências Sociais não aparece com grande frequência entre as publicações referentes ao tema pesquisado, porque o quantitativo de estudos realizados por elas é pouco divulgado. Daí o desafio de incorporar a presença feminina na formação do campo dos estudos sociais na Bahia.

Nesse sentido, é preciso destacar o crescimento do contingente de mulheres no mercado de trabalho em todas as áreas, inclusive na Universidade. Isso provocou uma mudança também no campo da pesquisa e na formação de profissionais para atuarem como agentes de produção e transformação social. A conquista e o reconhecimento do espaço feminino foram fatores fundamentais para se entender como este campo de conhecimento ganhou maior visibilidade dentro e fora da academia. A partir desses fatores, as implicações provocadas pela Modernidade correspondem à afirmação de novos olhares sobre a existência do trabalho realizado por muitas mulheres, como assegura MATOS (2002, p. 239):

[...] a expansão dos estudos que incorporam a mulher e a abordagem de gênero localiza-se no quadro de transformação por que vem passando as ciências sociais nos últimos tempos. Sendo possível afirmar que, por razões internas e externas, esses estudos emergiram da crise dos paradigmas tradicionais, que requeriam uma completa revisão dos seus instrumentos de pesquisa. Essa “crise de identidade” levou à procura de outras experiências, revigorando o conhecimento e ampliando diferentes áreas e abordagens. Entre outros aspectos, possibilitou a descoberta do outro, da alteridade, dos excluídos, entre eles as mulheres.

Por isso, as questões de gênero e o trabalho das mulheres, no mundo acadêmico, deve ser abordado. Embora tenha um grande número de mulheres produzindo conhecimento, esse é um fato ainda marcado pelo tradicionalismo das relações sociais, especialmente destacado no mundo acadêmico, onde o papel da mulher era excluído do debate. Isso chama a atenção para as questões que envolvem a Modernidade e os sujeitos nela inseridos, neste caso, a produção e a visibilidade feminina.

A partir das transformações ocorridas na sociedade com o advento da Modernidade, autores, como o filósofo argentino Enrique Dussel(1934), questionam o modelo de inserção dos papéis exercidos pelos diversos grupos sociais, inclusive o papel da mulher. Esse questionamento é provocado, em primeiro lugar, pelo conceito do que é Modernidade; em segundo, pelos agentes que ela envolve e as consequências das ações desses agentes para com o mundo.

Como afirma Dussel (1993), a Modernidade é uma invenção do mundo europeu como mecanismo de dominação. Essa dominação repercutiu como privilégio para alguns grupos sobre outros, definida, nesse sentido, como dominação masculina, cristã, caucasiana, sobre as mulheres, índios, negros, crianças, povos e culturas que existiam para além das fronteiras europeias.

De acordo com o autor, a dominação era justificada pela ambiguidade em dois aspectos: uma, como mito de superioridade do homem sobre a mulher, e a outra como práxis irracionais de violência, ambas explicadas pela emancipação do desenvolvimento histórico do ser humano.

As condições de desenvolvimento da humanidade levaram a sociedade a grandes avanços, dentre os quais o papel exercido por muitas mulheres que

ficou “encoberto” por muito tempo, como firma Enrique Dussel²⁸ nos textos sobre *O Encobrimento do Outro e a filosofia da libertação*²⁹.

O encobrimento do outro foi uma forma de afirmação para dominar e se reconhecer como “descobridor”, mas, durante anos, esta afirmação se propagou com toda a sua intencionalidade de violentar aquilo ou aquele diferente de si.

A ideia de encobrimento é justamente a forma de dominação utilizada na cultura europeia para se tornar centro do mundo — tudo que não lhe pertencia era definido como periférico, inferior. Por isso, a construção de uma realidade envolta em obstáculos para o reconhecimento do outro representa a manifestação de desigualdade produzida pela Modernidade. É a anulação de tudo aquilo que não está definido pelos padrões ou moldes do mundo europeu. Neste caso, o papel da mulher, na sociedade, e as ações por ela exercida também fazem parte do processo de encobrimento. Para Dussel (1993, p.186) essa dominação produz vítimas das mais variadas maneiras, que pode ser interpretada a partir de diferentes formas de opressão.

O encobrimento representava uma forma de opressão, sustentado pela ideologia da subalternidade³⁰ na qual estavam inseridos todos aqueles que não pertenciam ao padrão europeu, como o negro, o índio, a mulher, todos considerados inferiores diante dos padrões estabelecidos pela hegemonia do mundo moderno definido na Europa. Desse processo, resultou a violência no sentido da desumanização do outro quando visto como diferente. A violência gerou uma série de consequências para a sociedade: a negação do

²⁸ Enrique Dussel (1934), filósofo argentino radicado, desde 1975, no México, foi um dos maiores expoentes da Filosofia da Libertação e do pensamento latino-americano, em geral. Tem se colocado como crítico da pós-modernidade, chamando por um novo momento denominado transmodernidade. Foi membro da CEHILA - Comissão de Estudos da Igreja na América Latina, fundada em Quito, (1973). Entre suas principais obras, estão: 1492 *O encobrimento do outro* (1993), *Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão* (1995), *Teologia da Libertação: um panorama do seu desenvolvimento* (1999), *Ética da libertação: na idade de globalização e da exclusão* (2002), *Por um mundo diferente: alternativas para o Mercado Global*, (2003).

²⁹ A Filosofia da Libertação: movimento filosófico que surgiu na América Latina, a partir das décadas de 1960 e 1970, que tem como princípio a problematização da organização da sociedade, com fundamentos sustentados pela Teologia da Libertação, em que se discute a existência de uma filosofia latino-americana.

³⁰ Ideologia da Subalternidade: a subalternidade é tratada como uma ideologia sustentada na ideia daquele que está sob as ordens de outro, que é subordinado ou inferior a outro em graduação ou autoridade.

reconhecimento do outro, a inferiorização do conhecimento não europeu, a violação dos direitos humanos, a invisibilidade da mulher em diferentes espaços.

A Modernidade é marcada pelo discurso do processo de igualdade, quando, na verdade, a desigualdade é uma marca da sua existência. Desigualdade de todos os tipos, presentes nas mais variadas formas de dominação, inclusive no campo acadêmico, que ficou, por muito tempo, marcado pelo discurso e pela visibilidade da produção do conhecimento vinculados à figura masculina. A invisibilidade da mulher está diretamente inclinada pela formação da sociedade ocidental, marcada pelo tradicionalismo e pelo patriarcalismo presentes na formação do campo acadêmico. Essa invisibilidade é um fato que determinou a condição da mulher na produção de conhecimento e na participação das decisões sociais. Só com a ruptura dessa tradição, é que se tornou possível a visibilidade da mulher em diferentes espaços.

O encobrimento da visibilidade de mulheres era uma forma de dominação presente, por muito tempo, no discurso acadêmico. Este padrão só passou a ser rompido a partir do reconhecimento da questão de gênero, que teve início nos anos de 1960, por meio de ações de enfrentamento para a ruptura de um modelo estabelecido como único na sociedade.

Nas ciências, a ruptura com o padrão da invisibilidade da mulher pesquisadora foi essencial como instrumento de uma nova identidade social, que deu lugar a uma cultura própria, imbuída de valores mais equilibrados para o reconhecimento do papel das mulheres na sociedade moderna.

Nesse contexto, é preciso evidenciar que as Ciências Sociais são fruto da Modernidade e, ainda assim, parte das pessoas que as compõe são deixadas de lado. Isso mostra como os processos de formação no campo acadêmico, e fora dele, também não avançaram como deveriam, apesar do enfrentamento provocado pela questão de gênero. É importante ressaltar que pesquisadoras e professoras sempre estiveram presentes no processo de formação das Ciências Sociais na Bahia. Mas quem são elas? O que fazem? É um tema pouco abordado na própria história das Ciências Sociais brasileira. O avanço do papel da mulher, na academia, merece ser destacado, principalmente como fruto de uma ciência que surgiu com a Modernidade.

Desde então, o reconhecimento da presença das mulheres e questões que envolvem o gênero tornaram possível transcender o movimento estabelecido como padrão da sociedade, em que o campo científico era dominado pelos homens. Isso só foi possível com a chegada de um maior número de mulheres ao mercado de trabalho e ao campo acadêmico, este último com a expansão das universidades e a luta pelo reconhecimento da igualdade de direito para todos. Mediante essas conquistas, a possibilidade de novas *práxis* da liberdade na pesquisa acadêmica se tornou fundamental para, como afirma Dussel (1993) “[...] compreender o mundo a partir do lugar onde o sujeito se encontra”.

Nesse sentido, a *práxis* da liberdade levou muitas mulheres para novos lugares na sociedade, inclusive ao meio universitário. Com a expansão do mercado de trabalho e a inserção de novos cursos, a presença das mulheres transformou o universo acadêmico, porque o viés das pesquisas produzidas por elas tomou um novo rumo na produção do conhecimento, com a descoberta de uma abordagem que rompia com os paradigmas universais estabelecidos. Entre estes paradigmas, estava o desenvolvimento de estudos relacionados à sociedade produzido, até então, apenas pelo olhar masculino.

À medida em que as mudanças começaram a ocorrer com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, e na produção de conhecimento, a possibilidade de questionamento provocou um novo olhar sobre os problemas sociais, como o reconhecimento do outro como uma forma de abordagem que rompia com um modelo padrão. Para Matos (2002, p. 239), “A presença das mulheres nos escritos acadêmicos vem crescendo, em função de um conjunto de fatores que têm dado visibilidade às mulheres, mediante suas conquistas de novos espaços. ”

Desse modo, o olhar feminino tomou novos lugares e as condições de produção de conhecimento, no meio acadêmico, deu evidência ao trabalho realizado por muitas pesquisadoras e professoras, que surgiram no cenário nacional e internacional.

Diante dessas inquietações, emergiu a necessidade de se descrever como a formação acadêmica, em um campo específico, repercutiu no

relacionamento do ser e do saber, como objeto para reflexão da educação e da sociedade nas Ciências Sociais da Bahia.

Com o crescimento do campo acadêmico, a expansão do conhecimento, principalmente nos espaços considerados periféricos, serviu de celeiro para a produção de muitos estudos referentes a questões sociais. Muitos dos trabalhos desenvolvidos por professoras e pesquisadoras refletem os caminhos trilhados para estudar a sociedade baiana. Nesse sentido, as professoras e pesquisadoras desempenharam um papel fundamental para as Ciências Sociais da Bahia.

3.1 OS DESAFIOS DO FAZER ACADÊMICO E O PAPEL DAS MULHERES NAS CIÊNCIAS SOCIAIS NA PERSPECTIVA DE ENRIQUE DUSSEL

Com a expansão do conhecimento científico a partir da Modernidade, estudar a natureza humana e social tornou-se um desafio constante, principalmente pela necessidade de definição das condições de reconhecimento do sujeito, num processo de contradição imposta pela própria condição, que é a Modernidade. Os estudos sobre as questões sociais tornaram-se mais urgentes para entender a dinâmica da formação do pensamento social, na América Latina, e, especialmente, no Brasil. O Brasil era considerado o paraíso das relações sociais e raciais, mesmo existindo a marca de um processo civilizatório escravocrata, de negação da cultura, da mulher e do massacre de povos que aqui viviam.

Neste sentido, a formação de pensamento, ou melhor, de um entendimento enquanto campo de conhecimento relativo à Transmodernidade, opera justamente no processo de afirmação, porque cada parte é singular, é diferente, porém juntas dão um novo sentido simbólico às relações contidas na subjetividade do conhecer. As brechas, fissuras e buracos estão contidos nesse feixe que se une e está, ao mesmo tempo, separado. São caminhos que nos levam a refletir como a formação de pensamento está presente na leitura da dinâmica da realidade atual, e no processo de desconstrução e reconstrução de aspectos que sustentam um campo de conhecimento, como o das Ciências Sociais, como meio que não cessa de existir.

Por existir, as fissuras estão presentes na pesquisa e na educação, que permanecem como meio de sustentação para a preeminência de ambas, a incompletude de uma vai dar vazão à outra:

[...] ao negar a inocência da Modernidade e ao afirmar a Alteridade do Outro, negado antes como vítima culpada, permite “des-cobrir” pela primeira vez a “outra face” oculta e essencial da Modernidade: o mundo periférico colonial, o índio sacrificado, o negro escravizado, a mulher oprimida, a criança e a cultura popular alienadas, etc. (as vítimas da “Modernidade”) como vítimas de um ato irracional (como contradição do ideal racional da mesma Modernidade. (DUSSEL, 1993.p.186),

Nessa incompletude, permanecem diferenças, singularidades; quando separados, aparecem suas identidades. Na relação com o real e com a realidade, é necessário compreender as condições da formação em Ciências Sociais como propósito para reflexão sobre os entrelaces que se formam na Transmodernidade, no campo acadêmico que parte do processo que emerge com a necessidade de diferentes interpretações sobre a realidade.

Esse processo singular e dinâmico provocou o desenvolvimento da educação e da expansão das Ciências Sociais tanto no campo científico social, como nos avanços da formação acadêmica. O caminho só foi possível graças à transformação pela qual passou o processo de diferenciação das relações sociais, conduzido pelas questões que envolvem a dinâmica produzida pelo conhecimento, em paralelo à dinâmica da condução de identificação, que produzem uma determinada feição, percebida aqui como realidade.

Desse modo, é necessário entender como a Transmodernidade vem mudando a forma como as relações sociais se estabeleceram pelo mundo afora, em especial nos países latino-americanos, que tornaram a diversidade social mais evidente. Neste sentido, a formação do pensamento desempenha um papel estratégico para o desenvolvimento de uma realidade social, percebida na dinâmica da relação sujeito e as relações sociais presentes no debate atual.

É a partir deste ponto que é preciso compreender a importância das pesquisas realizadas pelas pesquisadoras, que serão aqui apresentadas, para a formação das Ciências Sociais baiana. Cada estudo realizado por elas traz à tona temas que são, quase sempre, considerados importantes, mas muitas vezes são excluídos ou “encobertos”, como afirma Dussel.

3.2 DO OLHAR FEMININO À FORMAÇÃO DE NOVAS BASES: A PRESENÇA NORTE-AMERICANA E PAULISTA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS DA BAHIA

3.2.1 Ruth Landes: entre relações inter-raciais e crenças religiosas

O registro da presença feminina de pesquisadoras e professoras das Ciências Sociais na Bahia começa antes da vinda da antropóloga norte-americana Ruth Landes, em 1938, para realizar a pesquisa de doutorado sobre estudos de comunidade e contato racial. Mas o seu trabalho proporcionou destaque a este campo de estudo, porque parte de sua pesquisa deu origem a uma análise sobre os Candomblés da Bahia, trazendo a hierarquia, o patriarcado e as relações de poder da religião de matriz africana como forma de organização social.

O registro da passagem de Landes pela Bahia foi marcado por contratempos, tendo ela sido expulsa da cidade de Salvador pelas autoridades locais, devido ao seu envolvimento com o intelectual Edson Carneiro, que era considerado uma ameaça comunista para a sociedade, dentro do Estado Novo de Vargas. O trabalho desenvolvido por ela foi uma leitura inovadora para a época, período no qual estavam surgindo novas lideranças intelectuais feministas, tanto nos Estados Unidos como na América Latina.

Imagem 31: Martiniano Eliseu do Bomfim e Ruth Landes



Figura 5 - Martiniano Eliseu do Bomfim e Ruth Landes. Salvador, Bahia, 1938.
Fonte: Coleção Ruth Schlossberg Landes, cortesia do National Anthropological Archives, Smithsonian Institution

Fonte: Site do Museu Afro Digital da Memória Africana e Afro-brasileira

Imagem 32: Martiniano Eliseu do Bomfim³¹

Fonte: Site do Museu Afro Digital da Memória Africana e Afro-brasileira

Dentre as pesquisadoras e professoras, é preciso destacar as mulheres que contribuíram para a formação desse campo acadêmico, não só enquanto espaço de pesquisa, mas também como espaço de ensino. Neste caso, a trajetória de vida delas, o ensino e as pesquisas realizadas são elementos de um mesmo contexto, compondo, também, o objeto da pesquisa analisado para a elaboração da presente tese — a análise sociológica da formação das Ciências Sociais na Bahia.

3.3.2 Maria Isaura Pereira de Queiroz: um estudo sobre a tradição rural e movimentos messiânicos na Bahia

Além da pesquisa feita por Ruth Landes como marco teórico e histórico, há registros da presença de outras pesquisadoras nos estudos sociais baianos, como os desenvolvidos pela socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz (1918-2018). Paulista, ela atuou como pesquisadora na Bahia entre os anos de 1955 e 1956. Ao receber o patrocínio da Fundação para o Desenvolvimento da Ciência

³¹ Martiniano Eliseu do Bomfim (1859-1943) era babalaô, pintor, filho de escravo, mas nasceu livre. Foi uma das grandes lideranças da religião africana na Bahia. Foi para África aos 11 anos e voltou aos 14 anos. Lá, estudou yorubá e inglês. Como falava inglês fluente, foi um dos informantes da pesquisadora Ruth Landes, sobre as tradições dos terreiros de Candomblés da Bahia.

na Bahia, realizou um estudo sobre a dança de São Gonçalo, num povoado baiano, em 1955, cuja pesquisa apresentava os primeiros materiais sobre o messianismo no Brasil. A principal referência de seu trabalho são os processos de interação social e a dinâmica das mudanças na sociedade³². Estudou o interior da Bahia, mais especificamente o sertão.

Imagem 33: Maria Isaura Pereira de Queiros



Fonte: Página do CNPQ

Conforme descrevem Botelho e Schwarcz (2009, p 285):

À Maria Isaura interessava saber se as ações e movimentos sociais em favor de mudanças sociais provinham da insatisfação de indivíduos e grupos pela precariedade de suas condições de vida imposta por um sistema de dominação ou se resultavam da quebra das regras que organizavam a vida social de uma coletividade; ou, ainda, se aquelas ações e movimentos tinham origem em uma crise provocada pelo entrecruzamento de diferentes maneira de agir, sentir e pensar existente no interior de um grupo social ou sociedade global.

Para estudar os movimentos messiânicos no Brasil, ela buscou o interior da Bahia, mais precisamente a cidade de Santa Brígida, onde o velho beato Pedro Batista liderou um movimento de melhorias no padrão de vida de seus adeptos, que deu origem à Romaria de Santa Brígida.

³² BOTELHO, ANDRE e CARVALHO, LUCAS CORREIA. *A sociedade em movimento: dimensões da mudança na sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Soc. estado.* [online]. 2011, vol. 26, n. 2, pp. 209-238. ISSN 0102-6992. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922011000200011>. Acesso em 02/12/2018

A Romaria de Santa Brígida e a Dança de São Gonçalo são celebrações católicas, realizadas no município de Santa Brígida, situado do interior da Bahia, próximo a cidade de Paulo Afonso. Lá, desde 1945, acontece um movimento coletivo idealizado pelo seguidores do beato Pedro Batista, o qual originou uma série de estudos sobre os movimentos religiosos e rurais no Brasil, denominado pela socióloga como movimento messiânico³³.

Os estudos realizados pela autora é referência para as Ciências Sociais na Bahia, porque suas pesquisas tiveram uma repercussão internacional, sendo estudadas dentro e fora do Brasil. A tradição religiosa sempre foi uma característica do povo baiano, e o sertão, enquanto cenário de suas pesquisas, representou uma interpretação apurada sobre as coletividades sertanejas sagradas. Maria Isaura Pereira de Queiroz publicou sobre a história do Cangaço, as sociedades de parentelas e o coronelismo, durante a sua interpretação sociológica. Os temas estudados por ela estão, de certa forma, presentes na análise da sociedade baiana, dando visibilidade aos grupos e às coletividades sociais, tanto no meio urbano quanto no meio rural.

Ao se aproximar das coletividades para entender as mudanças sociais, a pesquisadora buscou definir como as estruturas da sociedade brasileira promoviam a mobilidade social, os conflitos de interesses e as redes de sociabilidade. Segundo Azevedo (1964), o Programa de Pesquisas Sociais da Bahia buscava estimular pesquisadores que tivessem como objeto a sociedade local e nacional, daí o patrocínio para que Maria Isaura de Queiroz viesse estudar a Bahia.

3.3. FORMAÇÃO DE NOVOS QUADROS: AS PESQUISADORAS BAIANAS

A implantação da Universidade da Bahia impulsionou a formação de mulheres com ensino superior, a convocação de novos profissionais para atuarem na instituição e favoreceu um novo cenário baiano, onde a presença de professoras começava a emergir, dando visibilidade às mulheres na formação

³³ Movimento messiânico: é um termo utilizado para definir uma acepção histórico-sociológica que tem como característica um líder religioso dotado de carisma, cuja representação é de um enviado do céu para atender às demandas coletivas de um determinado povo.

de outros profissionais, não só no ensino secundário, mas também no ensino superior.

Nesse período, provocada justamente pela vinda de pesquisadores para estudarem a sociedade baiana, a Universidade da Bahia começou a convocar professoras para atuarem no ensino superior, até então, majoritariamente, um universo masculino. O aparecimento de professoras para lecionarem no ensino superior provocou um grande avanço nos quadros profissionais da Universidade, como consta nos arquivos atuais da UFBA.

Nos dossiês pesquisados no arquivo do Departamento de Ciências Sociais, estão os documentos das professoras Edith Mendes da Gama e Abreu, Zahidé Maria Machado Neto, Maria David de Azevedo Rebouças Brandão, Consuelo Pondé de Sena, todas professoras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFBA, e Josildeth Consort, professora da Universidade de São Paulo, que atuou na implantação dos Programas de Pesquisas Sociais da Bahia.

3.3.1 Edith Mendes da Gama e Abreu: o diálogo entre casamento, educação e feminismo.

Edith Mendes da Gama e Abreu (1897-1982), natural de Feira de Santana, viveu parte de sua infância e juventude em Salvador. Depois foi para o Rio de Janeiro, onde estudou Filosofia, Literatura Geral, Literatura Brasileira, Literatura Francesa, Ciências Sociais e Canto. Em seguida, foi para a França, vivendo alguns anos entre o Brasil e Europa. Quando retornou de forma definitiva para a Bahia, assumiu vários cargos, entre estes, como professora do Ginásio da Bahia e Inspetora do Ministério da Educação e Cultura do Estado da Bahia, convivendo com vários educadores baianos. A partir dessas experiências, tornou-se escritora e primeira mulher a assumir uma cadeira na Academia Baiana de Letras³⁴, em 1938.

³⁴ A Academia Baiana de Letras: entidade literária máxima do estado brasileiro da Bahia. Foi fundada em 7 de março de 1917, é uma das instituições sediadas no Palacete Góes Calmon, na cidade de Salvador.

Imagem 34 Edith Mendes da Gama e Abreu

Fonte: Catálogo Mulheres Cientistas da Bahia

Imagem 35 Posse de Edith Mendes da Gama e Abreu na Academia Baiana de Letras em 1938

Fonte: Catálogo Mulheres Cientistas da Bahia

Como educadora, escritora e feminista, Edith Mendes Gama exerceu um papel importante para a educação superior na Bahia, ajudando a fundar a Faculdade de Filosofia da Bahia, e assumiu a primeira cátedra de Didática Geral, da instituição, em 1946. De acordo com os registros no seu dossiê, exerceu a função de catedrática na Faculdade de Filosofia entre os anos de 1946 até se aposentar, em 1966.

O trabalho de Edith Mendes como escritora refletia a sua formação como filósofa e cientista social, e seus livros traziam questionamentos sobre a política e o papel da mulher na sociedade. O seu livro *Problemas do Coração*, publicado em 1930, aborda, em uma visão feminista, o papel feminino para a formação de cidadãos e cidadãs; o casamento, a educação e o feminismo na vida conjugal; o papel da educação para o desenvolvimento da nação. Foi presidente da Federação Baiana pelo Progresso Feminino, em 1931. Mas a importância de seu trabalho como educadora foi fundamental ao assumir a cátedra de Didática Geral das primeiras turmas do curso de Ciências Sociais da UBA.

A contribuição de seu pensamento repercutiu na formação de outras professoras e pesquisadoras na Bahia, como os estudos desenvolvidos por Zahidé Machado Neto.

3.3.2 Da formação em Direito aos estudos feministas: Zahidé Machado Neto

Zahidé Maria Torres Machado Neto³⁵, baiana de Salvador, tornou-se bacharel em Direito, em 1955, e em Ciências Sociais, em 1959, pela Faculdade de Filosofia (FFCH/ UFBA). Sua carreira foi dedicada à docência e à pesquisa, tendo sido professora do Departamento de Ciências Sociais da FFCH, entre os anos de 1963 e 1983, quando faleceu. Atuou como professora da Universidade Católica de Salvador e de outras instituições do país, participando de cursos, como ministrante, no Instituto Central de Ciências Humanas vinculado à Universidade de Brasília (UNB), no Instituto Brasileiro da Universidade de São Paulo e em outras instituições brasileiras de ensino superior.

Além da docência, a professora e pesquisadora também teve uma carreira técnico-administrativa de relevância na FFCH/UFBA, como expõem os estudos realizados por Pereira e Fernandes (2016, p. 3)⁴:

Durante a sua permanência na FFCH/UFBA, Zahidé Machado Neto ocupou diversos cargos: foi diretora do Centro de Estudos Afro-Orientais no ano de 1961 e assessora e técnica da comissão de implementação da

4 PEREIRA, Maiana D.A e FERNANDES, Filipe.B.M. *Zahidé Machado Neto: Uma reescrita da sua história nas Ciências Sociais e no feminismo*. Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 3 e 6 de agosto de 2016, João Pessoa/PB

reforma universitária da UFBA, que aconteceu entre 1969/70. Elaborou ainda o projeto e foi responsável pela implementação do novo currículo do curso de Ciências Sociais, após a reforma universitária de 1968/69. Ao se dedicar à questão feminina, Zahidé Machado Neto colocou em pauta o sexo como uma classificação social a ser investigada, juntamente com outros marcadores sociais como o de classe, sendo a maioria dos seus trabalhos dedicados à condição feminina do proletariado.

Responsável pela cadeira de Antropologia na FFCH, a Profa. Zahidé tinha como objeto de suas pesquisas a Sociologia do Recôncavo, os estudos feministas e de gênero. Era casada com Antônio Luiz Machado Neto, também advogado e professor da UFBA. Ao longo de sua carreira, publicou vários artigos sobre a condição feminina e suas relações com o Direito.

Imagem 36: Zahidé Maria Machado Neto

Universidade Federal da Bahia
FACULDADE DE FILOSOFIA

Inscrição n. 47

Exmo. Sr. Dr. Diretor da Faculdade de Filosofia
da Universidade Federal da Bahia

I - ^{de Euclides}

ZAHIDÉ MARIA TORRES MACHADO NETO, casada
(Nome completo, em letra de imprensa) (Estado civil)

nascido em 1.º DE AGOSTO DE 1931, residente
(Data e local de nascimento)

EUCLIDES DA CUNHA, 74 - apt.º 502 - GRACA, telefone
(Endereço completo)

EM DIREITO - LICENCIADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - (Vide, vem requerer
(Título)
CURRÍCULO VITAE

Exa. a sua inscrição ao CONCURSO DE TÍTULOS, para a função de
COOPERADOR - SOCIOLOGIA - Dept.º Ciências Sociais, conforme ins
(Especificar a letra correspondente)

ontidas no Edital n. 2, de fevereiro do corrente ano, aprese
ara tanto os documentos exigidos no mesmo.

Nestes termos
pede deferimento.

Salvador, 14 de março de 1968

Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais- UFBA, março 2017.

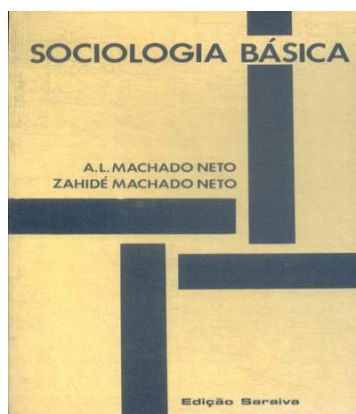
Os estudos sobre o feminismo realizados por Zahidé Machado Neto deram origem a uma série de trabalhos sobre as questões feministas, na UFBA. Inclusive, ela foi uma das idealizadoras do NEIM (Núcleo de Estudos

Interdisciplinares sobre a Mulher)³⁶. Pereira e Fernandes assim descrevem as primeiras atuações dela na academia:

A primeira disciplina que tratava sobre a mulher no Mestrado em Ciências Humanas da UFBA foi ministrada por ela no ano de 1974, sob o nome *Sociologia da família e das relações entre os sexos*. Foi responsável ainda pelas primeiras orientações de dissertações que trataram da condição feminina: *Criminalidade feminina: na Bahia do século XIX*, de Marília Muricy Machado Pinto, no ano de 1973; *A família da Prostituta*, de Jeferson Afonso Bacelar, do ano de 1979, *O trabalho feminino na agro-indústria fumageira no Estado da Bahia: um estudo sociológico*, de Dorothy do Rego Azevedo, em 1975, *Mulheres assalariadas: os fatores da emancipação feminina*, de Iracema Brandão, em 1979 e *Visão de mundo da empregada doméstica*, de Alda Motta, em 1977. (PEREIRA e FERNANDES, 2016 p. 50)

Além da produção de artigos em revistas científicas, está a publicação do livro *Sociologia Básica*, de 1975, uma produção realizada junto com Machado Neto. Entretanto, é um trabalho pouco divulgado como de autoria da socióloga baiana.

IMAGEM 37 Capa do Livro *Sociologia Básica*³⁷ de Zahidé M. NETO



Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais- UFBA, março 2017.

³⁶ Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM. Criado em maio de 1983, como núcleo então vinculado ao Mestrado em Ciências Sociais, da UFBA, o NEIM se destaca não apenas por ser o núcleo de estudos feministas mais antigo do país, como também por sua atuação marcante e continuada na promoção de uma série de atividades nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão, tendo sempre em vista a formação de uma consciência crítica acerca das relações de gênero hierárquicas, predominantes em nossa sociedade, e da consequente especificidade da condição feminina.

³⁷ O livro *Sociologia Básica* de Zahidé Machado Neto e A.L.Machado Neto tem o registro da primeira publicação em 1975, pela editora Saraiva. Trata de discutir os conceitos básicos para o desenvolvimento de estudos e análise sociológica.

Ao realizar suas pesquisas, a presença de uma visão mais avançada sobre a família e as relações de poder, no mercado de trabalho, deu a pesquisadora uma condição de legitimidade e autenticidade nos temas estudados. A condição da mulher não era assunto de muitos trabalhos acadêmicos e, por isso, o seu papel foi fundamental para os estudos feministas na Bahia.

3.3.3 As crenças populares nos estudos de Maria David de Azevedo Rebouças Brandão

Maria David de Azevedo Rebouças Brandão (1933), baiana de Salvador, graduou-se em Ciências Sociais, em 1956, na Universidade Federal da Bahia, onde se tornou professora da FFCH. Especializou-se em Antropologia Cultural pela Universidade de Columbia (1967), participando, ativamente, da criação e execução das pesquisas desenvolvidas no Instituto de Ciências Sociais da UFBA. Filha de Thales de Azevedo, ainda hoje trabalha intensamente para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas aos estudos realizados por seu pai, tanto aqui na Bahia, como fora do estado. Parte de seus estudos estão vinculados às crenças populares, aos estudos regionais, às relações de produção e à Sociologia Urbana, Rural e Cultural.

Como pesquisadora, Maria Brandão atuou diretamente no Programa de Pesquisas Sociais na Bahia, no qual buscou analisar o desenvolvimento da região do Recôncavo, conforme descreve no ensaio *Os Vários Recôncavos e seus riscos*, publicado em 2007. O Recôncavo é reconhecido por ela como uma região onde há uma reciprocidade cultural, social e econômica, porque


A primeira idéia a firmar sobre o Recôncavo, [...] é de que um território só constitui a base de uma região se ele comportar um conjunto de subsistemas fisicamente distintos, porém, cultural, social e economicamente interdependentes. (BRANDÃO, 2007, p. 53)

Herdeira direta dos estudos realizados por Thales de Azevedo, ela estudou Antropologia e o meio rural no interior da Bahia, analisando a cultura popular e suas variações desde o processo de transformação do Recôncavo em zona de turismo atrelado ao desenvolvimento econômico. Destacou, ainda, a valorização do patrimônio cultural para o incremento social da região. A partir das observações feitas, passa a atuar nos estudos sobre planejamento urbano

e rural, destacando as relações interétnicas da cultura brasileira, especialmente para a sociedade baiana.

Imagem 37: Dossiê de Maria David de Azevedo Rebouças Brandão

Nº 4



Federal da Bahia

**FACULDADE DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS**

Nome *Maria David de Azevedo Rebouças Brandão*

Filiação *Thales Olympio J. de Azevedo*

D. *Maria David de Azevedo*

Nascido a *18/05/33* em *Salvador* Estado *Bahia*

Cargo *Professor Assistente - Prof. Ad-juunto.*

Local e data da 1.ª investidura

Nomeação federal

Observações :

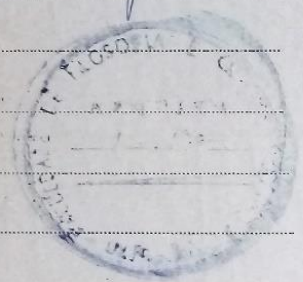


Foto: Luciana Pereira de Oliveira Cruz

Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais - UFBA, março 2017.

Como professora de Sociologia, atuou em diferentes cursos da Universidade da Federal da Bahia: Administração, Filosofia e Ciências

Humanas, Educação, Arquitetura e Urbanismo, Engenharia – área de Engenharia Ambiental Urbana. A sua Sociologia é diretamente influenciada pelas Ciências Sociais norte-americanas. Depois de viver e estudar no Instituto Social de Londres, voltou para a Bahia, em 1972, para atuar na área de planejamento e desenvolvimento urbano.

IMAGEM 38 Livro sobre Thales de Azevedo da Coleção Memória do Saber³⁸ de Maria David de Azevedo Brandão



Foto: Luciana Pereira de Oliveira Cruz

Outro destaque do seu trabalho é a atuação como presidente do Centro de Planejamento Municipal da Prefeitura de Salvador, cargo que correspondia à Secretaria de Planejamento do Estado, na década de 1980.

3.3.4 Consuelo Pondé de Sena e a antropologia do agreste baiano

Consuelo Pondé de Sena (1934-2015) nasceu em Salvador, graduou-se em História e em Geografia, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da UFBA, em 1956. Tornou-se Mestre em Ciências Sociais e passou a estudar o

³⁸ O livro Thales de Azevedo da Coleção Memórias do Saber é um trabalho coordenado por Maria Brandão onde trata de apresentar a história de vida e toda a produção do médico e etnógrafo. Baseada no acervo pessoal deixado por Thales de Azevedo é uma publicação de 2013, realizada pela Fundação Miguel de Cervantes.

Agreste baiano. Parte do seu trabalho contribuiu para o conhecimento da História Social, ao analisar os principais acontecimentos relacionados à cultura do Agreste e as principais características de formação histórica e geográfica que envolviam a comunidade do Agreste, em Itapicuru³⁹, entre os anos de 1830-1892.

Imagem 39: Capa do dossiê de Consuelo Pondé de Sena

131

Universidade Federal da Bahia
FACULDADE DE FILOSOFIA
E CIÊNCIAS HUMANAS

Nome *Consuelo Pondé de Sena*

Filiação *Celso Pondé*
e *D. Maria Carolina Montanha Pondé*

Nascido a *13/01/1934* em *Salvador* Estado *Bahia*

Cargo

Ato e data da 1.ª investidura

Nomeação federal

Observações: *Classificada no processo de Progressão Funcional, na classe de Professor Adjunto de acordo com item 8 da Instrução Normativa n° 01/78 do MEC (D.O.U. de 16 e 17 de dezembro de 1978). Apresentada através da Portaria n° 2057/93 publicada no D.O.U. em 29.11.93*

Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais- UFBA, março 2017.

Em 1970, Consuelo Pondé tornou-se professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da UFBA, e teve um papel importante para os estudos em Antropologia e História Social da Bahia. A sua trajetória como professora sempre foi marcada pelo ensino de Antropologia e disciplinas ligadas

³⁹ Itapicuru, cidade localizada a 215 km de Salvador/BA, é uma das cidades mais antigas do Agreste Baiano, criada em 1728, sendo um antigo povoamento de origem indígena.

ao ensino da língua Tupi. Exerceu diversos cargos e funções administrativas: diretora do Departamento de Antropologia e Etnografia, da FFCH, da UFBA; membro e diretora do Centro de Estudos Baianos, da UFBA; membro da Associação Baiana de Imprensa, da qual foi diretora em 1984; diretora da Casa Rui Barbosa; diretora do Arquivo Público do Estado da Bahia e, depois, tornou-se diretora do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Seu trabalho sempre esteve filiado às Ciências Sociais, na Bahia, tanto como professora do Curso na UFBA, como pesquisadora dos temas sociais.

Imagem 40: Consuelo Pondé de Sena



Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais - UFBA, março 2017.

O legado deixado por Consuelo Pondé é grande e de suma importância para novos pesquisadores, pois a sua atuação, sempre vinculada à História e à Antropologia, em diferentes áreas do conhecimento, servirá de referência para outras pesquisas e reconhecimento da sociedade baiana.

Outros nomes de pesquisadoras também devem ser destacados, quando buscamos mostrar a presença feminina nas Ciências Sociais na Bahia, como o da antropóloga Maria Carmelita J. Ayres Hutchinson, que participou ativamente da organização da II Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Salvador, em julho de 1955. Maria Carmelita era baiana, de Salvador, e seus estudos estavam relacionados à formação da família no Brasil. Era casada com o antropólogo norte-americano Harry W. Hutchinson, e ambos faziam parte do grupo de pesquisadores de Charles Wagley e Thales de Azevedo.

3.3.5 Josildeth Gomes Consorte: estudos sobre as manifestações religiosas, a antropologia e a educação

Além dos nomes já citados, a primeira pesquisadora contratada para trabalhar no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), criado e dirigido por Anísio Teixeira, em 1955, foi Josildeth Gomes Consorte (1930), baiana de Salvador, bacharel em Geografia e em História, pela UFBA. Depois, estudou Antropologia e Sociologia, na Universidade de São Paulo, e fez pós-graduação na Universidade de Columbia (EUA). Pesquisadora envolvida com temas ligados à Antropologia e à Educação, às manifestações religiosas brasileiras e às relações étnicas. Entre seus trabalhos, estão os estudos sobre Sincretismo e Africanidade nos Terreiros Jeje Nagô, de Salvador (2003).

Imagem 41: Josildeth Gomes Consorte



Fonte: Blog Cadernos do Campo USP

As mudanças que aconteceram no mundo, no início do século XX, marcaram, definitivamente, o lugar das mulheres na sociedade, principalmente na formação de novos olhares sobre as questões sociais. No campo acadêmico, não foi diferente, porque a presença feminina mereceu lugar de destaque, especialmente pelo fato deste espaço ter sido considerado, por muito tempo, um lugar notoriamente masculino. A formação universitária foi um desses lugares de conquista, com um amplo número de mulheres que chegou ao curso superior, provocando mudanças diretamente relacionadas ao mercado de trabalho, nas estruturas das relações sociais e de gênero, que não podemos desconsiderar.

Imagem 42: Livro de Josildeth Gomes Consorte⁴⁰



Fonte: Arquivo PUC –São Paulo

A presença de professoras e pesquisadoras, no crescimento do campo acadêmico, favoreceu um conjunto de fatores que tem dado visibilidade ao trabalho de outras mulheres, como conquista de outros espaços e expansão do debate sobre a formação e produção de conhecimento.

IMAGEM 46 Josildeth Gomes Consorte

Homenagem com o título de Doutora Honoris Causa⁴¹.



Fonte: ASCOM UESB

⁴⁰ O livro *Religião Política Identidade* é uma coletânea de textos organizado por Josildeth Consorte e Marcia Regina da Costa, publicado em 1988 pela Editora da PUC de São Paulo e trata da temática apresentada como referência para discussões de assuntos discutidos na contemporaneidade.

⁴¹ Josildeth Gomes Consorte, foi homenageada com o título de Doutora Honoris Causa. Em setembro de 2009 pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB.

Dessa forma, a ampliação do papel da mulher, no desenvolvimento das Ciências Sociais, potencializou a inserção de um novo significado sobre a importância do reconhecimento do outro. MATOS (2002, p. 243) alerta que

O crescimento da produção nas Ciências Sociais aponta que não se trata apenas de incorporar as mulheres no interior de uma grande narrativa pronta, quer mostrando que as mulheres atuam tanto quanto os homens no presente e na história, é preciso reconhecer a diferença dentro da diferença, mas que estão todos num mesmo processo de emancipação.

Nesse sentido, trazer a importância destas pesquisadoras e professoras para a formação das Ciências Sociais na Bahia é fundamental, para entendermos que a produção deste campo passa pelo processo de emancipação de sujeitos envolvidos num mesmo movimento, as experiências cotidianas e suas produções vividas por estas mulheres são condições determinantes para a construção de um olhar sobre questões que envolvem a formação e interpretação da realidade contemporânea.

Neste terceiro capítulo, busquei destacar a presença feminina na história das Ciências sociais baianas, devido a necessidade de reconhecimento do trabalho produzidos por elas, como caminho para a formação de um pensamento social crítico, que traga a mulher como protagonista da produção de conhecimento no campo acadêmico e fora dele. No capítulo a seguir, será analisado a concepção deste curso em diferentes instituições públicas UFBA, UESB e UNEB como importantes representantes da formação no estado.

CAPÍTULO 4 O ENSINO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS BAIANAS

Com a intenção de apreender mais sobre o objeto desta pesquisa, ou seja, identificar os aspectos que envolvem a formação em Ciências Sociais na Bahia, apresento o perfil do curso em três instituições públicas⁴² baianas: a UFBA, a UESB e a UNEB. Começo com a Universidade Federal da Bahia (UFBA), por ser a mais antiga entre as três aqui analisadas, além de ser a única com departamento específico, com formação de graduados em licenciatura e em bacharelado. O curso da UFBA deu origem a à formação *lato sensu e stricto sensu* com curso de especialização, mestrado e doutorado na área.

Depois apresento o perfil de Ciências Sociais na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), por ter, desde o seu início, uma forte influência da Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista que, apesar de fechada em 1966, deixou uma semente que deu origem à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras com a criação do Departamento de Estudos Sociais, em 1971. Entretanto, somente em 2013, — um intervalo de mais de quarenta anos —, é que o curso de Ciências Sociais foi criado na UESB porque, na década de 1970, a conjuntura política não permitia a criação de cursos que possibilitassem uma visão crítica da sociedade. Apesar de ser recente, vale destacar a importância do curso para a formação de novos profissionais para atuarem dentro e fora do estado. É importante ainda registrar que a UESB ofertou o curso na modalidade do Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica (PARFOR), com uma turma que iniciou seus estudos em 2015.

O curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) é o mais recente entre os três analisados, oferecendo a formação em licenciatura e em bacharelado com uma grade de oferta contínua. Além disso, o curso é ofertado de forma específica também dentro do PARFOR, com formação em Sociologia, em diferentes regiões da Bahia atendidas pela UNEB.

⁴²Dentre as instituições públicas que ofertam o Curso, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia tem turmas de graduação e mestrado, mas não será analisada, porque a busca por documentos, desde o início desta pesquisa, esteve vinculada às três instituições já citadas.

As outras instituições públicas baianas que oferecem o curso de Ciências Sociais, mas não serão aqui analisadas, são a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), em Ilhéus, e a Universidade Federal do Recôncavo, em Cachoeira.

4.1 A FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)

O curso de Ciências Sociais da Universidade da Bahia (UBA) foi criado em 1943, juntamente com a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLBA), através do Decreto 10.664, de 20/10/1942 e reconhecido pelo Decreto 17.206, de 21/11/1944, publicado no Diário Oficial do Estado da Bahia de 29/11/1944, Seção I, p. 201. A presença de professores de diferentes áreas do conhecimento sempre fez parte do quadro docente, conforme mostram os registros e documentos referentes à sua criação.

Com um quadro predominantemente masculino, os primeiros professores do curso de Ciências Sociais da UBA exerciam outras funções de relevância na sociedade baiana da época. Como exemplo, Thales de Azevedo, médico e professor de Antropologia e Etnografia; Isaías Alves, diretor da Faculdade e professor de Psicologia Educacional. Outros nomes também são importantes para a formação das primeiras turmas de professores do Curso, como do professor norte-americano Harry W. Hutchison, professor de Antropologia; Nelson Sampaio, professor de Sociologia; Mauricio Graccho Cardoso, professor de Economia Política; Ricardo Vieira Pereira, professor de História da Filosofia; Antônio Balbino de Carvalho, professor de História das Doutrinas Econômicas; Raimundo Duarte, professor de Didática Geral; Edith Mendes da Gama e Abreu, professora de Didática; e Francisco Gomes de Oliveira Neto, professor de História Moderna.

**Imagem 40: Casarão do Prédio da Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas - UFBA**

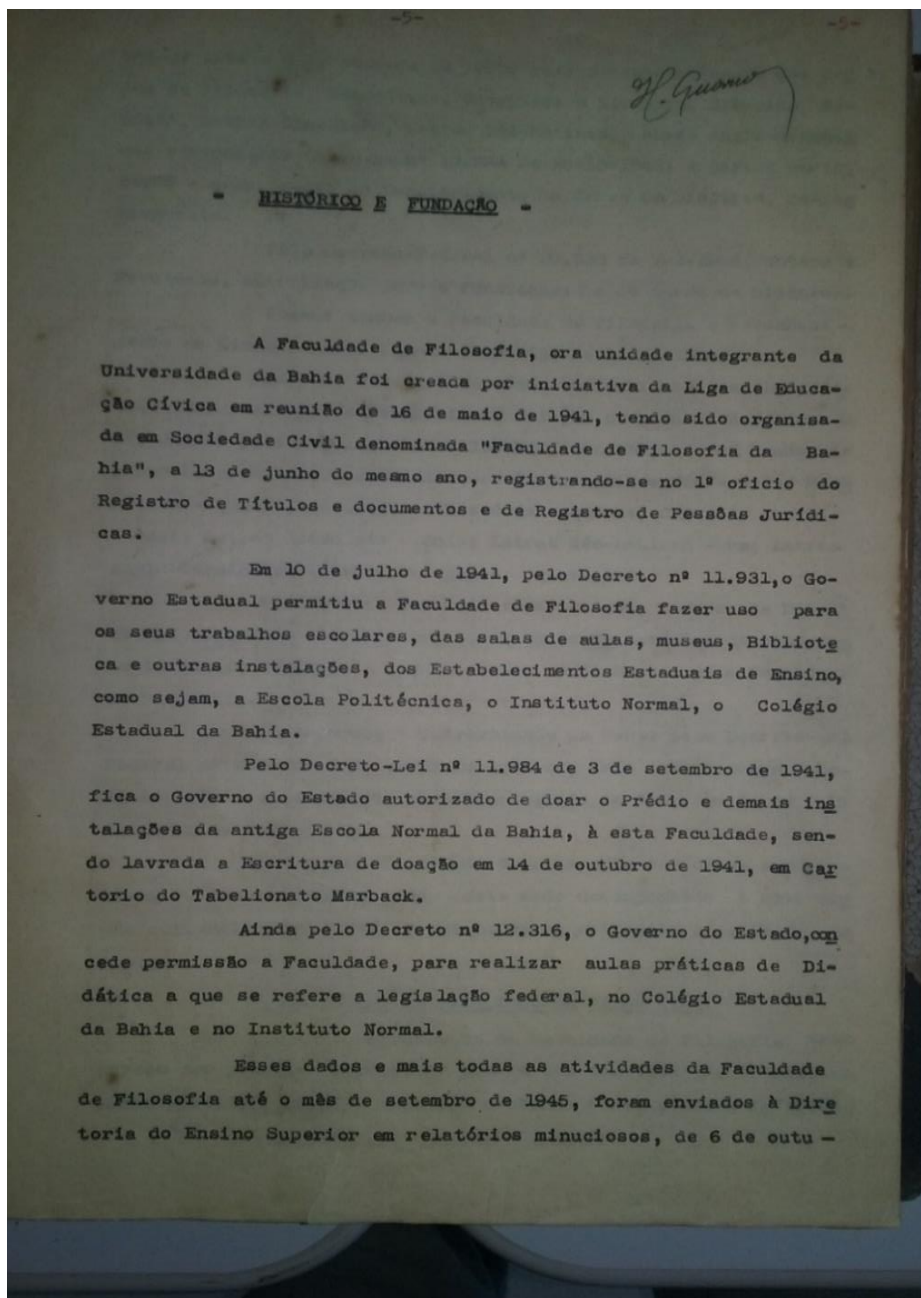


Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais – UFBA, março 2017.

Desde a sua criação, o Curso teve como objetivo a formação de bacharéis e licenciados em Ciências Sociais, com ênfase na qualificação para as áreas de Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas. A pesquisa sempre esteve em foco, influenciada diretamente pelas pesquisas de comunidade⁴³ realizada nos Estados Unidos, desde a década de 1920. O foco na pesquisa continuou depois que pesquisadores brasileiros foram estudar fora do Brasil e, também, porque pesquisadores estrangeiros vieram para a Bahia realizar estudos de doutorado. Esses fatores influenciaram, diretamente, na consolidação do perfil do Curso na UBA.

⁴³ De acordo com os estudos de Nemuel da Silva Oliveira e Marcos Chior Maio (2011), a Pesquisa de Comunidade é um método de pesquisa oriundo da Antropologia, sendo uma investigação sobre o processo de mudança social. Os estudos de comunidade estiveram em voga nos Estados Unidos entre os anos 1920 e 1950, tendo papel fundamental na institucionalização das Ciências Sociais no Brasil. Destacamos três aspectos na produção desses estudos no país, iniciando com uma abordagem conceitual: as definições, a origem e a sua relação com temáticas marcantes nos anos de 1950.

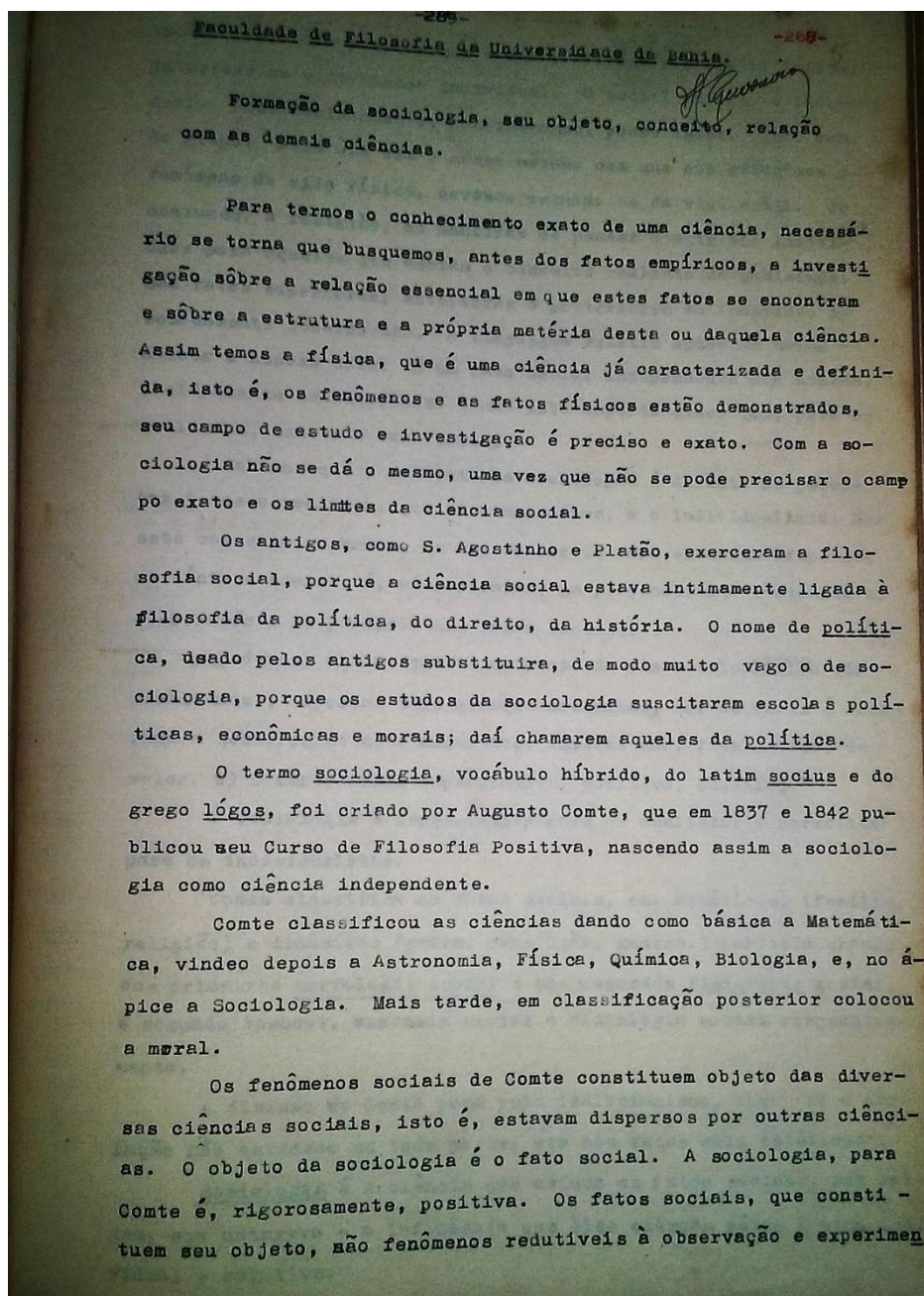
Imagem 41: Registro sobre histórico e fundação da Faculdade de Filosofia



Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais da UFBA

Com o objetivo de caracterizar os princípios do curso de Ciências Sociais, a Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia registra, em seus livros e atas de reunião, quais seriam os principais conceitos norteadores referentes a cada curso ofertado. Entre os registros, encontram-se as orientações referentes às bases conceituais da Formação em Ciências Sociais, que consta no Livro 1, página 268, de 1943.

Imagem 42: Registro do Livro 1 de 1943 sobre Formação, objetivos e conceitos sobre Ciências Sociais



Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais da UFBA

O registro traz os princípios ideológicos que vão embasar os estudos científicos sociais na Universidade, tendo como sustentação a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia e a Política. Os pensadores clássicos das Humanidades, como Santo Agostinho, Platão e August Comte, alicerçavam essa base teórico-epistemológica.

Esses pensadores buscavam, no pensamento clássico das Humanidades, os alicerces para o conhecimento sociológico, antropológico e político. Os conceitos baseavam-se na análise dos fenômenos sociais enquanto fatos e, desta forma, possibilitava a análise dos fenômenos enquanto coisa, como definido por Comte em seus primeiros registros sobre os estudos referentes à sociedade.

Os princípios norteadores das Ciências Sociais clássica estavam bem definidos na formação da base do curso, tendo a definição da Sociologia enquanto ciência e a formação do pensamento antropológico e suas derivações para a política. A partir destes conceitos, buscava-se estudar o homem enquanto ser biológico e as diferentes formas de compreensão de contato social dele. No primeiro ano, o fluxograma aponta, claramente, para a formação de conhecimento voltado à produção de teorias que subsidiaram as investigações posteriores realizadas no curso.

Conforme está descrito nos documentos, o Programa do curso de Ciências Sociais, de 1943, da UBA, atrelava-se, diretamente, ao pensamento norte-americano, com destaque para a Escola de Chicago. Isso pode ser constatado no Item I, identificado na Introdução, cujas premissas para se estudar as Ciências Sociais são:

- a) Situação atual da Sociologia. Sociologia como Ciência. -A Sociologia e as Ciências sociais. A Tecnologia Social. Pesquisa Social e prática social. Tratamento Científico dos problemas sociais. Necessidade de treinamento e formação de peritos.
- b) Evolução da Sociologia. O que foi a Sociologia. O que não é a Sociologia. O que é a Sociologia. O progresso da Sociologia nos últimos trinta anos. A contribuição dos Estados Unidos. Os Sociólogos de Chicago.

Com essa vertente voltada para a Escola de Chicago, os estudos realizados na Universidade da Bahia serviram de fundamento para ensaios sobre a dinâmica social, a partir de alguns aspectos específicos como, por exemplo, os estudos sobre o indivíduo — o homem enquanto base física da vida social —, o processo de isolamento e a interação social. Dessa forma, buscou-se entender quais as formas e os efeitos desse processo para a aculturação e o desenvolvimento da civilização.

A partir desse fundamento, o objetivo do curso foi estudar a dinâmica social nas relações de interação entre as instituições e as forças sociais,

definindo a cultura enquanto herança social e o contato social como fenômeno de interação. O estudo de contato social estava presente nas pesquisas realizadas pelos professores e alunos da Escola de Chicago, e isso estava diretamente ligado aos conteúdos estudados no curso da Universidade da Bahia, quando entra em destaque, no segundo ano da formação, os fundamentos teórico-metodológicos para a pesquisa em Ciências Sociais.

Com a presença de pesquisadores estrangeiros que vieram realizar pesquisas e ministrar aulas na Universidade que estava nascendo, o curso começa a ter uma maior visibilidade, conforme descreve Fernanda Arêas Peixoto (2001), sobre a presença de pesquisadores franceses e norte-americanos, nas Ciências Sociais brasileira:

[...] O estado baiano e sua capital constituem o lugar da pesquisa por excelência, enquanto Rio e São Paulo representam muito mais a porta de acesso ao país, uma possibilidade de suporte institucional (ainda que também tenha sido palco de diversas investigações). A Bahia aparece em várias falas como “o laboratório natural para estudo da sociedade humana”, um verdadeiro paraíso dos africanistas, lugar onde uma série de professores norte-americanos iniciou suas carreiras: Marvin Harris, Anthony Leeds, Harry Hutchinson, Daniel Gross, Shapard Froman, D. Epstein... (PEIXOTO 2001, p.527)

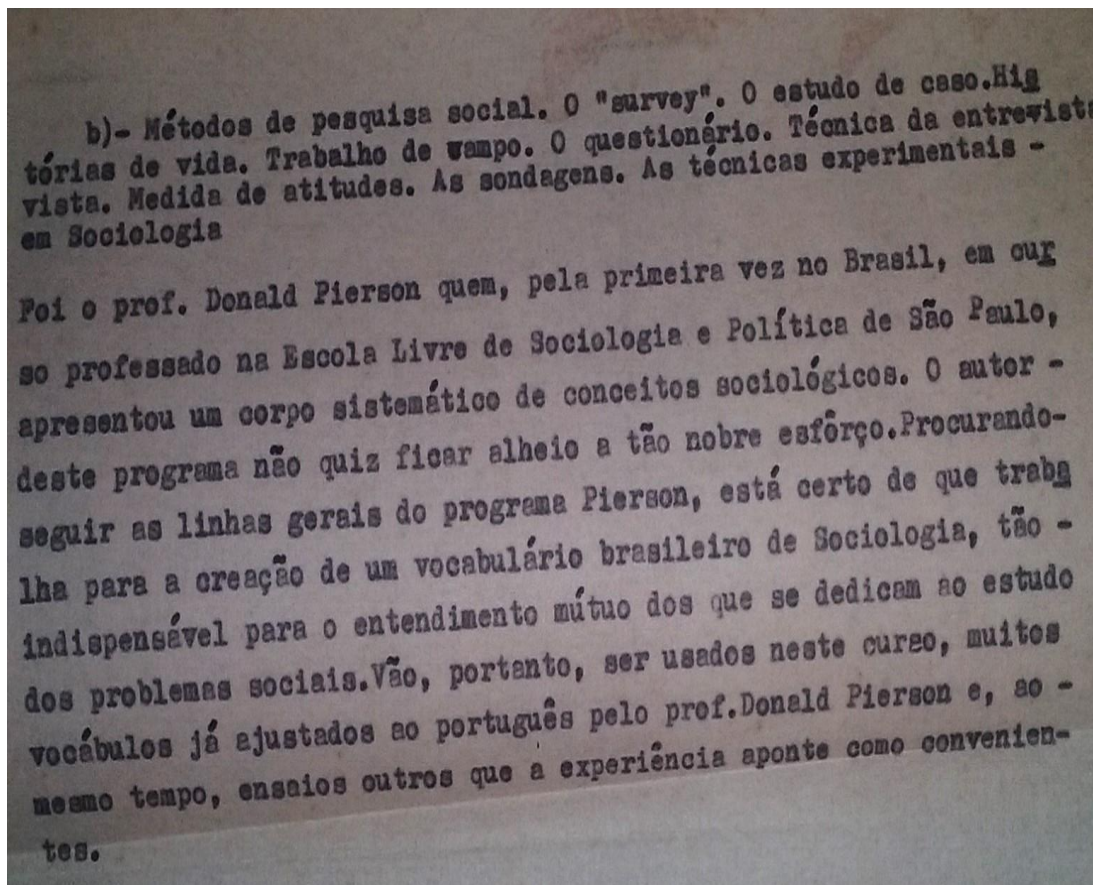
O interesse para a formação de quadro de professores e a possibilidade da realização de seus estudos foram um estímulo a mais, que atraía os pesquisadores norte-americanos para o estado. Esse aspecto está diretamente atrelado ao tipo de pesquisa realizada no Curso, influenciando, diretamente, na formação de novos pesquisadores, principalmente os novos estudantes baianos.

Parte dos trabalhos realizados no curso eram voltados para compreender os mecanismos de interação social e quais os seus efeitos para a comunidade: os conflitos, a acomodação e a adaptação de conflitos e valores sociais. As formas de organização e de controle também estavam presentes como elementos dos estudos definidos como Ecologia Humana, conforme está registrado nos aspectos referentes à metodologia utilizada no curso, no Livro I, da UBA, 1943.

A imagem abaixo mostra o critério para a investigação do método de análise social, ou seja, a formação da pesquisa social, com base em estudos

mensuráveis, e da análise dos problemas sociais através de amostragens e estatísticas.

Imagem 43: Registro sobre o Método de pesquisa do curso de Ciências Sociais-UBA



Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais da UFBA

Como metodologia de pesquisa, utilizava-se o método de pesquisa social. O "survey"⁴⁴, como forma de obter informações descritivas quantitativas de uma população, a partir de um instrumento predefinido; o estudo de caso⁴⁵, como referência para fenômenos ainda sem controle social; a história de vida⁴⁶, análise dos aspectos biográficos como fonte da pesquisa. Tudo isso tendo

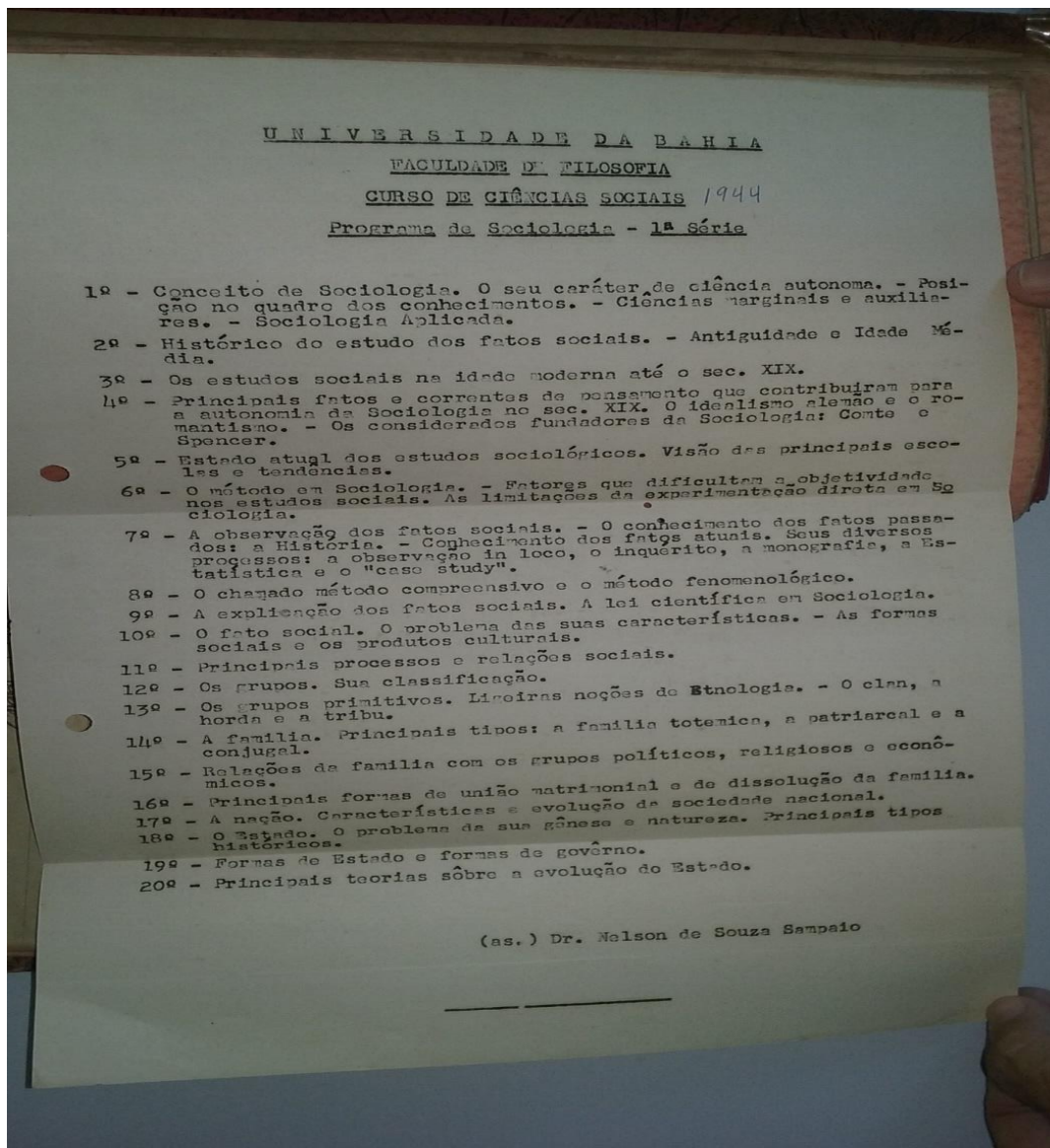
⁴⁴ O método de pesquisa Survey visa a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população alvo, por meio de um instrumento de pesquisa, normalmente um questionário.

⁴⁵ O estudo de caso é um método qualitativo que consiste, geralmente, em uma forma de aprofundar uma unidade individual. Ele serve para responder questionamentos que o pesquisador não tem muito controle sobre o fenômeno estudado.

⁴⁶ A história de vida é um procedimento de investigação adotado pela Sociologia e pela Antropologia, que consiste, fundamentalmente, numa recolha intensiva de dados de carácter biográfico, sobre uma ou mais pessoas, sendo que o próprio ou os próprios são a fonte principal da informação, embora não necessariamente a única.

como perfil o trabalho de campo realizado através de questionário, entrevistas e medida de atitude através da observação participante, as sondagens e técnicas de pesquisas experimentais⁴⁷, com base na Sociologia e na Antropologia.

Imagem 44: Registro do programa de Ciências Sociais, em 1944, UBA



Fonte: Arquivo do Departamento de Ciências Sociais da UFBA

A presença de Donald Pierson influenciou abertamente na formação da estrutura do Curso, devido ao resultado e sucesso de sua pesquisa de doutorado, realizada em Salvador, entre os anos de 1934 e 1935. Primeiro,

⁴⁷ A Pesquisa Experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo e definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.

porque abriu as portas para outros pesquisadores, depois, com o desenvolvimento do curso de Ciências Sociais em São Paulo e no Rio de Janeiro, a Bahia teria se beneficiado com a criação de programa de formação para novos profissionais. Com isso, professores estrangeiros vieram ensinar na Universidade da Bahia e realizar suas pesquisas.

De acordo com Peixoto (2001, p. 518), apud (MICELE,2001) *na formação de sociólogos e antropólogos profissionais, “teoria e prática, ensino e pesquisa caminham juntas.”* Este aspecto estava presente na formação dos novos cientistas sociais da Universidade da Bahia.

Neste sentido, a formação de pesquisadores, para atuarem nos diferentes quadros institucionais do estado, foi estimulada com a possibilidade de que eles exercessem diferentes funções, desde a formação dos quadros administrativos do governo até a formação de professores para assumirem as disciplinas de Humanidades nas escolas de ensino científico, o que corresponderia hoje ao ensino médio.

Conforme descrito, a receptividade dos estudos influenciados pela Escola de Chicago repercutiu diretamente na estrutura de formação do curso na UBA. Primeiro, porque existia uma forte onda de pesquisadores ávidos por um espaço para novas pesquisas; segundo, porque o processo de institucionalização estava começando a se firmar na Bahia; e terceiro, porque existia uma demanda de interesse para formação de “peritos” para analisar a sociedade naquela época.

Todos esses fatores estão presentes na estrutura do Curso tanto na forma de organização, como na oferta das disciplinas. É possível observar este aspecto na organização da estrutura curricular: a pesquisa sempre esteve presente na maior parte das disciplinas, mesmo não tendo esta nomenclatura.

De acordo com os documentos analisados, os primeiros anos do curso eram estruturados pela formação das disciplinas do currículo mínimo, disciplina complementares obrigatória, disciplinas optativas com ou sem pré-requisito. Existiam disciplinas específicas para a licenciatura, a exemplo da Didática, e outras voltadas para o bacharelado, como Análise e Técnica de Investigação.

Disciplinas ofertadas no curso da UFBA

<u>Disciplina do currículo mínimo (CH)</u>
FCH 001 Introdução à Filosofia
FCH 007 Introdução à Sociologia
EBC 001 Fundamentos de Economia
EBC 142 Economia Brasileira
FCH 114 Sociologia I
FCH 115 Sociologia II
FCH 116 Sociologia III
FCH 124 Antropologia I
FCH 125 Antropologia II
FCH 126 Antropologia III
FCH 127 História Econômica, Política, Social Geral e do Brasil I
FCH 128 História Econômica, Política, Social Geral e do Brasil II
FCH 299 Metodologia e Técnica de Pesquisa I - A
FCH 343 Técnica de Investigação e Análise em Política
FCH 303 Política I-A
FCH 331 Política II-A
FCH 300 Política III
FCH 301 Política IV
FCH 302 Política V
GEO 017 Fundamentos da Geografia Humana e Econômica
MAT 021 Estatística I-A
MAT 021 Estatística II-B

Disciplinas complementares obrigatórias

FCH 114 Documentação Científica
FCH 164 Organização Política do Brasil
FCH 183 Formação da Sociedade Brasileira
FCH 258 Seminário em Ciências Sociais
MAT 015 Complementos de Matemática I
<u>Disciplinas complementares optativas com pré-requisição</u>
FCH 106 Planejamento Governamental
DIR 102 Introdução ao estudo do Direito I
DIR 158 Instituições de Direito Público e Privado
ECO 134 Economia Rural
FCH 198 Lógica I
FCH 121 Sociologia do Conhecimento
FCH 209 Sociologia Urbana
FCH 210 Sociologia da Religião
FCH 213 Análise em Ciências Sociais
FHC 215 Modelos operacionais para análise do meio
FHC 241 Estudos Sociológicos do Brasil
FHC 243 Curso monográfico de Ciências Políticas
FHC 244 Curso monográfico de Sociologia
FHC 245 Curso monográfico de Antropologia
FHC 265 Sociologia da desigualdade social
FHC 266 Sociologia da Arte
FHC 267 Teoria Sociológica da Realidade Social

FHC 292 Antropologia Econômica
FHC 293 Estudo do Sistema de Parentesco
FHC 308 Antropologia do Folclore
FHC 309 Antropologia do Negro no Brasil
FHC 310 Etnias e Cultura Africana
FHC 311 Antropologia Simbólica
FHC 312 Antropologia e Religião
FHC 313 Antropologia Política
FHC 314 Antropologia Urbana
FHC 315 Antropologia das Sociedades Indígenas
FHC 316 Antropologia das Sociedade Camponesas
FHC 317 Etnologia do Brasil
FHC 318 Estado e Sociedade no Brasil
FHC 319 Marxismo e Estado
FHC 320 Movimentos políticos na América latina
FHC 321 Liberalismo e Estado
FHC 322 Mudanças políticas
FHC 323 Igreja e Política
FHC 325 Pensamento político no Brasil
FHC 326 Movimentos políticos no Brasil
FHC 327 Sociologia Rural I-A
FHC 328 Processo Histórico de Urbanização
FHC 329 Técnicas de Elaboração de Projetos
LET 267 Linguística
MAT 117 Estatística V

FHC 333 Sociologia Rural II-A
FHC 332 Antropologia Médica
FHC 344 Análise Estrutural da Mitologia
FHC 345 Etno-história indígena
FHC 346 Etno-psicologia e Sociedades Complexas.

Disciplinas Eletivas para a Licenciatura

FCH 143 Didática I
FCH 154 Estrutura e funcionamento do ensino I
FCH 172 Organização Política do Brasil
FCH 169 Interpretação da Sociedade Brasileira
FHC 167 Metodologia e prática de ensino de Ciências Sociais I
FHC 262 Estudos dos Problemas Brasileiros I
FHC 256 Metodologia e prática de ensino de Ciências Sociais I
FHC 254 Estudos dos Problemas Brasileiros II

Para o Bacharelado

FCH 196 Sociologia III
FCH 183 Metodologia e técnica de Pesquisa I
FHC 290 Antropologia III
FHC 286 Política III
FHC 172 Organização Política do Brasil
FHC 177 Formação da Sociedade Brasileira
FHC 306 Técnica de investigação em Sociologia, em Política e Antropologia

Entre as disciplinas de oferta optativa, chamo a atenção para a Disciplina de Antropologia Médica, que foi criada com a presença do Professor Thales de Azevedo na instituição. Esta disciplina teve grande importância para dar visibilidade ao curso, pois durante a permanência de Thales de Azevedo como professor, era ofertada com frequência entre as optativas. Com a saída dele, quem assumiu a disciplina foi o Professor Vivaldo da Costa Lima.

4.1.2 A Reforma Universitária de 1968 e as mudanças na formação do ensino superior federal na Bahia

Com a Reforma Universitária, instituída pela Lei Federal 5.540/68, ocorreram profundas mudanças no processo de reestruturação das universidades brasileiras e isto não foi diferente na Bahia. A Universidade tomou novos rumos na organização administrativa e surgiram novos departamentos de pesquisa e de extensão, mas outros setores foram extintos.

As mudanças instituídas pela reforma também provocaram uma série de mudança nos cursos de Ciências Sociais. Uma delas foi a criação do Departamento de Ciências Sociais com a coordenação distintas das três áreas — Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas — que se encontram presentes até os dias de hoje no Curso. Além disso, criou-se programas de mestrado na Universidade, estabelecendo novos caminhos para a pesquisa.

Em decorrência desta transformação na dinâmica da Universidade, muitas alterações passaram a ser impostas como medidas de intervenção que, “supostamente”, viriam para modernizar a estrutura do ensino superior no país. Entre as medidas, três foram de grande impacto, conforme destaca Maria de Lurdes de Albuquerque Fávero (2006),

[...] medidas oficiais são adotadas com relação à universidade. Três delas merecem destaque: o plano de assistência técnica estrangeira, consubstanciado pelos acordos MEC/USAID⁴⁸; o Plano Atcon⁴⁹ (1966)

⁴⁸ Acordo MEC/USAID: acordo estabelecido entre o Brasil e os Estados Unidos que incluiu uma série de convênios realizados a partir de 1964, durante o regime militar brasileiro, entre o Ministério da Educação (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID).

⁴⁹ Plano Atcon: trata-se de um documento que resultou nos estudos realizados pelo consultor norte-americano Rudolph Atcon, entre junho e setembro de 1965, a convite da Diretoria de Ensino Superior do MEC, preconizando a implantação de uma nova estrutura administrativa para as universidades brasileiras, baseados num modelo cujos princípios básicos são o bom rendimento e a eficiência nos resultados.

e o Relatório Meira Matos⁵⁰ (1968). Concebida com estratégia de hegemonia, a intervenção da USAID na América Latina se processa de modo integrado, nos anos 60, em várias áreas e sob três linhas de atuação: assistência técnica; assistência financeira, traduzida em recursos para o financiamento de projetos e compra de equipamentos nos EUA, além da assistência militar, concretizada pela vinda de consultores militares norte-americanos ao Brasil e do treinamento de militares brasileiros nos Estados Unidos, assim como do fornecimento de equipamentos militares. (FÁVERO, 2006, p. 30)

As medidas mudaram as estruturas dos cursos de licenciatura e bacharelado. Com a Reforma Universitária, as decisões sobre a formação de profissionais para atuarem nos quadros do governo tomaram novos rumos, influenciados, diretamente, pelo modelo militar instituído pelo acordo MEC/USAID. Ao mesmo tempo, a mobilização estudantil, em 1968, provocou intensos debates a respeito das medidas tomadas pelo governo federal. O movimento estudantil buscou, nas ruas, apoio para solucionar os problemas educacionais mais agudos, vividos dentro e fora da Universidade.

Ao mesmo tempo em que escolas estavam sendo fechadas, os movimentos de resistência surgiam, O curso de Ciências Sociais da UFBA era o único da área em funcionamento na Bahia, pois as Escolas de Sociologia e Política de Vitória da Conquista e de Ilhéus tinham sido extintas.

Entre os anos de 1969 e 1970, o reflexo de medidas autoritárias absorvidas pela Reforma Universitária marcaram a condução da educação no país. O recurso de intimidação e de repressão foi instaurado no meio universitário, provocado pelo fortalecimento dos princípios de autoridade e de disciplina nas instituições de ensino superior. Esses recursos deram origem a uma série de infrações disciplinares, que provocaram a punição de atos cometidos por professores, alunos e funcionários, ou empregados de diferentes instituições fossem elas públicas ou privadas, que sofriam com as sanções impostas pelo Ato Institucional n. 5 (AI-5)⁵¹.

Nesse período, os atos institucionais impunham medidas punitivas e sanções dentro e fora das universidades. A participação estudantil provocou a

⁵⁰ Relatório Meira Matos: relatório elaborado pelo General Carlos Meira Matos, membro da Escola Superior de Guerra, a respeito da situação da educação no Brasil, com base nos trabalhos realizados pelo MEC.

⁵¹ Ato Institucional n. 5 (AI 5): dispositivo jurídico-político tornado público pelo Regime Militar brasileiro, no dia 13 de dezembro de 1968, no então governo do General Presidente Arthur da Costa e Silva. Sua característica principal foi a suspensão dos direitos políticos.

busca por uma mobilização, por uma tomada de conscientização para os problemas que vinham acontecendo na sociedade brasileira, o que despertou um novo senso de responsabilidade social.

O sentimento de responsabilidade social reverberou em outras organizações sociais, como movimentos sociais, igrejas e grupos ligados a diferentes representações ideológicas e políticas. Isso provocou um novo movimento também na educação, com a presença de educadores voltados para a transformação social, tomando, como exemplo, Paulo Freire (1921-1997) e Milton Santos (1926-2001). Além disso, houve a busca nos cursos de Ciências Sociais, de Geografia, de História e de Pedagogia para uma implicação teórico-prática de renovação dos conhecimentos sobre a sociedade. De acordo com SOUZA (2018. P.21),

A educação mudou muito no mundo após os anos 50 e 70, período de maior atividade educativa de Freire e Milani: dos anos 50 até hoje, foram criadas diretrizes, leis, práticas mecanismos necessários para a formação de competências dos educadores e educando, seja em relação a cidadania, acolhimento, integração, seja em termo de inclusão e ressocialização.

Nesse período, os movimentos de libertação emergentes em toda América Latina, encabeçados pelos grupos de Teologia da Libertação da Igreja Católica (com a renovação do Concílio Vaticano II, 1962-1965)⁵² e as Comunidade Eclesiais de Base (CEBs)⁵³, que surgiram a partir de 1970, deram novos rumos para a formação em diferentes áreas do conhecimento, inclusive nas Ciências Sociais, com a chegada de novos atores sociais.

A partir dos movimentos que emergiram na sociedade brasileira com a Reforma Universitária de 1968, novas possibilidades se abriram para a formação em Ciências Sociais. Com a propagação e defesa dos direitos humanos, a influência dos movimentos religiosos e sociais levaram muitos estudantes em busca da formação acadêmica como meio de transformação social. Steil e Herrera (2010, p. 373) salientam que “a partir dos anos de 1960

⁵² Concílio Vaticano II: reunião realizada pelos principais representantes da Igreja Católica em dezembro 1961, na cidade- Estado do Vaticano em Roma na Itália, presidido pelo Papa João XXIII com intuito de defender a doutrina e fé católica e os direitos universais.

⁵³ CEBs: as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) surgiram no Brasil como um meio de evangelização que respondesse aos desafios de uma prática libertária no contexto sociopolítico dos anos da ditadura militar e, ao mesmo tempo, como uma forma de adequar as estruturas da Igreja às resoluções pastorais do Concílio Vaticano II, realizado de 1962 a 1965.

aos 1980, ocorreu um reordenamento nos campos acadêmico e político, como consequência das mudanças sociais que estavam acontecendo naquele período.”

O reordenamento destacou as mudanças referentes à formação de uma pluralidade cultural que atingiu, diretamente, o processo de formação no campo acadêmico, com a ruptura dos modelos ideológicos até então presentes na sociedade:

[...] nos anos de 1960, desde a perspectiva da secularização e da ideologia de classes, se buscou compreender a função do catolicismo no processo de modernização e seu lugar no contexto do pluralismo religioso, nos anos de 1970, a preocupação está colocada sobre o papel político que a instituição e as práticas católicas vão desempenhar no âmbito da sociedade civil frente ao autoritarismo da ditadura militar. Já os anos de 1980 foram marcados por uma crescente aproximação entre a Igreja Católica e movimentos sociais no Brasil, repercutindo, no campo acadêmico, numa reordenação ideológica das relações entre o pensamento moderno e a intelectualidade católica. (STEIL e HERRERA ,2010, p 380)

O movimento esteve diretamente ligado as mudanças provocadas pelos campos religiosos e educacionais, enquanto canais para ações políticas e sociais, assim como meio para a formação de novos profissionais. Neste sentido, o engajamento acadêmico, político, religioso e social era o principal caminho percorrido pelos estudantes de Ciências Sociais na Bahia.

O curso de Ciências Sociais da UFBA⁵⁴ continua em funcionamento desde a sua criação, em 1943, com a expansão da graduação com os cursos

⁵⁴ Com a Reforma Universitária, instituída pela Lei Federal 5.540/68, ocorreu uma profunda reestruturação/modernização acadêmica e administrativa das universidades brasileiras e a UFBA também passou por esse processo. A partir do início de 1970, foram implantados os primeiros cursos de pós-graduação – inicialmente em nível de Mestrado. Passou depois a integrar o Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais (REUNI), 2007), ampliando a oferta de cursos de graduação. Ao longo dos seus 65 anos de existência, a UFBA conquistou o reconhecimento social no contexto regional e nacional. A UFBA matricula hoje um total de 40.000 estudantes, sendo 28.477 em cursos de graduação e 3.935 em cursos de pós-graduação. Isso significa um crescimento bruto de aproximadamente 65% em 10 anos, possuindo, ainda, 530 grupos de pesquisa registrados no CNPq. Do contingente de 2.203 pesquisadores ativos, 219 são Bolsistas de Produtividade do CNPq (20 classificados no nível máximo 1-A). Atualmente, a IES conta com 112 curso de graduação. A UFBA possui ainda 32 unidades universitárias e 15 pavilhões de aulas teóricas e laboratórios em seus diversos *campi* da capital (Salvador) e interior do estado. Atos legais de Autorização, Reconhecimento e Renovação de Reconhecimento do curso, quando existirem - Criação / autorização: Decreto 10.664 de 20/10/1942; Reconhecimento: Decreto 17.206 de 21/11/1944 - DO - 29/11/1944 - Seção I, p. 201? - Resolução CNE /CES n. 17 de 13/03/2002. O Curso de Bacharelado em Ciências Sociais tem sua atividade profissional normatizada pela Lei n. 6888/80, regulamentada pelo Decreto 89.531, de 05 de abril de 1984. e) Número de vagas pretendidas ou autorizadas - São 120 vagas anuais para o Curso se Ciências Sociais - 60 no primeiro semestre e 60 no segundo semestre. Os alunos podem migrar para a Licenciatura ou para bacharelado

de licenciatura e bacharelado. Atualmente, conta com a formação de mestrado e doutorado em Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas.

4.2 A FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) foi criada pelo Decreto Lei Delegada n. 12, de 30 de dezembro de 1980, e autorizada pelo Decreto Federal n. 94.250, de 22 de abril de 1987. Reestruturada pela Lei n. 7.176, de 10 de setembro de 1997, e credenciada por meio do Decreto Estadual n. 7.344, de 27 de maio de 1998. Ela é uma entidade autárquica, de direito público e Regime Especial de Ensino, Extensão e Pesquisa, de caráter *multicampi*, com sede no município de Vitória da Conquista e extensão de campus nas cidades de Itapetinga e Jequié. Mas já existia enquanto instituição de ensino superior desde a Faculdade de Formação de Professores de Vitória da Conquista, criada em 1971. Depois, com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi se moldando até chegar a autarquia que temos hoje, como Universidade.

Imagem 46: Antiga Escola Padre Palmeira atualmente sede do Museu Pedagógico de Vitória da Conquista



Fonte: Museu Pedagógico de Vitória da Conquista

que compreende as seguintes modalidades: Antropologia; Sociologia e Ciências Sociais. f) Conceito Preliminar de Curso – CPC – e Conceito de Curso – CC –, quando houver – No último conceito do ENADE, em 2011, a nota foi 3 e quanto ao ENADE de 2014 a nota foi 4 ainda não foi divulgada Depois de cinco ainda não se tem a última nota do ENADE?. g) Turnos de funcionamento do curso (matutino, vespertino, noturno e integral) – matutino. h) Carga horária total do curso (em horas e em hora/aula) – 2.718 horas i) Tempo mínimo e máximo para integralização: mínimo de 8 semestres e máximo de 16 semestres.

Depois dos primeiros passos dados como Faculdade de Formação de Professores com os cursos de Estudos Sociais e Letras, a UESB implantou novos cursos de graduação no interior do estado, a partir dos anos de 1980, devido à expansão e criação de cursos superiores em todo o país. Isso possibilitou a ampliação da formação dos estudantes em licenciatura ou em bacharelado.

Como consequência dessa ampliação, foi criado o Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, no Campus de Vitória da Conquista, fortalecendo o número de profissionais qualificados. Isso favoreceu que, em 2010, fosse instituído o curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da UESB, objetivando a formação de profissionais para atuarem na licenciatura em Sociologia, Antropologia e Ciência Política, conforme afirmado no Projeto Político-Pedagógico do Curso:

O curso de graduação em Ciências Sociais, modalidade Licenciatura, tem por objetivo formar profissionais para o ensino, para análise e para a interpretação crítica das condições de existência e possíveis modos de ação e intervenção com base nas diferentes contribuições teóricas e metodológicas no campo das Ciências Sociais — Antropologia, Sociologia e Ciência Política. (PPP- CISO/UESB-2018).

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico, o Curso apresenta critérios para uma formação voltada a questões que envolvem um olhar criterioso sobre a atualidade, com um currículo multidisciplinar, cuja sustentação teórico-prática de valorização do conhecimento sobre a realidade social, cultural, política e econômica compreende a escola e as demais instituições que estão presentes na sociedade.

O Curso de Ciências Sociais uesbiano é fruto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/1996 (LDB), que reformulou a educação brasileira após a abertura política. As Diretrizes Curriculares ali propostas reestabeleceram o ensino de Sociologia nos currículos nacionais, que tinha sido retirada da grade curricular da maioria dos cursos regulares de ensino médio e do ensino superior, no período em que foi estabelecida a Ditadura Militar no país, pós 1964. Somente com a retomada das disciplinas nos cursos de licenciatura e com as diretrizes estabelecidas a partir de 2002, foi possível a articulação e a implantação de novos cursos para atender a uma demanda por qualificação de novos profissionais para o desenvolvimento do ensino e da

pesquisa, na Região Sudoeste baiana. Esse raciocínio está explanado na justificativa para criação do Curso, onde se expõe que

As discussões sobre a criação de um curso de graduação dessa natureza datam do início dos anos de 1990, quando alguns professores com formação na área de Ciências Sociais começaram a pontuar a importância de um curso de graduação de Ciências Sociais para a Região do Sudoeste da Bahia. Naquele momento, embora existisse a vontade, não havia no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas um quadro de professores capazes de dar forma e sustentar a criação do referido curso. A partir dos anos de 2000, com a entrada de novos professores e de uma intensa política de formação e qualificação docente, constituiu-se um quadro favorável à criação do Curso de Graduação em Ciências Sociais pelo DFCH.(PPP/ Ciências Sociais UESB-2013)

O Curso propõe a licenciatura para atender ao mercado de trabalho que exigia professores habilitados para as áreas de Sociologia, Antropologia e Ciências Políticas. Com a formação voltada para a docência tanto no ensino médio quanto no ensino superior, a licenciatura apresentava os componentes curriculares articulados em três eixos: a formação específica, a formação complementar e a formação livre. Essa articulação revela a importância para a consolidação da formação não só de cientistas sociais preparados para atuarem na área da educação, como também para os processos que envolvem o conhecimento social.

Nessa perspectiva, a estrutura curricular é composta por disciplinas de formação teórica geral e por disciplinas específicas, com o intuito de estabelecer uma relação didático-pedagógica entre a pesquisa e o ensino de Ciências Sociais. A estrutura curricular será apresentada a seguir.

Disciplina de Formação Específica

Eixo de Formação Específica: 28 disciplinas obrigatórias - 110 créditos

Introdução à Sociologia	1º
Introdução à Antropologia	1º
Sociologia I	2º
Ciência Política I	2º
Antropologia I	2º

Filosofia da Educação II	2º
Psicologia da Educação I	2º
Sociologia II	3º
Ciência Política II	3º
Antropologia II	3º
História da Educação II	3º
Psicologia da Educação II	3º
Epistemologia das Ciências Sociais	3º
Sociologia III	4º
Ciência Política III	4º
Antropologia III	4º
Relações Étnico-Raciais	4º
Sociologia e Educação	4º
Métodos e Técnicas da Pesquisa em Ciências Sociais	4º
Relações Sociais de Gênero	5º
Cultura Brasileira	5º
Didática	5º
Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais	5º
Política Educacional: Estrutura e Funcionamento da Educação Básica	6º
Prática da Pesquisa em Ciências Sociais	6º
Elaboração de Trabalho Monográfico	7º
Seminário de Trabalho Monográfico	8º
Introdução à Ciência Política	1º
Introdução à Antropologia	1º

Sociologia I	2º
Ciência Política I	2º
Antropologia I	2º
Filosofia da Educação II	2º
Psicologia da Educação I	2º
Sociologia II	3º
Ciência Política II	3º
Antropologia II	3º
História da Educação II	3º
Psicologia da Educação II	3º
Epistemologia das Ciências Sociais	3º
Sociologia III	4º
Ciência Política III	4º
Antropologia III	4º
Relações Étnico-Raciais	4º
Sociologia e Educação	4º
Métodos e Técnicas da Pesquisa em Ciências Sociais	4º
Relações Sociais de Gênero	5º
Cultura Brasileira	5º
Didática	5º
Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais	5º
Política Educacional: Estrutura e Funcionamento da Educação Básica	6º
Prática da Pesquisa em Ciências Sociais	6º
Elaboração de Trabalho Monográfico	7º

Seminário de Trabalho Monográfico	8º
-----------------------------------	----

Fonte: PPP-UESB

Disciplinas de Formação Complementar

Eixo de formação complementar: 14 disciplinas obrigatórias – 54 créditos

Parecer n. 492/2001 CNE/CES UESB Semestre

Introdução à Filosofia	1º
História Social e Política do Brasil	1º
Leitura e Escrita de Textos Acadêmicos	1º
Estatística Aplicada às Ciências Sociais	2º
História do Pensamento Econômico	5º
História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena	6º
Optativa I de Ciências Sociais	6º
Optativa II de Ciências Sociais	6º
Ambiente e Sociedade	7º
Libras	7º
Optativa III de Ciências Sociais	7º
Optativa IV de Ciências Sociais	8º
Optativa V de Ciências Sociais	8º
Optativa VI de Ciências Sociais	8º

Fonte: PPP-UESB

Disciplinas de Formação Livre

Eixo de Formação Livre: 02 disciplinas – 08 créditos

Optativa Livre I	7º
Optativa Livre II	8º
Trabalho de conclusão de curso	8º

Fonte: PPP-UESB

Como é possível observar na distribuição curricular acima, o Curso está todo articulado dentro de uma proposta que atenda à demanda da escola e sua intervenção, a partir da proposta da diversidade. As disciplinas de opção livre podem ser estudadas em outros cursos que não sejam da área humanística, como nos demais cursos ofertados pela instituição. Depois da formação inicial com a articulação das disciplinas obrigatórias, os discentes passam à complementação do Curso com a experiência do Estágio Supervisionado, que serve como capacitação da prática para a formação na licenciatura.

Como requisito para a integração do curso, os discentes passam pelo Estágio Curricular Supervisionado, que é distribuído nas seguintes etapas:

Estágio Supervisionado

Eixo de Estágio Curricular Supervisionado: 04 disciplinas obrigatórias - 12 créditos

Metodologia e Prática do Ensino de Ciências Sociais I	5º
Metodologia e Prática do Ensino de Ciências Sociais II	6º
Estágio Curricular Supervisionado em Ciências Sociais I	7º
Estágio Curricular Supervisionado em Ciências Sociais I	8º

Fonte: PPP-UESB

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico (PPP), o Estágio é priorizado como momento de vivência entre os discentes e o espaço escolar, enquanto processo de ensino-aprendizagem, porque

O Estágio Curricular Supervisionado possibilita ao formando a vivência e o conhecimento da realidade do trabalho docente nas unidades escolares do sistema público de ensino.

Além da oportunidade de aferir e comprovar (em si e no outro) a efetivação das competências e habilidades demandadas pela prática profissional, no que diz respeito à regência, o Estágio Curricular Supervisionado é também uma forma singular de atividade de capacitação em serviço, quando o formando assume o papel do professor. (PPP, 2018, p. 37).

Ao analisar o perfil da estrutura curricular da formação em Ciências Sociais da UESB, percebo, como característica principal, a articulação entre o ensino e a pesquisa. Essa articulação está presente nos grupos de pesquisa que tem como objetivo abordar diferentes temas que envolvem as questões sociais. Tomo, como exemplo, os estudos sobre Educação e Gênero; Memória e processo de formação cultural; e Cultura, ambiente e sociedade.

É possível observar que a organização do Curso está voltada para as discussões que abrangem a formação da educação na atualidade, porque o currículo apresenta toda uma estrutura orientada para temas e referências que se apoiam em autores contemporâneos, proporcionando uma vasta discussão sobre os problemas que compreendem a escola e os temas sociais. Mesmo tendo um importante debate sobre a contemporaneidade, não há, no programa de curso, uma discussão sobre as Ciências Sociais produzidas na Bahia ou sobre a Bahia, já que pensar a formação é também pensar o lugar de onde o conhecimento está sendo produzido.

4.3 A FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB)⁵⁵ foi criada, em 1983, pela Lei Delegada n. 66, de 01 de junho de 1983, autorizada pelo Decreto

⁵⁵ Caracterizada por adotar um sistema *multicampi*, a sua criação se deu a partir da integração de 7 faculdades já existentes e em pleno funcionamento tanto na capital quanto no interior do Estado da Bahia, a saber: Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco, Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Juazeiro, Faculdade de Formação de Professores de Jacobina, Faculdade de Formação de Professores de Santo Antônio de Jesus, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caetité, Centro de Ensino Técnico da Bahia e a Faculdade de Educação. Esta última, autorizada a funcionar pelo mesmo dispositivo legal de criação da UNEB, que determinava ainda que, outras unidades de educação superior já existentes ou a serem constituídas pudessem se integrar à UNEB. Assim, novas faculdades foram criadas por todo interior do Estado e incorporadas à estrutura *multicampi* da UNEB. A saber: Faculdade de Educação de Senhor do Bonfim – Campus VII, em 1986, Centro de Ensino Superior de Paulo Afonso – Campus VIII, Centro de Ensino Superior de Barreiras - Campus IX, e a Faculdade de Educação de Teixeira de Freitas – Campus X, em 1987, Faculdade de Educação de Serrinha – Campus XI, em 1988; Faculdade de Educação de Guanambi – Campus XII e Centro de Ensino Superior de Itaberaba – Campus XIII, em 1991, Centro de Ensino Superior de Conceição do Coité – Campus XIV, em 1992 e o Centro de Ensino Superior de Valença – Campus XV, em 1997. Até o ano de 2000, a UNEB contava com 15 campi e 20 Departamentos[...], sendo que os campi I, II e III - Salvador, Alagoinhas e Juazeiro, respectivamente, eram constituídos por mais de um Departamento, e ainda com quatro Núcleos de Ensino Superior vinculados a um Departamento com estrutura para tal. O NESIR, localizado em Irecê e vinculado ao Departamento de Educação do Campus VIII em Paulo Afonso, o NESLA, localizado em Bom Jesus da Lapa e vinculado ao Departamento de Ciências Humanas do Campus IX em Barreiras, o NESCA,

Presidencial n. 92.937, de 17 de julho de 1986 e credenciada pela Portaria do Ministério de Educação e do Desporto n. 909, de 31 de julho de 1995. Foi reorganizada pela Lei Estadual n. 7.176, de 10 de setembro de 1997, e reconhecida pelo Decreto do Governo do Estado da Bahia n. 13.664, de 08 de fevereiro de 2012.

Assim como as demais instituições já analisadas, a UNEB nasceu a partir da junção de outras instituições de ensino superior existentes no estado, sendo a sua maior característica o sistema de multicampia, conforme descrito no Projeto de Lei de sua criação:

A UNEB é a maior universidade pública do Estado da Bahia, pois além de estar presente em 24 cidades, possui 29 departamentos. Sua dimensão *multicampi* tem como finalidade atender às demandas da educação superior em grande parte do estado. Por isso, a criação de novos cursos, a partir do ano 2000, favoreceu o seu crescimento em todo o território baiano. A partir da sua expansão, surgiu também a demanda por criação de novos cursos na instituição, dentre eles está o de Ciências Sociais, vinculado ao Departamento de Educação, no Campus I, em Salvador, antiga Faculdade de Educação do Estado da Bahia, FAEEBA,.

Ciências Sociais na UNEB foi criado com habilitação em Licenciatura e Bacharelado e atende aos dispositivos da legislação do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior, através da Resolução CNE/CES 17, de 13 de março de 2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia.

A criação do Curso é justificada por uma série de demandas propostas pela educação brasileira, a partir de 1996, com a LDB. Entre as demandas está a obrigatoriedade de profissionais qualificados para atuarem no ensino de

localizado em Camaçari e vinculado ao Departamento de Ciências Humanas do Campus I em Salvador e o NESE, localizado em Eunápolis e vinculado ao Departamento de Educação do Campus X em Teixeira de Freitas. Em agosto de 2000, estes Núcleos passaram a funcionar em regime Departamental, constituindo-se em Campus XVI, XVII, XVIII e XIX respectivamente. Em 2001, foram criados os Campi XX, em Brumado e XXI em Ipiaú. Dentro do seu propósito de interiorização da educação superior, a UNEB criou, no ano de 2002, os Campi XXII, em Euclides da Cunha, XXIII, em Seabra, e XXIV em Xique-Xique.

Sociologia de diferentes instituições, cuja exigência é a formação científico-social. Em seu Projeto Político-Pedagógico, um dos principais objetivos é:

[...] uma formação teórica sólida e diversificada, entendida como suporte para a pesquisa e análise dos fenômenos sociais, a partir de uma postura crítica e reflexiva. Neste sentido, o curso oferecerá pluralidade de abordagens e metodologias para pensar o novo e o complexo que marcam o momento presente. (PPP-CIÊNCIAS SOCIAIS/UNEB -2011)

Dessa maneira, a graduação procura atender o desenvolvimento do ensino e da pesquisa com habilitação em licenciatura e ou bacharelado, visando

[...] formar profissionais capazes de analisar a realidade social e cultural nas dimensões referidas, mas também compreender que as citadas categorias deverão estar sempre atualizadas com os acontecimentos e mudanças em curso no mundo contemporâneo, em seus múltiplos aspectos, o que possibilitará uma atuação competente dos profissionais formados. (PPP - CÊNCIAS SOCIAIS/UNEB -2011)

Nesse sentido, o Curso tem um papel importante para acolher as demandas sociais e produzir conhecimentos para uma reflexão sobre a contemporaneidade. É possível verificar a importância e os impactos proposto por essa formação a partir de sua estrutura curricular, como demonstrado a seguir.

Matriz curricular - Ciências Sociais - UNEB

MATRIZ CURRICULAR CIÊNCIAS SOCIAIS - Bacharelado e Licenciatura

1º semestre

Fundamento de Sociologia	1º	Formação Específica	60
Fundamento de Antropologia	1º	Formação Específica	60
Fundamento de Ciência Política	1º	Formação Específica	60
Fundamento de História	1º	Formação Complementar	60
Fundamento de Filosofia	1º	Formação Complementar	60

Prática de Leitura e Produção de Texto	1º	Formação Complementar	60
Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Prática I	1º	Formação complementar	60

2º Semestre

Sociologia Clássica	2º	Formação Específica	60
Antropologia Clássica	2º	Formação Específica	60
Ciência Política Clássica	2º	Formação Específica	60
Epistemologia das Ciências Sociais	2º	Formação Específica	60
Fundamento de Geografia Humana e Econômica	2º	Formação Complementar	60
Estatística	2º	Formação Complementar	60
3º semestre			
Sociologia Contemporânea	3º	Formação Específica	60
Antropologia Contemporânea	3º	Formação Específica	60
Ciências Política Contemporânea	3º	Formação Específica	60
Metodologia e Técnica de Pesquisa	3º	Formação Específica	60
Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Prática III	3º	Formação Específica	30
Estatística II	3º	Formação Específica	60

4º semestre

Sociologia Brasileira	4º	Formação Complementar	60
Antropologia Brasileira	4º	Formação Específica	60
Ciências Políticas Brasileira	4º	Formação Específica	60

Optativa II	4º	Formação Livre	60
Estatística Aplicada à Pesquisa Quantitativa	4º	Formação Específica	60
Formação Complementar 60 Optativa III	4º	Formação Específica	60
Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Prática IV	4º	Formação Específica	30

5º semestre

Sociologia Baiana	5º	Formação Específica	60
Análise de Dados Quantitativos	5º	Formação Específica	60
Relações Étnico-Raciais	5º	Formação Complementar	60
Técnicas de Elaboração Projetos	5º	Formação Específica	60
História e Cultura afro-brasileira Brasileira	5º	Formação Complementar	60
Sociologia do Conhecimento	5º	Formação Específica	60
Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Prática V	5º	Formação Específica	60

6º semestre

História do Brasil	6º	Formação Complementar	60
Análise de Dados Qualitativos	6º	Formação Específica	60
Estágio Curricular I	6º	Formação Específica	90
Língua Brasileira de Sinais	6º	Formação Complementar	60
Pesquisa e Metodologia com Softwares aplicados as Ciências Sociais	6º	Formação Complementar	60

Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Prática VI	6º	Formação Complementar	15
---	----	-----------------------	----

Fonte: PPP-UNEB

7º semestre

Cultura Brasileira 7º	7º	Formação Complementar	60
Pesquisa Orientada CISO I (TCC I)	7º	Formação Específica	60
Optativa 7º Formação Livre 60	7º	Formação Livre	60
Estágio Curricular II	7º	Formação Específica	90
Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Prática VII	7º	Formação Específica	15
8º semestre			
Pesquisa Orientada CISO II (TCC II)	8º	Formação Específica	60
Estágio Curricular III	8º	Formação Específica	120

Fonte: PPP-UNEB

De acordo com a estrutura curricular, os eixos de conhecimento são articulados para atender à formação completa do aluno para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino. Isso deve ocorrer de forma que a diversidade cultural seja percebida a partir da relação teórico-prática na construção de uma formação para atender às demandas sociais, levando em consideração um processo de reflexão crítica sobre as questões que compreendem a contemporaneidade.

Matriz Curricular – Ciências Sociais – Bacharelado

Fundamento de Sociologia	1º	Formação Específica	60
Fundamento de Antropologia	1º	Formação Específica	60
Fundamento de Ciência Política	1º	Formação Específica	60

Prática de Leitura e Produção de Texto	1º	Formação Complementar	60
Fundamento de Filosofia	1º	Formação Complementar	60
Fundamento de História	1º	Formação Complementar	60
Carga horária do semestre		360h	
Sociologia Clássica	2º	Formação Específica	60
Antropologia Clássica	2º	Formação Específica	60
Ciência Política Clássica	2º	Formação Específica	60
Epistemologia das Ciências Sociais	2º	Formação Específica	60
Fundamento de Geografia Humana e Econômica	2º	Form. Complementar	60
Estatística I	2º	Form. Complementar	60
Carga horária do semestre		360h	
Sociologia Contemporânea	3º	Formação Específica	60
Antropologia Contemporânea	3º	Formação Específica	60
Ciências Política Contemporânea	3º	Formação Específica	60
Metodologia e Técnicas de Pesquisa	3º	Formação Específica	60
Fundamento de Economia	3º	Form. Complementar	60
Estatística II	3º	Form. Complementar	60
Carga horária do semestre		360	
Componente Curricular	Semestre	Campo de Formação	Carga Horária
Sociologia no Brasil	4º	Formação Específica	60
Antropologia no Brasil	4º	Formação Específica	60
Ciência Política no Brasil	4º	Formação Específica	60
Optativa	4º	Formação Livre	60
História do Brasil	4º	Form. Complementar	60
Análise de Dados Quantitativos	4º	Formação Específica	60
Psicologia Social	4º	Form. Complementar	60

Carga horária do semestre		420	
Ciências Sociais na Bahia	5º	Formação Específica	60
Pesq. e Prat. Contemp. de Sociologia	5º	Formação Específica	60
Optativa	5º	Formação Livre	60
História e Cultura Afro Brasileira	5º	Form. Complementar	60
Sociologia do Conhecimento	5º	Form. Específica	60
Análise de Dados Qualitativos	5º	Form. Específica	60
Pesquisa e Metodologia com Softwares aplicados as C. Sociais	5º	Form. Específica	60
Carga horária do semestre		420	
Etnologia e História dos Povos Indígenas	6º	Formação Específica	60
Estágio Curricular I	6º	Formação Específica	90
Técnicas de Elaboração Projetos	6º	Formação Específica	60
Pesquisas e Práticas contemporâneas de Antropologia	6º	Formação Específica	60
Optativa	6º	Formação Livre	60
Cultura Brasileira	6º	Formação Complementar	60
Carga horária do semestre		390	
Componente Curricular	Semestre	Campo de Formação	Carga Horária
Pesquisa Orientada CISO I (TCC I)	7º	Formação Específica	60
Optativa	7º	Formação Livre	60
Optativa	7º	Formação Livre	60
Estágio Curricular II	7º	Formação Específica	90
Pesquisas e Práticas contemporâneas de Ciência Política	7º	Formação Específica	60
Carga horária do semestre		330	
Pesquisa Orientada CISO II (TCC II)	8º	Formação Específica	60
Estágio Curricular III	8º	Formação Específica	120
Carga horária do semestre		180	

Fonte: PPP-UNEB

A estrutura curricular abrange os eixos de formação específica, de formação complementar e de formação livre. Os eixos estão presentes na licenciatura e no bacharelado, privilegiando cada habilitação de forma específica, uma vez que alguns conteúdos são voltados para a licenciatura e outros, próprios do bacharelado. Conforme a estrutura curricular, a integração entre as áreas da Antropologia, Ciências Políticas e a Sociologia são conectadas no currículo de forma que o campo de conhecimento possibilite a reflexão a questões presentes na contemporaneidade.

O que nos chama atenção na proposta de formação da UNEB é o reconhecimento, através de seus componentes curriculares, da possibilidade de construção de um conhecimento a partir da Sociologia baiana. A proposta apresentada no fluxograma como componente curricular tem total embasamento para reflexões sobre as Ciências Sociais na Bahia, aspecto este que não está disponível nas propostas dos demais cursos analisados.

Dessa forma, é possível observar que cada um dos cursos apresentados tem em comum uma mesma matriz que são as Ciências Sociais, porém cada programa tem características próprias que estruturam concepções de conhecimento orientadas por uma corrente de pensamento bem definido. O curso da UFBA tem uma forte influência dos primeiros estudos realizados no estado, que tiveram a contribuição das correntes de pensamento norte-americana. A formação na UESB está fundamentada na Ciências Sociais clássicas, originalmente estruturada no pensamento clássico da formação. Já a formação proposta na UNEB apresenta uma forte tendência dos estudos pós-coloniais.⁵⁶

⁵⁶ Estudos pós-coloniais, ou o Pós-colonialismo, é uma perspectiva conceitual que busca analisar como determinados lugares e pessoas são construídos como subalternos em relação aos que são tidos como superiores e desenvolvidos. A abordagem mostra que essa construção envolve relações históricas de poder entre o "Primeiro" e o "Terceiro Mundo", hoje conhecidos por Norte e Sul Global. No início, a perspectiva ateu-se a analisar as consequências do colonialismo europeu. Posteriormente, a abordagem passou a considerar a hegemonia estadunidense e a exclusão das minorias como processos ligados a um tipo de colonialismo contemporâneo.

Considerações Finais

Movida pela inquietação de compreender a história das Ciências Sociais na Bahia, busquei investigar quais características evidenciam este fenômeno em solo baiano. O ponto de partida foi o questionamento como se deu a formação das Ciências Sociais e os caminhos trilhados para a construção desta área de conhecimento no estado. Neste caminho, encontrei uma vasta produção de documentos espalhados em distintas fontes. Isto me levou para diferentes lugares, guiada por pistas registradas em documentos originais, arquivos, registros fotográficos e o diálogo com diferentes sujeitos na teoria e na prática.

Dentre esses diálogos, SÁ-SILVA, ALMEIDA e GUINDANI (2009) contribuíram para a definição e análise dos documentos, que foram definidos com os seguintes critérios: declarações escritas, prova de acontecimentos, fatos, elementos que possibilitaram compreender melhor o objeto, por exemplo, os livros de matrícula da Escola de Sociologia e Política de Vitória da Conquista, os fluxogramas dos cursos de Ciências Sociais da UFBA, UESB e UNEB. Foi também considerado tudo o que é vestígio, que serviu de testemunho, que me permitiu identificar acontecimentos gerados por diferentes pessoas e instituições. Os documentos pesquisados foram gerados em distintas épocas e lugares, justamente por trazerem a ação de sujeitos vivendo em diferentes períodos históricos, mas com algo em comum: a produção de conhecimento que envolve as Ciências Sociais baiana.

De posse desses documentos e da organização dos arquivos de forma cronológica, cheguei à conclusão exposta a seguir.

Os primeiros indícios da produção dos documentos são os registros de estudos realizados pelos alunos e professores do curso de Medicina da Bahia. A Escola de Cirurgia da Bahia apresentava, desde a sua fundação em 1808, pesquisas com referências ao campo social, cujos apontamentos começaram a aparecer em algumas teses, desde o início da formação das primeiras turmas do curso. Nos arquivos da instituição, que anos depois recebeu o nome de Faculdade de Medicina da Bahia, encontrei registros de pesquisa social que

foram datados, com maior frequência, a partir de 1844, quando um grupo de médicos, com base em fundamentos sócio-antropológicos, começou a defender teses, cuja fundamentação eram os problemas de epidemias e mazelas que atingiam parte da sociedade baiana.

Esses alunos e professores foram influenciados pelas teorias de Augusto Comte produzidas na Europa, a partir de meados do século XIX, e começaram a produzir trabalhos sob a tutela da análise positivista. A análise sobre os eventos sociais, que atingiam a população, era diversa, porque os moradores conviviam com muitos problemas epidemiológicos e as explicações para essas adversidades vinham das questões sociais.

Os profissionais médicos procuravam explicar os problemas de saúde da população a partir do contexto social e, por isso, a importância de se destacar a formação de médicos influenciados pela teoria positivista para entenderem os problemas da época.

As pesquisas originaram uma série de arquivos que se encontram atualmente guardados nos arquivos da Faculdade Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, do Museu Arqueológico da Bahia e da Academia Baiana de Medicina. O desenvolvimento das teses promoveu abordagens sobre questões raciais, as quais evidenciaram a existência de um pensamento voltado para o determinismo social, cuja gênese seria um fator para a degeneração da raça. MAIO (1999, p.10) afirma que “[...] os temas [...] demonstram que reflexões sobre índios, negros, imigrantes, política imigratória, colonização e saúde pública foram matérias obrigatórias para as diversas definições sobre identidade nacional, consequentemente baseados em estudos sociais.” Das formulações sobre esses temas surgiram pesquisas sobre saúde e comportamento da sociedade baiana.

Compreendo, assim como Maio (1999), que as pesquisas estavam associadas a um mesmo pensamento, ou seja, na interpretação do Brasil como um país com sérias divergências sociais. Um dos pesquisadores que corrobora com essa interpretação é o médico Nina Rodrigues, para quem o negro era definido como um ser inferior, devido a um comportamento social, vinculado a criminalidade. Este tipo de análise estava diretamente ligada as teorias do

determinismo social, que consistia na descrição do comportamento social, a partir do conceito de formação racial e origem étnica.

Vale destacar, ainda, a importância dos estudos realizados na Faculdade de Medicina porque promoveram outras interpretações das questões sociais, que foram fundamentais para a construção de uma identidade da sociedade baiana. Tanto as pesquisas realizadas como as interpretações advindas delas possibilitaram ganhos indiscutíveis para os estudos sociais baianos, como: a formação de grupos de pesquisa no estado; a vinda de pesquisadores estrangeiros para estudar a sociedade baiana; a criação do Programa de Pesquisas Sociais e do Departamento de Estudos Sociais do Estado da Bahia. Além disso, a criação de cursos de Ciências Sociais na capital e no interior do estado.

Portanto, o primeiro aspecto a ser considerado é que o desenvolvimento de pesquisas, com caráter social, começou bem antes do surgimento dos cursos de Ciências Sociais na Bahia. É evidente que a ida de jovens brasileiros para estudar na Europa e o retorno deles para o país, no final do século XIX e início do século XX, interferiu diretamente na realização de estudos sobre a dinâmica da sociedade. Por essa razão, a teoria positivista serviu como aporte teórico de explicação dos fenômenos sociais no mesmo período, denominado como Positivismo.

O Positivismo até então presente, baseado na história da humanidade idealizada pelos padrões europeu, não respondeu aos questionamentos provocados por essa corrente de pensamento. Diante disso, foi necessária uma adequação do método para caracterizar a abordagem desenhada pelos padrões brasileiros, cuja exigência levou a possibilidade de observar os fenômenos sociais de maneira mais flexível, sem perder a objetividade de suas funções, considerando a diversidade cultural, racial, econômica e histórica como caminho para o conhecimento científico, definido como Positivismo à luz dos trópicos.

A forte influência do Positivismo para as Ciências Sociais baianas está diretamente expressa nos escritos de pesquisadores até as três primeiras décadas do século XX, quando essa teoria tinha força para justificar os fatos sociais.

Assim, a Faculdade de Medicina da Bahia contribuiu para os estudos realizados na Faculdade de Direito da Bahia, onde o campo jurídico buscou fundamentos para analisar e julgar os fenômenos sociais baseados nas teorias positivistas, representada pelo reconhecimento de que os fatos estariam ligados diretamente por vetores biossociais. Os engenheiros, jornalistas e literatos, que exerciam a função de interpretar a sociedade, utilizaram-se, também, dos mesmos fundamentos teóricos para descrevê-la.

Essa realidade só começou a mudar a partir de 1930, com a passagem de Robert Park, e depois de Gilberto Freyre, pelo estado, porque essas visitas favoreceram a vinda de pesquisadores estrangeiros, em especial os norte-americanos, para estudarem as relações étnico-raciais no Brasil, em especial na Bahia. Aqui era considerado um verdadeiro oásis para o desenvolvimento de pesquisas sobre as relações raciais.

As relações de convivência entre negro, brancos e índios eram consideradas democráticas, por isso, algumas instituições, como a Universidade de Colúmbia, subsidiaram recursos para que seus alunos de doutorado viessem ao Brasil estudar. As relações raciais eram vistas como o epicentro das discussões sociais até a década de 1960, dentro e fora do Brasil, fator extremamente favorável para o desenvolvimento de programas de pesquisa, como o Projeto Colúmbia e o Projeto UNESCO, sediados na Bahia.

Como afirma PEIXOTO (2001, p.527):

O estado baiano e sua capital constituem o lugar da pesquisa por excelência, enquanto Rio e São Paulo representam muito mais uma porta de acesso ao país, uma possibilidade de suporte institucional (ainda que também tenham sido palco de diversas investigações). A Bahia aparece em várias falas como “o laboratório natural para estudo da sociedade humana”, um verdadeiro paraíso para os africanistas, lugar onde uma série de professores norte-americanos começaram suas carreiras.

Os pesquisadores a quem Peixoto (2001) faz referência são Donald Pierson, Charles Waghey, Ruth Landes, Marvin Harris e Bem Zimmerman (este último não foi estudado nessa tese). Todos se destacaram com investigações realizadas na Bahia com base no funcionalismo, utilizando-se da etnografia como técnica de pesquisa e os temas mais abordados foram as relações étnico-

raciais e a cultura afro-brasileira. Os resultados desses trabalhos são denominados de Estudos de Comunidade.

Os trabalhos desses pesquisadores tiveram grande importância para a construção das Ciências Sociais baianas, justamente por trazer um novo olhar sobre a sociedade, distanciado do Positivismo europeu. Esse novo olhar apresentava novas possibilidades de produção de conhecimento com referências teóricas baseadas nos Estudos de Comunidade, inovadoras para a época.

A presença dos investigadores norte-americanos gerou a participação de pesquisadores baianos, como o médico e etnógrafo Thales de Azevedo. Depois de assumir a Coordenação do Projeto UNESCO, na Bahia, ele promoveu um dos grandes temas das pesquisas sociológicas do estado — as relações de contato racial— e configurou a divisão do estado em cinco regiões de estudo: Recôncavo, Sertão, Floresta, Planalto Central do São Francisco e a Chapada Diamantina. As investigações tiveram grandes desdobramentos para os estudos de comparação, os quais retratavam a dinâmica de desenvolvimento de cada região baiana.

Além dos estudos realizados pelos pesquisadores estrangeiros, os trabalhos do literato Euclides da Cunha, do engenheiro Teodoro Sampaio, do artífice Manoel Quirino são destaques para a análise das relações sociais. Ao mesmo tempo que deslanchou o trabalho de pesquisa na Bahia, surgiam figuras importantes para o desenvolvimento da educação no estado, como Isaías Alves, primeiro diretor fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; Anísio Teixeira, professor e Secretário de Saúde e Educação da Bahia. Outras figuras de destaque são os pesquisadores Luiz Aguiar da Costa Pinto, sociólogo; Guerreiro Ramos, sociólogo e jurista; além de Vivaldo Cosa Lima, odontólogo e antropólogo. Todos professores da Faculdade de Filosofia e importantes representantes da formação das Ciências Sociais no estado.

Considero os fatos e a presença desses estudiosos como o primeiro período de desenvolvimento das Ciências Sociais na Bahia, porque a participação deles foi fator *sine qua non* para o crescimento das pesquisas e, posteriormente, do processo de institucionalização desse campo de saberes.

Ao mesmo tempo em que as pesquisas se tornaram elemento central para a interpretação da sociedade, a criação do curso de Ciências Sociais na Universidade da Bahia impulsionou a constituição dos centros de estudos, como o Departamento de Estudos Sociais do Estado da Bahia. Essa agência do governo do estado teve um papel importante na formação de profissionais da área, porque era o espaço de aplicação dos conhecimentos produzidos na Universidade. O Departamento foi referência para a mediação entre os estudos acadêmicos e as demandas administradas pelo governo promovendo, inclusive, uma aproximação dos estudos sociais com a comunidade baiana.

Essa aproximação favoreceu a presença de pesquisadoras e professoras para realização de trabalhos na área, primeiro com a presença da norte-americana Ruth Landes, que estudou a matriarcalidade nos Candomblés da Bahia; depois com a paulista Maria Isaura de Queiroz, que pesquisou a romaria de Santa Brígida, e deixou marcas nos tipos de pesquisas realizadas no estado. Além de Edith Gama Mendes, primeira professora de Didática Geral do curso de Ciências Sociais da Universidade da Bahia, cujo trabalho sobre feminismo repercutiu nos estudos de outras professoras, como Zahidé Machado Neto, que também desenvolveu estudos sobre o feminismo e o papel das mulheres na sociedade baiana.

É pertinente ressaltar, ainda, a importância de Maria David de Azevedo Brandão e de Josildeth Consorte que continuam produzindo pesquisas sobre temas que envolvem a pluralidade cultural baiana. Essas pesquisas resultam em produção de artigos, de livros e de orientação de trabalhos acadêmicos, que fazem parte da agenda das pesquisadoras.

Ao apresentar a trajetória das professoras e pesquisadoras de forma destacada, busquei contribuir para a desconstrução do estereótipo da produção acadêmica das Ciências Sociais centrada nos homens — brancos, heterossexuais, ocidentais, de classe média. A pauta de estudos sobre as pesquisadoras trouxe como objetivo provocar novos olhares sobre o tema e, ao mesmo tempo, promover o que Dussel sugere com a filosofia da libertação: acabar com o encobrimento do outro.

Dar visibilidade a essas mulheres significa mostrar que a formação das Ciências Sociais baiana também tem o trabalho e o olhar femininos. E que ainda hoje existe uma discrepância frente à divulgação dos trabalhos realizados por pesquisadoras com relação ao trabalho acadêmico feito por homens. A condição de existência do trabalho de um não deve anular o trabalho do outro, mas, infelizmente, até a documentação sobre essas mulheres foi mais difícil de encontrar, uma vez que os registros sobre suas atuações são restritos e pouco conhecidos.

A falta de visibilidade do trabalho das pesquisadoras está presente, por exemplo, nos currículos dos cursos de Ciências Sociais do estado porque, ao analisar as ementas e referências bibliográficas dos Projetos Pedagógicos dos cursos da UFBA, UESB e UNEB, não encontrei indicações aos trabalhos produzidos por elas, ao contrário do que acontece com os estudos realizados pelos homens. Faço esse destaque, mesmo observando que cada curso tem características epistemológicas próprias e apresenta formatação específica.

O curso de Ciências Sociais da UFBA reflete, ainda hoje, a herança da vinda dos pesquisadores estrangeiros, que contribuíram para a formação tanto do bacharelado como da licenciatura. Isto porque, no seu fluxograma, há disciplinas que são espelhadas nos trabalhos realizados na Faculdade de Medicina, como exemplo, os componentes Antropologia Médica e Interpretação da Sociedade Brasileira. A influência dos estudos norte-americanos para o curso da UFBA marca o processo histórico da formação deste campo desde o início das primeiras turmas até o presente momento.

O Curso da UESB apresenta uma característica de formação voltada para a licenciatura e, por isso, os componentes da Sociologia, da Antropologia e das Ciências Políticas são fundamentados nos conteúdos clássicos das Ciências Sociais. A base é a construção de conhecimento sustentada nas teorias orientadas pelas escolas de pensamento europeu.

A formação em Ciências Sociais da UNEB, o mais recente entre os três analisados, tem como objetivo a formação de bacharéis e licenciados. O curso apresenta uma forte tendência para a compreensão da sociedade a partir dos estudos pós-coloniais, tendo em vista que os componentes curriculares,

dispostos no fluxograma, comungam, justamente, com os estudos de temas contemporâneos e as referências bibliográficas trazem o pensamento pós-colonialista. É ofertado até o componente denominado Sociologia Baiana, evidenciando o reconhecimento de que a produção de conhecimento científico social está em todos os lugares, inclusive na Bahia. Vale ressaltar que é o único Projeto Político-Pedagógico que tem um componente curricular voltado para a análise da produção das Ciências Sociais da Bahia.

Esse deslocamento do olhar sobre a produção desses sujeitos e instituições também trouxe reflexões provocadas pelo pensamento de Thompson que afirma que “a história é o mundo real” e, por isso mesmo, precisamos considerar as diferenças como caminhos de interlocução. O reconhecimento da importância do trabalho desses homens, mulheres e instituições veio, justamente, como fator de compreensão do objeto dessa tese: a possibilidade de enxergar a formação por diferentes contextos.

Para concluir, afirmo que a interlocução entre os pesquisadores-professores, com suas histórias de vida e de trabalho, assemelha-se com a produção histórica das Ciências Sociais na Bahia: é um processo contínuo de construção de novos olhares e de produção de novos conhecimentos.

Deixo aqui, o meu olhar sobre as Ciências Sociais produzidas na Bahia, com a certeza que há muito o que investigar, pois, assim como este campo de conhecimento não se encerra, não se acaba, é um campo em movimento... em formação.

REFERÊNCIAS

ANDREOTTI, Azilde L. **O PROJETO DE ASCENSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA NA DÉCADA DE 1930**. Revista HISTEDBR 1896-2006 Navegando na História da Educação brasileira. UNICAMP. São Paulo. 2000.

ALVES, Marieta. **Intelectuais e escritores baianos**. Salvador: Fundação Museu da Cidade, 1977.

ALMEIDA, Maria Herminia T. Dilemas da Institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro. IN **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol. I. São Paulo. Editora Sumaré. 2001.

AZEVEDO, Thales de. **As Ciências Sociais na Bahia**, ED. Instituto de Ciências Sociais Universidade Federal da Bahia. 1964.

AZEVEDO, Fernando de (Org.) **As Ciências no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1994.

BOAS, Franz. **As limitações do método comparativo da antropologia**. In: **Antropologia cultural**. Trad. Celso Castro – 5. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

_____. **Os objetivos da pesquisa antropológica**. In: **Antropologia cultural**. Trad. Celso Castro – 5. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

BOAVENTURA, E.M. **A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. O Estado e a educação superior na Bahia, uma perspectiva histórica. pp. 109-127. ISBN 978-85-2320-893-6.

BASTOS, Elide Rugai. **Ciências sociais e trabalho Intelectual**. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14(2): 209-212, outubro de 2002.

BRITO, Ana C.F. **TEMPOS, HISTÓRIAS E CIÊNCIAS: EXPECTATIVAS E PROPOSTAS DE LETRADOS DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO PARA A BAHIA (1894 -1923)** - Mestrado em História da UEFS,2008.

BRANDAO, Maria Azevedo R (org). **Thales de Azevedo**. Coleção Memórias do Saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes. 2013.

BOTELHO, A. e SCHWARCZ, L.M (org.). **Um Enigma Chamado Brasil**- São Paulo. Companhia das Letras,2009.

----- e CARVALHO, LUCAS CORREIA. **A sociedade em movimento: dimensões da mudança na sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz**. *Soc. estado*. [online]. 2011, vol.26, n.2, pp.209-238. ISSN 0102-6992. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922011000200011>.

CAFÈ, Anderson. **A elite acadêmica da sociologia no Brasil e sua produção científica**. Londrina, v. 16 n. 3, p. 19 – 39, jan./ jun. 2011 <http://www.uel.br/revistas/informacao/19>.DOI:10.5433/1981-8920.2011v16n3p19.

CANDIDO, Antônio. **A Sociologia no Brasil**. In: ENCICLOPEDIA Delta Larousse. Rio de Janeiro: Delta, [195]. p. 2216-2232.

CARDANO, Mario. **Manual de pesquisa Qualitativa: a contribuição da teoria argumentativa**. Petrópolis, RJ: Vozes,2017.

CHAIA, Vera e MACHADO, Eliel. **Ciências Sociais na atualidade: tempo e perspectiva**. São Paulo: Paulus,2009.

CHACON, Vamireh. **Formação em Ciências Sociais no Brasil** (Da Escola de Recife ao Código Civil/ 2ª ed. – Brasília: Paralelo 15: LGE Editora; São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2008.

CUNHA, Maria Couto. **A dinâmica e os fatores condicionantes da criação de cursos da educação superior no Estado da Bahia**. 2003. 202f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

CORDEIRO, Marina. **O tempo desigualmente distribuído: gênero e carreira acadêmica entre cientistas sociais**. Paper apresentado na ABET, 2015.

DELORY-MOMBERGER, Cristine. **As histórias de vida: Da invenção de si ao projeto de formação**- Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

DUSSEL, Enrique. **1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferencias de Frankfurt**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

-----**Transmodernidade e interculturalidade**: interpretação a partir da Filosofia da Libertação. Revista Sociedade e Estado – Volume 31. Número 1 Janeiro/Abril 2016.

FÀVERO, Maria de Lurdes A. **A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968**. Educar, Curitiba. Editora UFPR. n. 28, p. 17-36, 2006.

FOUREZ, Gérard. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética da ciência**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995,

GARCIA, Sylvia Gemignani. **A questão da universidade e da formação em ciências sociais**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S.Paulo, 12(1): 123-140, maio de 2000.

GERNICA, A.V.M. **Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia**. Revista Interface. Comunicação, Saúde, Educação. UNESP. Botucatu. 1997.

GATTI JUNIOR, Décio e GATTI, Giseli Cristina V. **A HISTÓRIA DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES EM REVISTA: FUNDAMENTOS CONCEITUAIS, HISTORIOGRAFIA E ASPECTOS DA INVESTIGAÇÃO RECENTE**. Educativa, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 327-359, jul./dez. 2015.

-----**CARVALHO, Carlos Henrique de. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: PESQUISA, ORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL E ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**. Cadernos de História da Educação – v. 10, n. 2 – jul./dez. 2011.

GUEDES, Moema de Castro. **A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como**

espaço masculino. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.

Ghiorzi, Alessandra. **Edith Mendes e o feminismo na Bahia no início do século XX.** Rev. Estud. Fem. vol.24 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2016.

GODINHO, Luis Flavio R. e SANTOS, Josué S. **Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade.** – Amargosa, Bahia: Ed. CIAN, 2007

JOAS, Hans e Knobl, Wolfgang. **Teoria Social: vinte lições introdutórias.** Petropolis,RJ:Vozes, 2017.

LANDES, Ruth. 2002. **A Cidade das Mulheres.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 352 pp

Lacerda, Gustavo B. **AUGUSTO COMTE E O “POSITIVISMO” REDESCOBERTOS** Rev. Sociol. Política. Curitiba, v. 17, n. 34, p. 319-343, out. 2009 .

LE GOFF, Jacques. **História e memória.**5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp,2003.

LIEDKE FILHO, Enno. **Sociologia Brasileira: tendências institucionais e epistemológicos-teóricas contemporâneas.** Sociologia, Porto Alegre, na 05, nº9, Jan./Junho.2003.

LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** – 2. ed. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

LIMA JR, Arnaud S. de. **Educação e Contemporaneidade** IN LIMA JR, Arnaud S. de; ANDRADE, Dídima Ma. M. (Orgs). **Educação e Contemporaneidade: contextos e singularidades**, vol.2. Curitiba, CRV: 2015, cap. 1.

LOPES, E. M. e GALVÃO, A. M. de O. **História da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUPPI, Lúcia O. **As Ciências Sociais: Ontem e hoje.** C.I & Trop. Recife. Vol,26 n2. 295-302/ jul/dez.1998.

MACEDO, Francisco Barbosa. **O (re)fazer da Historiografia: a obras de E.P. Thompson na Produção discente do Programa d Pós-graduação em História da Unicamp (1982-2002).**Tese de Doutorado-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo,2017.

MAIO, Marcos C. e VILLAS BÔAS, Glaucia. **Ideias de modernidade no Brasil: ensaio sobre Luiz Aguiar Costa Pinto.-** Porto Alegre: ED. Universidade/UFRGS,1999.

----- SANTOS, Ricardo Ventura. **Raça, Ciência e Sociedade.** Rio de Janeiro. Editora FIOCRUZ, CCBB, 1996.

MARTINS, José de Sousa. **Uma sociologia do Cotidiano.** - São Paulo: Editora Contexto,2014.

MARTINS, Suely Aparecida. **As contribuições teóricas- metodológicas de E.P. Thompson: experiência e cultura.** Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol 2 nº 2(4), agosto-dezembro/2006.

MICELI, Sergio. **História das Ciências Sociais no Brasil.** Vol. I. São Paulo. Editora Sumaré. 2001

----- **História das Ciências Sociais no Brasil.** Vol. II. São Paulo. Editora Sumaré. 2001.

-----**O que ler na ciência social brasileira 1970-2002.**Vol IV. São Paulo: ANPOS: Editora Sumaré; Brasília, DF: CAPES: 2002.

MENDES, Luciana C. **Faculdade de Formação de Professores em Vitória da Conquista (FFPVC): memória e história de uma instituição de ensino superior.** Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). - Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitoria da Conquista, 2013.

MINAYO, Maria Cecilia. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** -14 ed.- São Paulo: Hucitec. 2014.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz, PAIVA, Marlúcia. e AQUINO, Maria Sacramento. **História e Memória da Educação na Bahia fortalecendo redes de pesquisa.** Salvador 2012.

-----, MATTOS, Wilson Roberto e SANTOS, Ednei O.P. **Uma pesquisa sobre a vida social no Estado da Bahia.** 2.ed. Bilingue- Salvador: EDUFBA, 2016.

-----, SANTANA, Elizabete C. e AQUINO, MARIA S. **Educação, região e território.** Salvador: EDUFBA, 2013.

NASCIMENTO, M. I. M. et al (orgs.) **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica.** Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG. 2007.

NUNES, Célia Maria Fernandes. **SABERES DOCENTES E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM BREVE PANORAMA DA PESQUISA BRASILEIRA.** Revista Educação e Sociedade, ano XXII, nº 74, abril/2001.

PEREIRA, Claudio. e SANSONE, Lívio. **Projeto Unesco no Brasil: textos críticos.** Salvador. EDUFBA, 2007.

PEREIRA, Maiana D.A e FERNANDES, Filipe B.M. **Zahidé Machado Neto: Uma reescrita da sua história nas Ciências Sociais e no feminismo.** Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

PIMENTEL, Alessandra. **O MÉTODO DA ANÁLISE DOCUMENTAL: SEU USO NUMA PESQUISA HISTORIOGRÁFICA.** Cadernos de Pesquisa, n. 114, 179-195. Novembro /2001.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. Franceses e Norte Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras 1930-1960. IN. MICELE. S. **História das Ciências Sociais no Brasil.** Vol. I. São Paulo. Editora Sumaré. 2001

PIERSON, Donald. **Branços e Pretos na Bahia: um estudo de contato racial.** 2ª ed. São Paulo, Editora Nacional, 1971.

-----**Teoria e Pesquisa em Sociologia**. Melhoramento.4^a ed. São Paulo.1975.

Projeto Político Pedagógico do Curso de Ciências Sociais UESB. 2018.

Projeto Político Pedagógico do Curso de Ciências Sociais UFBA, 2009.

Projeto Político Pedagógico do Curso de Ciências Sociais UNEB, 2018.

RABELO, Rafael S. **Isaias Alves e as aproximações entre a psicologia educacional e a educação matemática**. Educ. Pesquisa, São Paulo, v. 44, e164387, 2018.

RICEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas. SP: Editora UNICAMP, 2007.

ROCHA, Ana Cristina. M. **Isaías Alves através de seu arquivo pessoal: possibilidades de leitura Editorial**: Edição nº 3, ano II [1] PPHPBC/FGV Rio de Janeiro/RJ.

SÀ-SILVA, Jackson Ronei, ALMEIDA, Cristóvão Domingos e GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano 1-Número 1- Junho de 2009.

SANTOS, Luiz A. de Castro. **O pensamento social no Brasil: pequenos estudos**. Campinas: Edicamp,2003.

SILVA, Alberto. **Raízes históricas da Universidade da Bahia**. Salvador: Universidade da Bahia, 1956.

SOUZA, Sueli R. Mota. **Don Milani e Paulo Freire: experiência de educação**. Encontro Sustentabilidade da diversidade- Insurgência Educacional na atualidade/ Don Milani, Danilo Dolci, Paulo Freire.- Salvador, 2018.

----- **Fenomenologia e educação**. Salvador: EDUNEB,2012.

SERAFIM, Vanda Fortuna. **Revisitando Nina Rodrigues: um estudo sobre as religiões afro-brasileiras e o conhecimento científico no século XIX**. Maringá: Eduem, 2013.162 p.

STEIL, Carlos A. e HERRERA, Sonia R. **Catolicismo e ciências sociais no Brasil: mudanças de foco e perspectiva num objeto de estudo**. Sociologia. Porto Alegre, ano 12, n °23. Jan/abr.2010, p.354-393.

TAVARES, Luis Henrique Dias. **FONTES PARA O ESTUDO DA EDUCAÇÃO NA BAHIA.2ªedição- Salvador- Bahia. Universidade do Estado da Bahia: UNEB. 2001/2002.**

THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria ou um plenário de erros**. Rio de Janeiro. Zahar, 1981

-----, **A formação da classe operaria inglesa: a árvore da liberdade**. 3 d. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

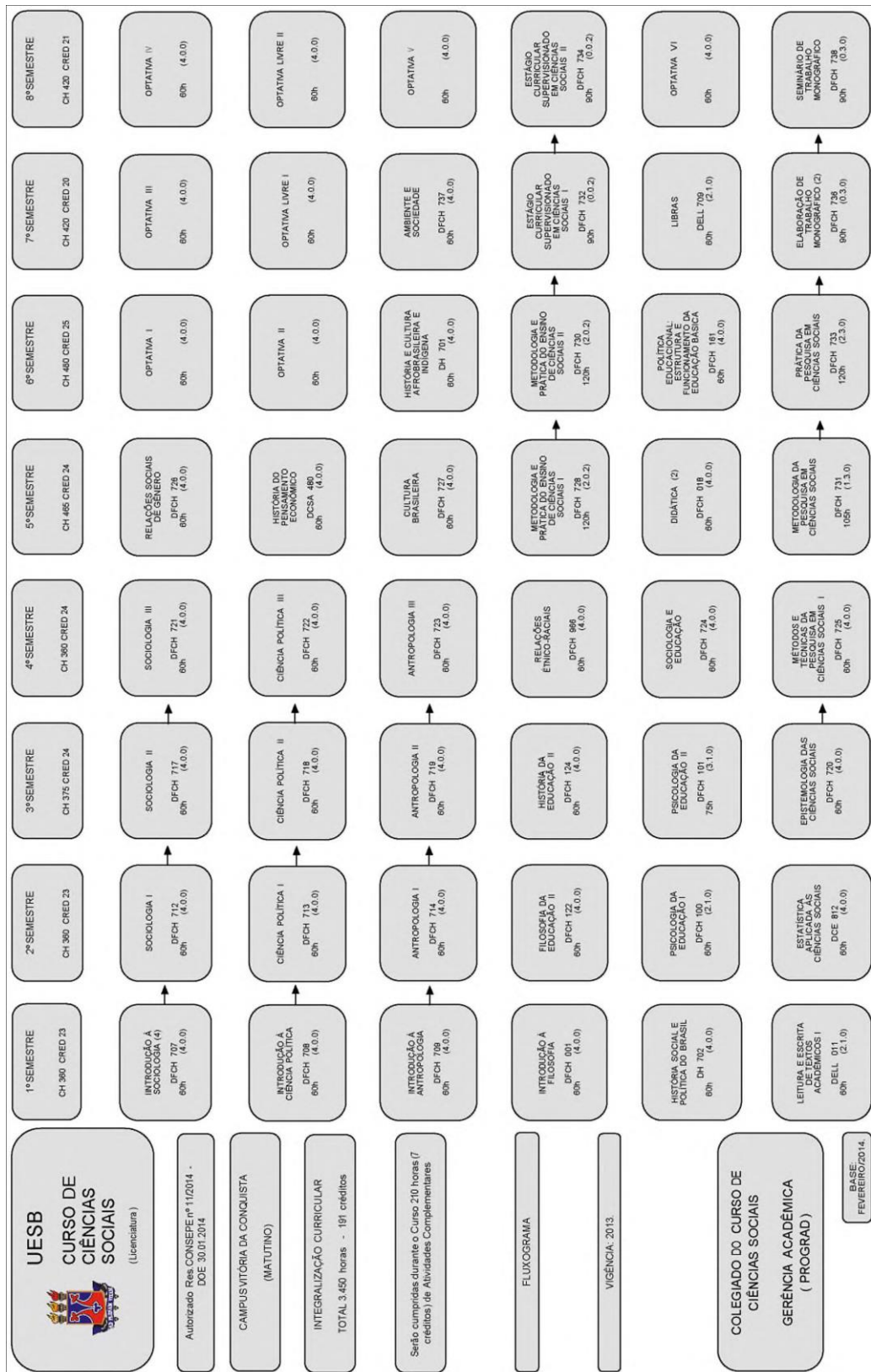
VIEIRA, Cláudia Andrade. **História das Mulheres: feminismo e política na Bahia**. Simões Filho: Editora Kalango, 2015.155p.

VILLAS BÔAS, Glaucia. **A vocação das Ciências Sociais no Brasil: um estudo da sua produção em livros do acervo da Biblioteca Nacional, 1945-1966**. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.

-----, **AMIZADE E MEMÓRIA: MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ E ROGER BASTIDE**. Lua Nova, São Paulo, 91: 53-75, 2014.

Anexos

Fluxogramas dos cursos de Ciências Sociais UFBA, UESB, UNEB



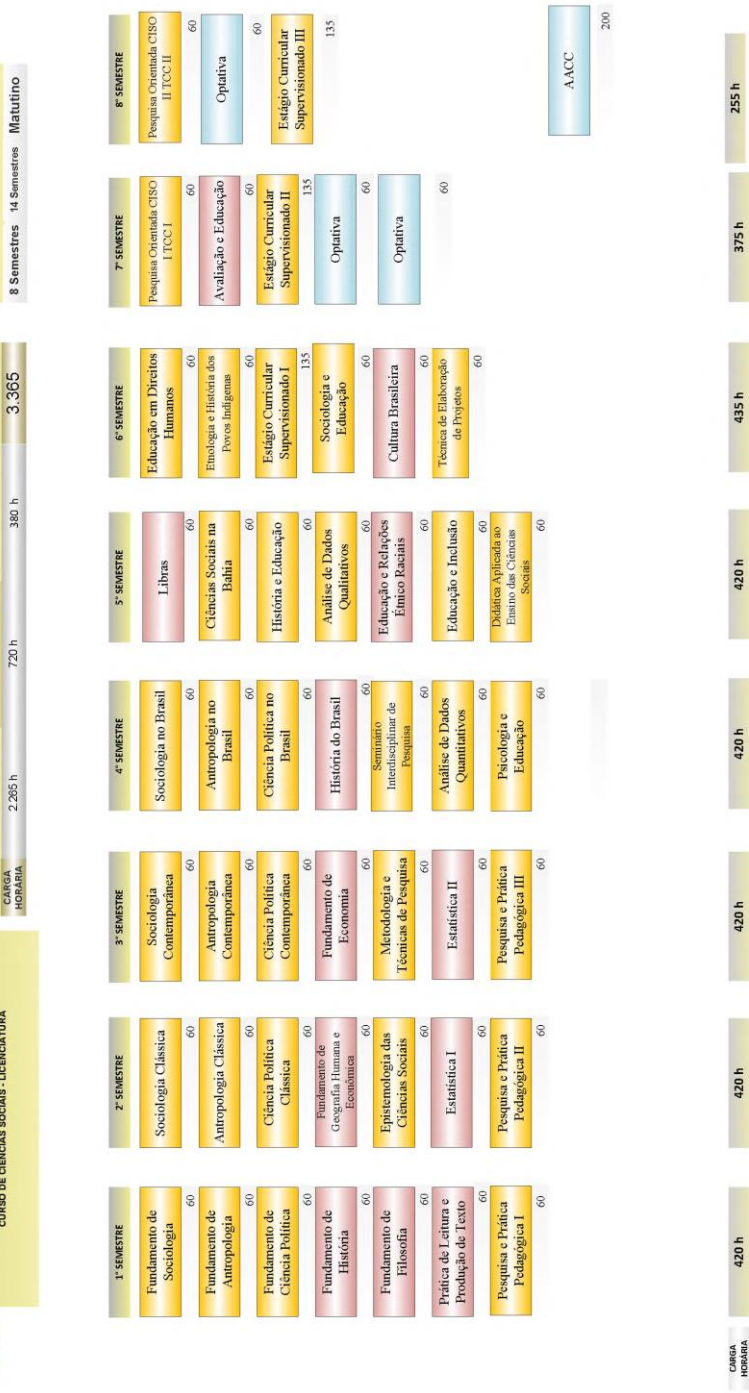
Fluxograma Redimensionado



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UEBA)
PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO (PROG/ENGRAD)
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DECI)
CAMPUS I - SALVADOR/BA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA

INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR		
Formação Específica (F.E.) 2.265 h	Formação Complementar (F.C.) 720 h	Formação Livre (F.L.) 380 h
TOTAL		3.365

DURAÇÃO EM SEMESTRE MÍNIMA	DURAÇÃO EM SEMESTRE MÁXIMA	Turno de Funcionamento
8 Semestres		14 Semestres
Matutino		



LEGENDA:
█ EIXOS ARTICULADORES
█ Formação Complementar
█ Formação Livre
█ Formação Específica

CARGA HORÁRIA

200

AACC



Fluxograma Redimensionado

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
 PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO (DEED)
 CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - BACHARELADO

INTEGRALIZAÇÃO CURRICULAR

FORMAÇÃO ESPECÍFICA FORMAÇÃO COMPLEMENTAR FORMAÇÃO LIVRE TOTAL

CARGA HORÁRIA 1.862h 682h 500 3.020

DURAÇÃO EM SEMESTRES MÍNIMA DURAÇÃO EM SEMESTRES MÁXIMA Turno de Funcionamento

8 Semestres **14 Semestres** **Matutino**

Semestre	1º SEMESTRE	2º SEMESTRE	3º SEMESTRE	4º SEMESTRE	5º SEMESTRE	6º SEMESTRE	7º SEMESTRE	8º SEMESTRE
Carga Horária	360 h	360 h	360 h	420 h	420 h	390 h	330 h	180 h
Formação Específica	Fundamento de Sociologia (60)	Sociologia Clássica (60)	Sociologia Contemporânea (60)	Sociologia no Brasil (60)	Ciências Sociais na Bahia (60)	Etnologia e História dos Povos Indígenas (60)	Pesquisa Orientada CISO I TCC I (60)	Pesquisa Orientada CISO II TCC II (60)
Formação Complementar	Fundamento de Antropologia (60)	Antropologia Clássica (60)	Antropologia Contemporânea (60)	Antropologia no Brasil (60)	Pesquisas, Práticas e Contemporaneidade de Sociologia (60)	Estágio Curricular I (90)	Optativa (60)	Estágio Curricular III (120)
Formação Livre	Fundamento de Ciência Política (60)	Ciência Política Clássica (60)	Ciência Política Contemporânea (60)	Ciência Política no Brasil (60)	Optativa (60)	Técnicas de Elaboração de Projetos (60)	Optativa (60)	
Formação Específica	Prática de Leitura e Produção de Texto (60)	Epistemologia das Ciências Sociais (60)	Metodologia e Técnicas de Pesquisa (60)	História do Brasil (60)	História e Cultura Afro Brasileira (60)	Pesquisas, Práticas e Contemporaneidade de Antropologia (60)	Estágio Curricular II (90)	
Formação Complementar	Fundamento de História (60)	Fundamento de Geografia Humana e Econômica (60)	Fundamento de Economia (60)	História do Brasil (60)	Sociologia do Conhecimento (60)	Optativa (60)	Pesquisas, Práticas e Contemporaneidade de Ciência Política (60)	
Formação Livre	Fundamento de Filosofia (60)	Estatística I (60)	Estatística II (60)	Análise de Dados Quantitativos (60)	Análise de Dados Qualitativos (60)	Cultura Brasileira (60)		
Formação Específica				Psicologia Social (60)	Pesquisas e Metodologias com Software Aplicadas às Ciências Sociais (60)			
Formação Complementar								
Formação Livre								
AC								200

█ FORMAÇÃO ESPECÍFICA
 █ FORMAÇÃO COMPLEMENTAR
 █ FORMAÇÃO LIVRE
 █ FORMAÇÃO ESPECÍFICA